



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-**  
**GRADUAÇÃO – PROP**  
**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-**  
**GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**



**REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO E (DE)COLONIALIDADE EM *INÉS DA***  
***MINHA ALMA*, DE ISABEL ALLENDE**

**TERESINA – PI**  
**ABRIL / 2024**

**REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO E (DE)COLONIALIDADE EM *INÉS DA  
MINHA ALMA*, DE ISABEL ALLENDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Piauí – UESPI, para obtenção do título de mestre em Teoria da Literatura. Área de Concentração: Literatura e Cultura, Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.

**TERESINA – PI  
ABRIL / 2024**

A162r      Abreu, Maria do Socorro de Araujo.  
              Representações do feminismo e (de)colonialidade em *Inês da  
              Minha Alma*, de Isabel Allende / Maria do Socorro de Araujo Abreu. –  
              2024.  
              113 p.

              Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí –  
              UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – *Campus*  
              Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2024.

              “Orientadora Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.”

              “Área de Concentração: Literatura e Cultura.”

              1. Isabel Allende.    2. Feminismo.    3. (De)Colonialidade.  
I. Título.

CDD: 801.95

**MARIA DO SOCORRO DE ARAUJO ABREU**

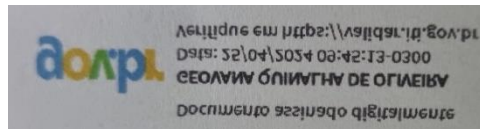
**REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO E (DE)COLONIALIDADE EM *INÉS DA MINHA ALMA*, DE ISABEL ALLENDE**

**BANCA EXAMINADORA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Piauí (UESPI), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura, Área de Historiografia e Memória Cultural. Defendida e aprovada aos 02 dias do mês de abril de 2024.

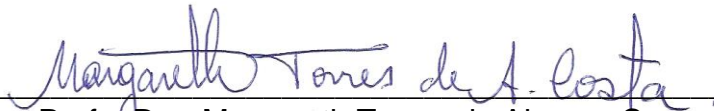


Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes  
(Orientadora – Universidade Estadual do Piauí – UESPI)



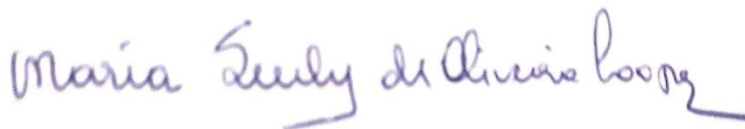
---

Profa. Dra. Geovana Quinalha de Oliveira  
Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa  
(1ª Examinadora – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS)



---

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa  
(2ª Examinadora – Universidade Estadual do Piauí – UESPI)



---

Prof(a). Dr(a). Maria Suely de Oliveira Lopes  
(Convitada – Universidade Estadual do Piauí – UESPI)

*Ao meu filho, Vitor Abreu, poema que rima  
minha vida em contexto de amor!  
À minha mãe, Geneva Abreu, pelo exemplo de  
mulher que sempre me instiga e inspira!*

## **AGRADECIMENTOS**

Na tessitura do conhecimento a caminhada, apesar de solitária e insólita, não se faz sozinha, e que bom que assim seja, pois muito tenho a agradecer aos que estiveram presentes na construção de mais uma etapa do crescimento e, diga-se de passagem, não só intelectual! Caminhada longa e árdua, sem dúvida e, ainda, inacabada!

Aos que já não mais alcanço fisicamente guardo a saudade e as boas lembranças e aos que ainda comigo vicejam na vida minha gratidão, meu respeito e minha sincera amizade, dentre esses destaco com muito orgulho:

À divindade que em mim habita e faz morada enquanto transitoriamente usufruo da condição humana!

À Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes, orientadora, pelo apoio e confiança a mim despendidos.

A minha primeira, grande, singular e amada família, ABREU, porto que me acolhe e abriga das muitas tempestades por ter entendido minha ausência durante o longo tempo de silencioso estudo e escrita.

À minha segunda e linda família, CETI Prof. Paulo Machado de Resende, pela compreensão e incentivo na busca pelo saber.

À Iveuta Abreu, meu ANJO BOM que muito contribui para que eu encontre o centro do meu universo.

A cada um dos meus professores do mestrado que, a seu modo e dentro da sua competência acadêmica, muito colaborou para lapidar e aperfeiçoar minha aprendizagem.

À Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pela oportunidade oferecida de aprofundar e aprimorar conhecimentos.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), pela eficiência, incentivo e comprometimento com a produção acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

No decurso da história muitas foram as lutas travadas em solo americano durante o processo de conquista empreendido por nações europeias como Espanha e Portugal, por exemplo. A obra *Inés da minha alma* (2006) escrita por Isabel Allende ilustra bem um desses cenários históricos quando da ocupação do Chile e o faz através da percepção de Inés Suárez<sup>1</sup>, figura feminina que participa de modo significativo no processo de invasão e/ou ocupação do país andino. A presença de protagonistas femininas e representantes da história latino-americana é um traço marcante na escrita dessa autora, acrescente aí também o elemento memória, fator necessário e imprescindível para a construção da narrativa. Com esse trabalho objetiva-se analisar a construção da escrita feminina de Isabel Allende em *Inés da minha alma*. E, especificamente, busca-se estabelecer as características e concepções da construção da escrita feminina no romance citado; intenciona-se também relacionar os fatores imprescindíveis para a conquista do Chile na visão de Inés Suárez; além de verificar, no processo de imbricamento, a memória e a construção identitária que situam Inés no entre-lugar<sup>2</sup>. A pesquisa é de caráter explicativo, pois busca trazer à luz o fenômeno da escrita feminina, registrando, analisando e identificando suas causas; é bibliográfica quanto ao seu procedimento, tendo em vista terem sido utilizados para consulta fontes já publicadas como artigos, monografias, dissertações, teses, livros, etc. como referencial teórico para fundamentá-la. Além disso, apresenta uma abordagem qualitativa, visto que os resultados da mesma são revelados através de conceitos e ideias. Os problemas aqui levantados são os seguintes: Como se configuram as características e concepções da construção da escrita feminina no romance histórico *Inés da minha alma*, de Isabel Allende? Como é ressaltada, no campo escrito ficcional, a conquista do Chile na visão feminina de Inés Suárez? Como Inés Suárez vive o entre-lugar e a (de)colonialidade quando da conquista do Chile? Esses estudos farão um diálogo com a Crítica Literária Feminista, com a (de)colonialidade e com a teoria do romance histórico, considerando-se para tanto o olhar feminino da mulher dessa época no que diz respeito ao universo que representa o Novo Mundo. Para esta análise adotou-se os seguintes teóricos: Quijano (2014, 2018), Mignolo (2015), Vergès (2020), Lukács (2011), Santiago (2000), Souza (2022), Bonacorci (2020), Costa (2001), Branco & Brandão (2004), Canello (2021), Gouvêa (2020), dentre outros e outras. Ao final da dissertação mostrar-se-á que apesar do pensamento androcêntrico, que limita e cerceia a mulher, ela vem rompendo com muitos estereótipos e não sem razão a protagonista Inés Suárez subverte a ordem estabelecida pelo patriarcado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Isabel Allende; Feminismo; (De)Colonialidade.

---

<sup>1</sup> Optou-se por grafar o nome da personagem respeitando-se a origem espanhola.

<sup>2</sup> Embora a escrita desse termo, de acordo com as regras do Novo Acordo Ortográfico de 2009, prescinda do hífen, por se tratar de um vocábulo consagrado pela literatura com uso do mesmo, opta-se, para uso nesse trabalho, pela forma composta.

## RESUMEN

En el decurso de la historia muchas fueron las luchas trabadas en suelo americano durante el proceso de conquista emprendido por naciones europeas como España y Portugal, por ejemplo. La obra *Inés da minha alma* (2006) escrita por Isabel Allende ilustra bien uno de esos escenarios históricos cuando de la ocupación de Chile y lo hace a través de la percepción de Inés Suárez, figura femenina que participa de modo significativo en el proceso de la invasión y/u ocupación del país andino. La presencia de protagonistas femeninas e representantes de la historia latino-americana es una característica sobresaliente en la escrita de esa autora, acrecente además el elemento memoria, hecho necesario e imprescindible para la construcción de la narrativa. Con este trabajo se objetiva analizar la construcción de la escrita femenina de Isabel Allende en *Inés da minha alma*. Y, específicamente, se busca establecer las características y concepciones de la escrita femenina en la novela citada; se planea también relacionar los factores imprescindibles para la conquista de Chile en la visión de Inés Suárez; además de verificar, en el proceso de la trama, la memoria y la construcción identitaria que sitúan Inés en el entre-sitio. La pesquisa es de carácter explicativo, pues busca traer a la luz el fenómeno de la escrita femenina, registrando, analizando e identificando sus causas; es bibliográfica cuanto a su procedimiento, pues teniendo en vista que fueran utilizadas para consulta fuentes ya publicadas como artículos, monografías, disertaciones, tesis, libros, etc. como referencial teórico para embazarla. Además de eso, presenta un abordaje cualitativo, visto que los resultados de la misma son revelados a través de conceptos e ideas. Los problemas acá levantados son los siguientes: ¿Cómo se configuran las características y concepciones de la construcción de la escrita femenina en la novela histórica *Inés da minha alma*, de Isabel Allende? ¿Cómo es resaltada, en el campo escrito ficcional, la conquista de Chile en la visión femenina de Inés Suárez? ¿Cómo Inés Suárez vive el entre-sitio y la (de)colonialidad cuando de la conquista del Chile? El estudio hará un diálogo con la Crítica Literaria Feminista, con la (de)colonialidad y con la teoría del romance histórico, se considerando para tanto la mirada femenina de la mujer de esa época en lo que dice respecto al universo que representa el Novo Mundo. Para esta análisis se adoptó los siguientes teóricos: Quijano (2014, 2018), Mignolo (2015), Vergès (2020), Lukács (2011), Santiago (2000), Souza (2022), Bonacorci (2020), Costa (2001), Branco & Brandão (2004), Canello (2021), Gouvêa (2020), además de otros y otras. Al final de la disertación se intenta mostrar que a pesar del pensamiento androcéntrico, que limita y cercea la mujer, ella viene rompiendo con muchos estereotipos y no sin razón la protagonista Inés Suárez subvierte la orden establecida por el patriarcado.

**PALABRAS-CLAVE:** Isabel Allende; Feminismo; (De)Colonialidad.



## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>1 ISABEL ALLENDE E A LITERATURA LATINO-AMERICANA .....</b>	<b>13</b>
1.1 Literatura Latino-Americana em Questão .....	14
1.2 Presença das Vozes Femininas na Literatura Latino-Americana .....	27
1.3 Trajetória Bibliográfica de Isabel Allende .....	37
<b>2 INÉS DA MINHA ALMA E O ROMANCE HISTÓRICO .....</b>	<b>45</b>
2.1 Configuração do Romance Histórico Latino-Americano .....	45
2.2 Inés da <i>Minha Alma</i> e Recepção Crítica .....	51
2.3 A Conquista do Chile pela Voz Feminina de Inés Suárez .....	60
<b>3 (DE)COLONIALIDADE E ENTRE-LUGAR DE INÉS SUÁREZ .....</b>	<b>72</b>
3.1 As Interfaces da (De)colonialidade e Poder .....	72
3.2 Inés Suárez: Protagonismo Feminino em <i>Inés da Minha Alma</i> .....	85
3.3 Inés Suárez e o Entre-Lugar .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Busca-se com esse estudo analisar as questões sobre as representações do feminino, do entre-lugar e da (de)colonialidade de Inés Suárez, personagem central da obra *Inés da minha alma*, de Isabel Allende. Para tanto se considera o posicionamento e o olhar feminino do século XVI quando da conquista do Chile, objetivando ainda ressaltar a escrita feminina, além da construção do romance histórico nessa obra.

Sabe-se que a arte literária assim como as mais diversas artes, ao longo do tempo e da história, teve um predomínio elitista e eurocentrista, pois favorecem, é certo, a uma pequena parcela da sociedade e deixam à margem sua grande maioria, além de serem realizadas, geralmente, por homens brancos, heterossexuais e favorecidos economicamente. Consequentemente, nesse processo excluem-se muitos outros em detrimento de uma formação de grupos dominantes e privilegiados no grande histórico humano.

Desta forma, pouco se conhece sobre a mulher escrita por ela mesma. Some-se a isso as condições de ordens práticas que perpassam pela sociedade, como por exemplo, a educação recebida no seio familiar, a dificuldade de acesso à educação formal, o pouco incentivo ao debate público e aí vislumbra-se a razão pela qual se teve escassez de obras de autoria feminina. A representatividade dessas mulheres no mundo literário e em quaisquer outros setores sociais só se tornou possível mediante históricas e grandiosas reivindicações em movimentos revolucionários chamados feministas.

Assim, das muitas lutas empreendidas pelo feminismo foi-se realizando conquistas e tornando possível um posicionamento da mulher frente aos acontecimentos, fossem eles históricos ou pessoais. E desta forma chega-se a escritora Isabel Allende e sua obra *Inés da minha alma*.

Analisar a personagem Inés Suárez, de Isabel Allende, enquanto mola mestra para a fundação do Chile exige um olhar para além da narrativa, pois é possível encontrar dados históricos que comprovam a existência dessa personagem. Contudo, apesar de seus feitos e contribuições quem é evocado no processo colonial do Chile é Pedro de Valdivia, muito embora ter sido sua amante

a responsável pela sobrevivência da comitiva na travessia do deserto de Atacama ou mesmo ter pego em armas para lutar de forma igual contra os nativos.

É pelo prisma de Isabel Allende, escritora latino-americana, tida por muitos como grande contribuidora para o mundo das letras, além de criadora de tipos femininos fortes e cativantes, que se traz para o centro da narrativa a protagonista Inés Suárez (1507-1580) no livro *Inés da minha alma*, a respeito do qual nos deteremos ao logo desse trabalho. Para tanto nos valeremos para fundamentação teórica de Quijano (2014, 2018), Mignolo (2015), Vergès (2020), Lukács (2011), Santiago (2000), Souza (2022), Bonacorci (2020), Costa (2001), Branco & Brandão (2004), Canello (2021), Gouvêa (2020), dentre outros.

Para a construção deste estudo dividiu-se o trabalho em três capítulos de modo a relacionar a construção da escrita feminina de Isabel Allende e estabelecer as características e concepções da personagem Inés Suárez na obra supracitada e o que a torna imprescindível para a conquista e povoamento do Chile, bem como desvelar o imbricamento da memória e a construção identitária que a faz situá-la no entre-lugar.

O Primeiro Capítulo traz uma explanação sobre o panorama da literatura na América Latina, destacando-se aí a presença das vozes femininas que por muito tempo permaneceram anônimas e invisíveis. Dentro desse contexto ressalta-se Isabel Allende, autora de muitos livros ficcionais e sobre quem muito se apregoa na construção de personagens femininas fortes e destemidas.

O Segundo Capítulo apresenta a construção do romance histórico e o relaciona com a obra *Inés da minha alma*, para isso faz-se uma análise do livro em questão considerando a recepção crítica do mesmo, para daí vislumbrar como, através do olhar da personagem feminina Inés Suárez, deu-se a conquista do Chile.

Por fim, no Terceiro Capítulo, apresentam-se os resultados pretendidos nesta pesquisa, quais sejam, analisar a construção da escrita feminina de Isabel Allende em *Inés da minha alma*, relacionando-a com os fatores imprescindíveis para a construção de tal escrita e sua relação com a (de)colonialidade, e assim estabelecer as características e concepções da personagem Inés Suárez e o protagonismo dessa mulher histórica e lendária, bem como aquilo que a situa no entre-lugar.

Por fim, chegam-se as considerações e, nesse espaço, embasada pelas teorias que fundamentaram o estudo, procura-se evidenciar o resultado da análise pretendida.

## 1 ISABEL ALLENDE E A LITERATURA LATINO-AMERICANA

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

(BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Falar de Isabel Allende e situá-la dentro do rol dos literatos latino-americanos requer, antes de mais nada, pormenorizar elementos da crítica literária, hoje ainda acessíveis, seja por meio de depoimentos, seja através de documentos que os comprovem, portanto, tais registros são possíveis considerando tratar-se de uma escritora contemporânea.

Não obstante, quando os escritos recaem sobre o aspecto pessoal da autora como a questão da ditadura militar chilena, ou a ausência da figura paterna na infância, ou a morte da filha ainda jovem, há de se considerar a trajetória dessa mulher marcada, sem dúvida, por perdas e dor. Mas por se tratar de uma figura multifacetada, soube refletir, principalmente em seus livros, o reinventar-se e o fez com destreza tornando possível assim o destaque no mundo literário e é esse destaque que a põe em ascensão e a coloca como a autora de língua espanhola mais lida no mundo, pois conta com 74 milhões de exemplares traduzidos para cerca de 40 idiomas.

No que diz respeito à literatura latino-americana, entende-se ser essa a literatura escrita em língua espanhola e principalmente pelos países da América do Sul, América Central, México, Cuba, Porto Rico e parte das Índias Ocidentais. É importante ressaltar que falar da literatura latino-americana é diferente de falar de literatura hispano-americana, pois nesta se inclui países que, apesar de terem a língua espanhola como idioma oficial, fazem parte do continente europeu.

Assim, nesse capítulo pretende-se aumentar o lume a respeito da escritora Isabel Allende, bem como sobre a literatura latino-americana. Para tanto, fez-se um levantamento panorâmico dessa literatura para entender sua origem e a configuração em países dominados e subjugados pela Europa. Também aqui se destaca a presença das vozes femininas que compuseram dita literatura para então se acercar da trajetória de Isabel Allende, enquanto literata,

para daí entender o salto quantitativo e qualitativo que deu a escritora e a pôs em destaque e ascensão internacional.

### 1.1 Literatura Latino-Americana em Questão

De acordo com Plácido (2020), falar da literatura latino-americana é fazer um tour pelas “Novas Terras”. Atribuiu-se o termo “Novas Terras” às terras colonizadas pelos europeus e hoje denominadas América, essa denominação marcava e ressaltava a oposição ao Velho Continente.

Esse ambiente, ainda incógnito, que motivou muitos sonhos de cobiça, estava envolto de encanto, deslumbramento e grande utopia. A visão inicial que se tem dessas terras, ainda considerando Plácido (2020, p. 14)

era de um lugar exótico, paradisíaco, abundante de natureza e mágico. Este novo mundo era descrito com muitos exageros e apreciado pelo futuro grandioso que alcançaria, a utopia fazia parte das descrições textuais e dos pensamentos de seus receptores, um exemplo desses textos eram as cartas que Cristóvão Colombo escrevia e remetia à corte Espanhola. Já nesses primeiros documentos observava-se o tom de deslumbramento e exaltação do povo e da natureza exótica.

Corroborando com a fala de Plácido, abaixo, tem-se um trecho da carta de Cristóvão Colombo datada de 1493, escrita em espanhol e dirigida aos reis da Espanha, Fernando e Isabel, historicamente tidos como sendo os responsáveis pelo financiamento da viagem do navegador genovês e nesta é perceptível também o tom de encanto, bem como a associação indireta que o navegador faz com o paraíso ao descrever para seus reis as novas terras:

[...] há serras, montanhas, fozes, campinas, e terras belas e férteis para plantar e semear, para criar gados de todas as sortes, para edificação de vilas e povoados. Só se crê nos portos ao mar daqui ao vê-los, e nos rios vários e grandes, e nas águas salubres, a maioria das quais traz ouro. [...] Nesta, há muitas especiarias, e grandes minas de ouro e de outros metais. As gentes desta ilha e de todas as outras que encontrei e das quais tive notícia, andam todas desnudas, homens e mulheres, assim como as mães que os parem, ainda que algumas mulheres se

cubram num único lugar com uma folha de erva, ou uma coberta de algodão feita para isto (GGN, 2013, p. 3).

Além da nomenclatura “Terras Novas” também se cunhou outra, “País Novo”, que de acordo com Candido (1972, p. 335) é uma distinção válida que não se circunscreve a um país, mas a toda a América Latina. E a respeito desse “País Novo” podia-se inferir “que todavía no había podido realizarse, pero que si atribuía a si mismo grandes posibilidades de progreso futuro<sup>3</sup>”.

Candido (1972, p. 335) ainda esclarece que:

En efecto, la idea de “país nuevo” produce en la literatura algunas actitudes fundamentales, derivadas de la sorpresa, del interés por lo exótico, de un cierto respeto por lo grandioso y de la esperanza en cuanto a las posibilidades<sup>4</sup>.

A grandiosidade das Américas é um feito que sofre alterações com o passar do tempo, no entanto não sem antes ser cantado, louvado, retratado e enaltecido pela literatura.

A literatura latino-americana tem início com a chegada dos europeus nesse continente e isso se deu no final do século XV. Porém, foi somente no século XIX que começaram a se destacar os escritores latino-americanos e aí temos um vão de mais de três séculos para esse acontecimento. Esses escritores tentavam, através da literatura, expressar e registrar suas experiências locais, bem como sua identidade cultural.

O surgimento da literatura latino-americana teve forte influência dos movimentos literários europeus, como por exemplo, o Romantismo e o Modernismo, embora tivesse um enfoque original e autêntico que refletia suas próprias experiências, culturas e necessidades e, de acordo com Gouvêa (2020, p. 2), as características eram diversas, assim como os temas.

Os escritores eram influenciados pelo movimento modernista da Europa e estadunidense e a vanguarda latino-americana do século XX. As características principais das obras consistem em

---

<sup>3</sup> que ainda não havia podido realizar-se, mas que se atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro.

<sup>4</sup> Em efeito, a ideia de “país novo” produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e de uma esperança quanto a possibilidades.

neologismos, jogos de palavras, além do universo imaginário e fantástico.

Sempre com a América Latina e suas terras natais servindo de pano de fundo para as histórias, muitas delas continham temas sobre violência, repressão governamental e racismo. Também faziam parte das narrativas casos de amor, violência e política.

Considera-se, pois como sendo literatura da América Latina os escritos produzidos pelos falantes naturais do espanhol, português e francês dos países circunscritos às Américas, ou seja, os nativos provenientes do México, América Central e América do Sul. Dita literatura começou a despontar no século XIX e tinha como diferencial o seu passado colonial. Assim, entende-se como sendo a produção das letras latino-americanas o acervo literário colonial nas suas mais diversas relações culturais com o indígena, o africano e o europeu. É importante destacar que, no que diz respeito à produção literária latino-americana, não havia, inicialmente, a preocupação com a emancipação política da América. A esse respeito é pertinente destacar o que diz Fleck (2009, p. 73):

Os poetas e narradores latino-americanos, no intuito de criar uma arte que pudesse refletir a realidade singular e peculiar deste continente – distinta da europeia pelo tropicalismo exuberante de suas paisagens e pelos habitantes nativos destas terras, vinculados profundamente à natureza idílica – lançaram-se ao ideal de, tanto na poesia quanto na prosa romântica, explorar estes temas (a natureza e o indígena) como marcas de uma arte própria, capaz de imprimir cor local às obras aqui produzidas; voltando-se, também, para o intenso processo de mestiçagem que formou as nações latino-americanas.

No período que vai de 1960 a 1970, obras de escritores da América Latina despontaram em diversas partes do mundo, ganhando assim a simpatia estrangeira, principalmente dos europeus. Dessa forma surge o movimento conhecido como “boom latino-americano”. Nesse movimento, romancistas latino-americanos, através de suas letras, saem da circunscrição do território latino e ganham reconhecimento para além de suas fronteiras, como bem evidencia Santos (2023, p. 1):

Há quase 50 anos, a América Latina surpreendeu e, em alguma medida, conquistou o mundo por meio da ficção. Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Alejo Carpentier, Carlos Fuentes,



Julio Cortázar e outros autores publicaram obras que tiveram ressonância no próprio continente, nos Estados Unidos e na Europa. Foi o chamado boom literário latino-americano.

É possível perceber que os literatos latino-americanos motivados pela expressão de pensamento, nas suas mais variadas formas de produção artístico-cultural, impulsionaram uma atividade criativa envolvendo os mais diversos países que compõem o continente latino e em torno de escritores como, para citar alguns:

Adolfo Bioy Casares, Argentina; Alejo Carpentier, Cuba; Agustín Yáñez, México; Augusto José Antonio Roa Bastos, Paraguai; Carlos Fuentes, Panamá; Elena Garro, México; Emmanuel Carballo, México; Ernesto Sábato, Argentina; Gustavo Álvarez Gardeazábal, Colômbia; João Guimarães Rosa, Brasil; Jorge Amado, Brasil; José Donoso Yáñez, Chile; José Lezama Lima, Cuba; Jorge Luis Borges, Argentina; Juan Rulfo, México; Julio Cortázar, Argentina; Luis Spota Saavedra, México; Manuel Puig, Argentina; Miguel Ángel Asturias, Guatemala; María Luisa Bombal, Chile; Sergio Fernández Cárdenas, México (GOUVÊA, 2020, p. 3).

Pelo dito acima se observa que o boom latino-americano envolveu quase todos os países da América Latina, lançando escritores, até então desconhecido, para países europeus e assim tornando possível o desvelar de suas realidades, bem como seus posicionamentos frente a elas através de seus escritos.

Embora seja possível delimitar o início e o término desse movimento literário há divergência no que diz respeito à obra inaugural que incitou tal evento. Veja-se o que nos esclarece Santos (2023, p. 1) a esse respeito:

O marco inicial do fenômeno foi a publicação em 1967 de *Cem anos de solidão*, romance de Gabriel García Márquez – apesar de o crítico e pesquisador uruguaio Ángel Rama apontar *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, publicado em 1963, como a obra deflagradora do boom.

Embora o “boom literário” latino-americano tenha sofrido influência do Modernismo da Europa e da América do Norte, não é menos verdade que dito evento não encontrasse respaldado no movimento de vanguarda da América Latina tendo em vista que, para tanto, contava-se com um ímpeto de renovação

e atualização de valores e assim buscou-se instaurar a modernidade tanto de pensamento quanto de expressão e em uma época revolucionária, como deixa claro Gouvêa (2020, p. 1) ao comentar sobre o assunto:

[...] o que se pode afirmar é que o boom literário aconteceu na época da Guerra Fria e após a Revolução Cubana<sup>5</sup>. Com a destituição do ditador Fulgencio Batista, em 1959, Cuba e a América Latina tinham esperanças de uma nova era e de chamarem a atenção para este lado do continente, de uma forma que impactasse e gerasse uma visão positiva da região.

Há ainda quem considere dois aspectos fundamentais em torno dos quais se reuniram os escritores latino-americanos ao abordarem o tema em sua diversificada literatura, o aspecto político proporcionado pela Revolução cubana e a função da literatura evidenciada por Sartre. Para aclarar esse assunto, Costa (2001, p. 1), fundamentado em Raymond L. Williams, informa que:

se analisarmos os ensaios, as declarações e os comentários políticos de vários escritores desse período, perceberemos logo de início dois elementos importantes: o primeiro foi que grande parte da comunidade de escritores, ainda dispersa, passou a se reunir em torno de um mesmo programa político comum: a Revolução Cubana; segundo, a forma como encaravam a função da literatura baseava-se, em grande medida, no livro de Sartre *Que é a Literatura?* Contudo, essa politização da arte não significou a adoção do realismo socialista ou uma conduta dogmática, muito pelo contrário, os escritores rechaçaram o realismo russo e abraçaram o realismo fantástico.

O sucesso alcançado pelos autores no boom latino-americano deu-se não somente por terem os primeiros romances traduzidos para outros idiomas e conseguirem alcançar e cativar a Europa, mas aí também se inclui seus posicionamentos frente às ações políticas e sociais da época, contando ainda com o fato de que muitos deles puderam atingir mercados e audiências para além da fronteira latino-americana através de traduções e viagens e, muitas vezes, até mesmo pelo exílio a que foram submetidos.

---

<sup>5</sup> A Revolução Cubana foi um movimento armado e guerrilheiro que culminou com a destituição do ditador Fulgencio Batista de Cuba no dia 1 de janeiro de 1959 pelo Movimento 26 de Julho liderado pelo guerrilheiro revolucionário Fidel Castro.

Deve-se ressaltar que os escritores latinos escreviam antes do boom literário, porém só alcançaram feitos espetaculares quando considerado o marco que desencadeou o deslanche da literatura na América Latina, isto é, do boom, como explica Rama (1981, p. 185):

Quase todos os escritores já vinham publicando seus romances na América Latina e Europa antes do boom. Contudo, eram obras que não alcançavam uma difusão massiva e eram conhecidas apenas por um pequeno círculo de leitores. Assim, antes dos anos 60, as obras de Cortázar, Asturias, Onetti ou Borges apenas alcançavam edições de 2.000 exemplares, que permaneciam por longos anos em livrarias sem que se esgotassem. No momento do boom, as mesmas obras alcançaram tiragens de 20.000 exemplares anuais e com bastante frequência se esgotavam, o que exigia duas ou três edições ao ano.

Note-se que com o boom literário deflagra-se o fenômeno da leitura e consequentemente a propagação das informações desta parte do globo que até então permaneciam anônimas para uma boa parte do mundo ou contavam apenas com visões unilaterais.

Outro aspecto importante a considerar é o período tido como sendo o marco final desse evento literário, o ano de 1973, e não sem razão assim se considera, pois de acordo com Santos (2023), que por sua vez se fundamenta em especialistas, isso se deve ao fato desse momento coincidir com o período obscuro das ditaduras militares na América do Sul.

É bem verdade que o clima político proporcionado pela revolução de Cuba tenha impactado e influenciado, de forma decisiva e imediata, o aspecto literário do continente americano, pois a ideologização vivida foi transportada para o mundo das letras, reforçando assim a crença através do poder transformador da literatura (COSTA, 2001, p. 1).

Embora alguns defendam a ideia de que o reconhecimento literário da América Latina deva-se ao fato de contar com o apoio das editoras europeias, bem como ter como figura central Cuba e sua revolução, além das inúmeras guerrilhas que despontaram nesse território, para Cortázar esse fenômeno se deu por meio dos próprios leitores e esse feito, em sua opinião, revolucionário para a América Latina, marca a primeira e formidável tomada de consciência coletiva em

todo o continente sobre a existência de si mesmo no plano intelectual e literário (BERMEJO, 2002, p. 17). A esse respeito, Cortázar assim se expressa:

[...] muito desgastante ter de repetir aos localistas que os livros responsáveis por aquilo que se chamou de boom – palavra idiota, além de tudo inglesa, ironicamente aplicada ao contexto latino-americano – e que determinaram a irrupção de uma nova literatura latino-americana, foram livros escritos por sujeitos que não estavam lá. García Márquez, Vargas Llosa, eu; sem dúvida gente que tinha o que dizer latino-americanamente. A prova foi a reação admirável dos leitores latino-americanos: surgiu na América Latina uma consciência sobre os seus escritores que até então não existia.

Percebe-se que Cortázar é bem enfático em sua crítica, principalmente no que diz respeito ao nome dado ao movimento, pois nada mais paradoxal se ter uma revolução no mundo das letras no continente latino e atribuir a esse movimento uma palavra de cunho inglês. Mas não resta dúvida que o “boom literário” possibilitou o conhecimento dos escritores latino-americanos pelos próprios americanos, além de poder ver retratado em suas narrativas as múltiplas e díspares realidades que ali se vivenciava.

Ainda a respeito da adoção do termo “boom” para o movimento literário latino-americano, de acordo com Costa (2001, p. 3, apud DANOSO, 1983, p. 13), a crítica não se limita apenas ao exposto por Cortázar, Danoso fundamenta sua análise e vai um pouco mais longe ao buscar o significado da palavra em questão:

o vocábulo nada tinha de neutro, pelo contrário, estava carregado de conotações pejorativas, pois boom é uma onomatopéia que significa estalido, porém o tempo lhe tem agregado o sentido de falsidade, de erupção que sai do nada e tem curta duração. De forma que o vocábulo, em seu sentido literal, para muitos escritores, não se aplicava à literatura latino-americana da época.

No que se refere ao apoio das editoras, veja-se o que Santos (2023, p. 2) informa acerca do posicionamento da professora de Literatura hispano-americana, Ana Cecília Olmos:

A professora de literatura hispano-americana da Universidade de São Paulo (USP) Ana Cecília Olmos explica que o boom da literatura latino-americana aconteceu durante um período

favorável, entre os anos 1960 e 1970, com estabilidade econômica nos países, o que permitiu a editoras locais investir nas obras de autores, então, promissores. Além disso, naquele contexto também houve democratização do acesso à escola e à leitura e um consequente aumento do número de leitores.

Percebe-se que o boom literário se torna possível e visível não pelo isolamento de um aspecto, mas sim pela confluência de inúmeros fatores como período propício, estabilidade econômica, além da democratização do acesso à escola e à leitura, fatores que juntos tecem o fenômeno e dão vida e cor ao movimento literário.

De acordo com Márquez (1989, p. 338), ao analisar o aspecto comercial que alavancou o boom latino-americano, é preciso considerar não só a qualidade literária, mas também o impulso das editoras locais e europeias, bem como e, sobretudo, a revolução que aconteceu em Cuba. Todos esses fatores contribuíram para tornar conhecida a história e a cultura americanas através de sua literatura.

A grande importância cultural de Cuba na América Latina foi servir como uma espécie de ponte para transmitir um tipo de literatura que existia na América Latina há muitos anos. Em certo sentido, o boom da literatura latino-americana nos Estados Unidos foi causado pela Revolução Cubana. Todos os escritores latino-americanos dessa geração já vinham escrevendo há vinte anos, mas as editoras europeias e norte-americanas tinham muito pouco interesse neles. Quando a Revolução Cubana começou, houve, subitamente, um grande interesse por Cuba e pela América Latina. A revolução virou um artigo de consumo. A América Latina entrou em moda. Descobriram que existiam romances latino-americanos suficientemente bons para serem traduzidos e equiparados ao resto da literatura mundial.

Para Santos (2023, p. 3-4), ao buscar-se uma justificativa para o fato de escritores brasileiros não terem conseguido o mesmo destaque que os literatos espanhóis no boom latino-americano, o autor, baseando-se no esclarecimento de Claudio Celso Alano Cruz, informa que:

o êxito do boom também se deve, entre outras questões, ao fato de a comunidade de língua espanhola ser ampla. “Creio que aí há uma concordância generalizada, e por outro lado essa situação explica também o motivo pelo qual autores brasileiros

não puderam se beneficiar desse fenômeno, apesar da língua portuguesa ser tão próxima à espanhola”.

É preciso considerar também que há divergências entre os escritores do boom literário do continente americano no que diz respeito ao aspecto comercial, pois de acordo com Costa (2001, p. 1):

o boom não foi apenas um fenômeno comercial, mas também a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América Latina. Nesse período, foram produzidos vários livros de alto valor literário que ganharam projeção internacional.

Considerando à projeção internacional da literatura latino-americana, vale destacar o que Gouvêa (2020, p. 2) evidência:

O realismo mágico era tradicionalmente usado nas obras e serviu para explicar os temas políticos, amorosos e sociais. Um exemplo dessa nova literatura é o clássico “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez – mais conhecido como Gabo. Este livro, inclusive, já vendeu mais de 50 milhões de exemplares e foi traduzido para 46 línguas diferentes, além de ser o responsável em fazer Márquez ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, em 1982.

A façanha de um escritor latino-americano com uma de suas obras lida e apreciada mundialmente, além de ganhador do Nobel de Literatura, evidencia o tamanho da importância e relevância do bom literário na parte ocidental do mundo.

Mas não só de Gabriel Garcia Marques vive a América Latina. De acordo com Gouvêa (2020, p. 4) outros livros tiveram reconhecimento nessa época, são eles:

“O Jogo da Amarelinha” (1967), de Julio Cortázar; “A morte de Artemio Cruz” (1962), de Carlos Fuentes; “O lugar sem limite” (1966), de José Donoso; “A traição de Rita Hayworth” (1968), de Manuel Puig; “O túnel” (1948) de Ernesto Sabato; “A Cidade e os Cachorros” (1963), de Mario Vargas Llosa.

Gouvêa (2020, p. 4) ainda chama a atenção para o fato de diferentes escritores latinos receberam um Nobel de Literatura, sendo eles:

Miguel Ángel Asturias, em 1967 com o livro “O Senhor Presidente”, Mario Vargas Llosa, no ano de 2010, por ‘sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revolta e derrota individual’. E como já citado acima, Gabriel García Márquez, com “Cem Anos de Solidão”, em 1982.

Nesse vasto campo do mítico boom em que teve proeminência a produção singular das letras latino-americanas, merece destaque os romances que apesar da beleza e da originalidade narrativas não conseguiam ultrapassar os umbrais de um pequeno círculo de leitores antes do boom literário.

O impacto desse acontecimento, o boom literário na América, foi capaz de ressignificar o continente latino e, no dizer de Gouvêa (2020, p. 4-5):

esse movimento tinha o objetivo de tirar a imagem preconceituosa que países da Europa e os Estados Unidos tinham da América Latina, sendo que um dos principais impactos foi de mostrar para o resto do mundo que os latino-americanos eram capazes de produzir cultura e elementos positivos, e não apenas ditaduras – que aconteciam em praticamente todo o continente na época, financiados pelos Estados Unidos.

Além disso, o movimento impactou os futuros escritores – e não só latinos. Em uma matéria publicada no portal *El País*, sob o título de “Boom latinoamericano: Universo en expansión”, publicada em 17/11/2012, diversos autores disseram a importância do boom latino para suas vidas e carreiras.

Ainda considerando Gouvêa (2020, p. 5), é oportuno destacar o que pensavam escritores de outras nacionalidades, portanto fora do círculo literário latino-americano, a respeito desse movimento que revolucionou e impactou esse continente:

O escritor estadunidense Gay Talese afirmou que se sentia em dívida com a manifestação literária, porque foi a partir dos livros lançados na época e dos autores do boom que veio à tona variados temas, tirando a ignorância que muitas pessoas ainda tinham sobre a América Latina.

Já o marroquino Tahar Ben Jellooun conheceu a literatura latina com “Cem Anos de Solidão” e com isto, foi dada a possibilidade dele de sonhar e imaginar histórias novas para suas narrativas. Por outro lado, o colombiano Héctor Abad Faciolince manifestou que negar a importância que o boom teve posteriormente é absurda. Ele ainda declarou que todos devem ser agradecidos a escritores que abriram às portas do mundo e dos leitores.

Também é perceptível esse reconhecimento em autores nacionais, como deixa claro Gouvêa (2020, p. 5):

Carlos Fraz, autor chileno disse que não se pode matar o boom latino-americano e o que ele representa, pois ele é imortal e segue vivo. Outra escritora que reiterou a importância do boom foi a mexicana Guadalupe Nettel. Ela afirmou que o movimento lhe mostrou que se deve escrever a partir do que somos.

O boom literário latino-americano não se limitou a repercutir e influenciar mundialmente, mas também a conscientizar os próprios latinos, além de fazer repensar suas realidades, além de proporcionar um novo olhar a respeito das teorias europeias que, de acordo com Santos (2023, p. 02), não mais se sustentavam:

quase que simultaneamente ao fenômeno do boom, começava a ser descoberto, e avaliado, pelo Ocidente em “O narrador”, texto do filósofo e crítico Walter Benjamin escrito em 1936. A tese principal desse célebre ensaio é de que o sujeito moderno estaria perdendo, gradativa e irreversivelmente, a capacidade de narrar a própria experiência, em função de uma série de transformações históricas e sociais que o autor explica ao longo do texto.

Os caminhos desbravados pelos escritores latino-americanos, através da ficção, proporcionaram uma recriação da vida americana e a impulsionar novas obras que passaram a circular nos mais diversos idiomas e países.

Santos (2023, p. 4), considerando o professor Claudio Celso, afirma que o maior benefício do boom latino-americano reside no fato de, a partir daí esse povo poder contar com um conjunto de características que o distingue dos demais, sendo possível, pois, uma individualização que por sua vez resulta em uma identidade pertencente e pertinente a esse povo e, desta forma, o distancia da influência europeia:

Do ponto de vista estritamente latino-americano, acredito que o maior legado [desse movimento] foi no sentido de estabelecer definitivamente uma identidade própria para os escritores dessa região do mundo que, até então, eram vistos – e, o que é mais importante, muitos deles ainda se viam – apenas como discípulos dos grandes mestres europeus”, afirma o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Claudio Celso



Alano da Cruz. Contrariando todas as expectativas, completa Cruz, um desses escritores passou a ser visto desde então como um verdadeiro mestre para as novas gerações europeias que estavam despontando naquele momento: Essa era uma façanha, digamos assim, absolutamente inédita para um escritor latino-americano. Refiro-me, claro, ao argentino Jorge Luis Borges.

A leva de literatos latino-americanos que despontou mundialmente através do boom entre as décadas de 1960 a 1970, além de, através de sua ficção proporcionar uma identidade para a tão cobiçada América Latina, o fez por intermédio de um imaginário reconhecido mundialmente, porém difícil de ser seguido pelos novos escritores, a esse respeito, assim se expressa Santos (2023, p. 4):

Maurício de Bragança acredita que o êxito do boom, em âmbito mundial, foi tão impressionante que acabou criando uma “camisa de força” para as gerações seguintes. “Sob uma certa perspectiva, o boom ajudou a engessar uma identidade para a América Latina forjadora de um imaginário mundial que permaneceu por várias décadas. Isso foi recebido de forma muito problemática pelas novas gerações que tiveram como desafio enfrentar essa espécie de projeto que acabava por reduzir as múltiplas possibilidades estéticas e narrativas do continente aos parâmetros trabalhados pela geração do boom.

Como evidenciado acima, o boom literário americano não pode ser visto e julgado apenas pelo aspecto positivo que tanto encantou o mundo, é preciso considerar o legado deixado para a geração futura que muita dificuldade teve para seguir os passos da herança literária recebida, como bem esclarece Santos (2023, p. 4):

Naquele momento, anos 1990, alguns escritores latinos que nasceram nos anos 1960 sinalizavam estar em busca de liberdade. “Liberdade que significa não se sentir obrigado a se disfarçar de latino-americano o tempo todo. Liberdade para poder escrever sobre qualquer tema, libertando a literatura de qualquer representação feita na América Latina, inclusive experimentando narrar em outras línguas”.

Ao falar do boom latino-americano pouco se evidencia a heterogeneidade literária da época, quase que em sua totalidade evidenciam-se apenas os

romances, contudo outros gêneros textuais merecem destaque como deixa claro Santos (2023, p. 4) apropriando-se da fala de Ana Cecília, professora da USP:

O legado do boom, salienta a professora da USP, é heterogêneo. “Por causa do sucesso de *Cem anos de solidão*, com tiragem inicial de 10 mil exemplares em 1967, algo surpreendente para a época, muitas vezes a tendência é reduzir o boom ao Realismo Mágico. Mas os escritores latino-americanos não escreveram apenas romances. Também teve ensaio e excelentes contistas. É preciso não perder de vista a heterogeneidade”.

Atualmente persiste no continente latino-americano a preocupação com as narrativas, pois na busca por novidade, muitos terminam por reproduzir conteúdos que se aproximam de relatos autobiográficos. Para trazer esclarecimento a esse respeito, Olmos (2010, p. 34, apud, LIBERTELLA, 2004, p. 38) assim informa:

la búsqueda de lo nuevo en literatura dio lugar a una proliferación de relatos que transitan entre la ficción y las formas autobiográficas para proponer una versión inquieta, trastornada, de la autobiografía, “ese género – dice el escritor argentino – tan omnímodo como género que no dejaba satisfecho a nadie y menos al autor cuando empezaba a darle a su propia vida la explicación de un cuento (y no siempre se lo creía)”<sup>6</sup>.

Não resta dúvida que o boom latino-americano, enquanto fenômeno literário, alavancou as narrativas do lado ocidental do planeta e tornou possível mostrar ao mundo a excelência em literatura do cobiçado continente, mas também surgiram desentendimentos pessoais entre os escritores, por exemplo, entre García Márquez e Vargas Llosa, o que torna possível inferir que nem tudo foi perfeição e sucesso.

Dentro desse vasto universo que é a literatura latino-americana, muitas vozes femininas se fizeram ouvir, abrindo assim a oportunidade para que muitas outras se juntassem e ecoassem na contemporaneidade.

---

<sup>6</sup> a busca do novo na literatura deu lugar a uma proliferação de relatos que transitam entre a ficção e as formas autobiográficas para propor uma versão inquieta, desordenada, da autobiografia, “esse gênero – diz o escritor argentino – tão abrangente como gênero que não deixava ninguém satisfeito e menos ainda o autor quando começava a dar sua própria vida como explicação de um conto (e nem sempre acreditava).

Seguindo esse raciocínio, buscou-se, à guisa de elucidação, a escrita de Isabel Allende que bem depõe, seja através da vida ou da literatura, a grandiosidade do que se tornou as Américas.

A seguir nos deteremos um pouco mais sobre essas muitas vozes femininas que ecoaram no passado da América Latina e que hoje despontam como grandes literatas.

## **1.2 Presença das Vozes Femininas na Literatura Latino-Americana**

O tema mulher e literatura até bem pouco tempo atrás era algo impensável, para não dizer improvável, porém com o passar do tempo a excentricidade do fato foi cedendo ao lugar comum e naturalmente, tendo em vista o interesse e a necessidade de estudos e pesquisas nessa área, deu-se ênfase a este ser.

É bem verdade que essa ênfase não surge motivada pelo acaso, mas sim impulsionada pelo movimento feminista, que dentre muitas pautas e reivindicações, tratou de destruir o mito da inferioridade supostamente tida como natural e assim resgatar a condição de sujeito na investigação da própria história, como também rever, de maneira crítica, o que os homens a seu respeito escreveram.

Discorrer sobre as muitas vozes que configuraram o que hoje chamamos de Literatura Feminina Latino-Americana, requer deter-se sobre a invisibilidade que acompanhou ditas mulheres e, para abordar tal tema, faz-se mister um olhar a respeito da perspectiva feminista e os seus desdobramentos, bem como do que daí decorre para as muitas mulheres que tiveram não só suas vozes silenciadas, mas também suas escritas depreciadas, além de negligenciadas.

A América Latina, nos seus primórdios, era habitada principalmente pelos indígenas, seu povo originário, mas logo depois chegaram os colonizadores que os escravizaram. Também de várias regiões da África vieram, ainda que a contragosto, os negros e surge então esse grande mosaico humano que destoa do europeu. Mas há quem diga que atualmente esse vasto continente apresenta

mais elementos ameríndios e africanos do que propriamente latino (SOUZA, 2022).

Voltando ao tema da escrita feminina latino-americana, cabe destacar que os processos que levaram a uma invisibilidade da mulher escritora na América Latina tem uma perspectiva decolonial na medida em que subjugada, consequentemente silenciada e, portanto, varrida historicamente para debaixo dos ditames masculinos.

Um dos fatores que muito contribuiu para que as mulheres permanecessem anônimas na literatura deve-se ao fato de por muito tempo o acesso formal à educação ter sido um valor despendido exclusivamente aos de gênero masculino, também é importante considerar a educação recebida no seio familiar, tendo em vista que a mulher era preparada para ser dona de casa e não uma debatedora em espaços públicos, o que não implica dizer que não debatiam.

Ao longo da história a mulher foi silenciada, destituída de liberdade e pautava sua vida em função do homem que a detinha, fosse ele o pai e, na ausência deste, o irmão ou o marido. Sua vida estava limitada ao contexto privado e com encargos que a confinavam ao lar e as responsabilidades advindas do matrimônio. E se lhe era permitido sair dessa reclusão, exigia-se dela uma postura social adequada condizente ao que era imposta à mulher daquela época. Nisso, desejos, sonhos e anseios femininos eram apagados, tendo sua subjetividade totalmente depreciada em função do sujeito masculino e do *status* demandados pela sociedade.

Nos mais variados discursos que impregnaram/impregnam as sociedades, vozes se levantavam/levantam para legitimar a desigualdade que houve/há e, para alguns, até mesmo natural, entre homens e mulheres.

Falar da luta que acompanha as mulheres ao longo da história, requer, antes de tudo, sensibilidade, pois deve-se considerar que dita história tem o tom masculino vigente e esse é o discurso que se sobrepõe ao feminino, seja de forma explícita ou velada, sem contar ainda que o feminismo foi visto por muitos como sendo um inimigo a ser combatido. A esse respeito, veja-se o que esclarece Garcia (2011, p. 120):

o feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater e não que segundo a época e a realidade de cada país existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos.

A presença da mulher nas suas mais diversas manifestações sociais é conquista recente, mas isso não implica dizer que ditas mulheres se mantiveram anônimas anteriormente, o que se põe de manifesto é que a força e a voz de muitas mulheres, contemporaneamente tornaram-se visíveis e audíveis, mas por muito tempo foram desconsideradas e não receberam o registro e a importância devidos.

Alves e Pitanguy (1991) evidenciam que a existência feminina, não sem razão, é marcada pela sujeição e controle masculinos. Esse controle acontece desde a realização de tarefas domésticas até a conveniência da remuneração inferior quando equiparada ao do sexo oposto, passa ainda pelo viés do comando moral, pois quando se põe em relevo o mesmo crime a punição é diferenciada, considerando-se o binômio homem/mulher.

Precisar o nascimento do Movimento Feminista é um feito quase que impossível, mas apelando-se para Alves e Pitanguy (1991) é possível dizer que no século XVII, na grande América, destacava-se uma voz feminina de insubordinação, tratava-se de Anne Hutchinson (1563-1645), uma religiosa que dizia terem sido “homem e mulher criados igualmente por Deus”. Essa fala lhe rendeu a expulsão da comunidade onde vivia, mas não calou seu discurso nem ao de seus simpatizantes.

Apesar do surgimento das Revoluções no século XVIII e seus ideias de liberdade, tal liberdade não chegou para o gênero feminino. E com o surgimento do capitalismo a mulher passa a enfrentar modificações no seu mundo de trabalho, seja através do local, deixar a casa para enfrentar as fábricas, ou da jornada de trabalho que ultrapassavam às 12 horas diárias, e ainda assim o salário não era uniforme entre homem e mulher.

Ainda considerando a luta feminina, merece destaque também a das sufragistas nos Estados Unidos e Inglaterra que exigiam o direito ao voto. Luta que durou cerca de 72 anos e, levando em conta Alves e Pitanguy (1991, p. 48),

se tal movimento não se confunde com o feminismo, serve para denunciar a exclusão da mulher na participação da vida pública.

Com o livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (1940), passa-se a denunciar as raízes culturais da desigualdade sexual, agora vista como sendo não natural, como se queria e defendia anteriormente. Essa denúncia fundamenta e alicerça a reflexão feminista.

Além de Beauvoir, merece destaque também, Kate Millet e seu livro *Política sexual* (1970), neste se percebe uma análise histórica das relações entre os sexos e se conclui que o sistema patriarcal é de dominação universal. E assim pensando, a autora inova ao afirmar que “Não se nasce mulher”, antes, tornar-se através de processos de socialização e naturalização.

Já Juliet Mitchell no livro *A condição da mulher* (1974) busca formular uma teoria que possa trazer luz aos aspectos gerais da discriminação de sexo quanto a sua especificidade nas diferentes classes sociais.

No Brasil, a socióloga Heleith Saffiotte se destaca em um trabalho pioneiro, trata-se do livro *A mulher na sociedade de classes* (1976). A autora aborda a condição da mulher no sistema capitalista e afirma não ser esta condição proveniente das relações econômicas, pois é visível em outras estruturas sociais.

As situações descritas acima, apesar de tidas por muitos como sendo isoladas, são precursoras do movimento feminista. Porém, tal movimento ganha ênfase e destaque a partir da década de 1960 ao se compreender que a política, o sistema jurídico, a religião, a vida intelectual e artística são construções culturais. Essa nova abordagem lança por terra a crença na desigualdade natural entre os sexos e se passa a entender que a diferença de papéis apenas mascara e legitima a posição masculina de mando.

Na sociedade contemporânea o movimento feminista atua sob vários eixos, mas pode-se resumir seu agir em quatro grandes frentes, quais sejam, sexualidade e violência; saúde; ideologia e formação profissional e mercado de trabalho.

Impulsionado pelas transformações que os movimentos feministas proporcionavam é que começa a surgir, por volta do século XIX, mudanças no público leitor, e não só latino-americano, mas mundial. Esse público leitor passa

a ter uma forte predominância feminina, apesar do discurso masculino em contrário que tentava, através de uma fala arcaica e desproposita, estagnar a mulher a uma condição imexível de mãe e fêmea. Condição esta que apela para sua compleição física e estado natural, além de responsável pela reprodução da espécie. O discurso da naturalização, por ultrapassar as barreiras da razoabilidade, descidia a curva para aquém da cultura. Assim, não foi possível barrar o voo literário feminino e as mulheres começaram então a escrever e publicar.

Mas a publicação de tais escritos, inicialmente foi inglória, tendo em vista que contavam com a dificuldade de reconhecimento do trabalho, inclusive valendo-se da utilização de pseudônimos para conseguirem levar a público seus escritos e, desta forma, ampliando sobremaneira a invisibilização feminina, tais escritas versavam sobre autobiografias, diários pessoais e correspondências (PERROT, 2005).

Retrocedendo um pouco mais na história, data do século XVII o registro mais antigo de escrita feminina da América Latina, trata-se de Sórora Juana Inés de la Cruz, uma freira mexicana tida como a precursora do feminismo neste continente. E falar sobre feminismo nos remete a uma literatura feminista, que na concepção de Lobo (2023, p. 4), assim a define:

A acepção de literatura “feminista” vem carregada de conotações políticas e sociológicas, sendo em geral associada à luta pelo trabalho, pelo direito de agremiação, às conquistas de uma legislação igualitária ao homem no que diz respeito a direitos, deveres, trabalho, casamento, filhos, etc. Entretanto, o texto literário feminista é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e portanto um sujeito de enunciação consciente de seu papel social. É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua persona na narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão.

Note-se que escrever, é, sobretudo, uma consciência de si e, portanto, um ato de protagonismo e protagonismo com desdobramento que desvela as mais diversas facetas da realidade a que as autoras estão inseridas.

Sabe-se que na América Latina houve/há uma segregação, isso é, o por à margem uma boa parte da população que a compõe, isso se dá por vários

motivos, mas principalmente por alguns acreditarem na própria superioridade e assim desencadeia-se a desigualdade de gêneros. Dita desigualdade limita a mulher e, conseqüentemente, sua literatura.

A partir do final do século XIX e no decurso do século seguinte a mulher e escritora latino-americana dá-se conta das grandes transformações nas quais está inserida, quais sejam, para citar as mais relevantes, conscientiza-se de sua liberdade, de sua autonomia, bem como da possibilidade de trabalhar e, conseqüentemente, conquistar, através desse trabalho, a tão sonhada independência financeira. Desta forma muda-se a condição “feminina” da mulher dessa época para a condição “feminista”, com isso se amplia a consciência do próprio corpo e o questionamento a respeito da própria existência.

O ingresso da mulher nos meios universitário na década de 1950 fez com que sua voz se sobressaísse e conseguisse expressar e externar suas realidades psicológicas e assim, tornar-se visível, através das letras, o incômodo vivido pela mulher escritora e, até então, de forma isolada e anônima.

Lobo (2023, p. 7) informa que de acordo com Elaine Showalter é possível falar de três tipos de escritas quando essas provêm de mulheres, são elas:

1) feminina: aparecimento da produção na década de 1840 até a morte de George Eliot, em 1880; 2) feminista: de 1880 a 1920, com obtenção do voto; 3) “fêmea” (de cunho sexual assumido ou de gênero feminino): de 1920 até o presente, mas com novo estágio de autoconsciência por volta de 1960.

A mulher escritora latina passa a ter contato com os movimentos feminista deflagrados na Europa, pois muitas, devido a seu comprometimento com questões políticas, veem-se obrigadas abandonar seus países e buscar exílio em outras terras, a título de exemplo podemos destacar a chilena Isabel Allende, a uruguaia Cristina Peri Rossi, a argentina Luiza Venezuelana, a porto-riquenha Julia de Burgos, para citar algumas.

Considerando o desenvolvimento da literatura feminina na América Latina no período subsequente a sua descoberta nota-se ser esse um período bem



restrito devido às dificuldades do contexto social em que viviam as mulheres, bem como às disparidades linguísticas e culturais que distinguiram os diferentes grupos indígenas do continente, que sofriam, ainda, a repressão dos colonizadores portugueses e espanhóis (LOBO, 2023, p. 9).

Como deixa claro Lobo, a restrição quanto à literatura feminina no período pós-colonização deve-se principalmente as dificuldades de contexto social a que essas mulheres estavam submetidas, principalmente aquelas de ordem linguística e cultural.

Após esse período, pelos meados de 1608 e 1621 tem-se notícia da publicação de livros de autoria feminina, porém sem registro de suas autorias, mas a quem se atribui o feito a duas escritoras peruanas, uma delas sendo Doña María de Alvarado que atendia pelo pseudônimo de Amarilis e a outra, infelizmente, de nome desconhecido.

De acordo com Lobo (2023, p. 9), é no período Barroco, século XVII, que se tem notícia da primeira escritora das Américas, trata-se de Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana (1648?-1695), mais conhecida como Sórora Juana Inés de la Cruz. Essa mulher de origem indígena e filha ilegítima, embora de boa linhagem, impossibilitada de casar devido as condições de seu nascimento, dedicou-se a escrever poesia, drama e até autobiografia, assim,

preferiu abandonar a posição de dama da Corte junto à Condessa de Laguna, no Vice-Reino de Nova Espanha (México), onde sua inteligência e beleza eram por todos celebradas, e recolher-se para sempre na Ordem das Dominicanas, para se dedicar à escrita e à vida intelectual. Deixou obra abundante, de sonetos, villancicos, poemas dramáticos, um longo poema, “Sonho”, de quase 1.000 versos, ensaios teológicos, peças teatrais, inclusive comédias. Também realizou pesquisas científicas em sua cela, onde chegou a reunir uma biblioteca de 4.000 livros, a maior do Vice-Reino. Recebia a visita de intelectuais, nobres e figuras gradas da Corte, em sua cela, para debates.

Ainda no que diz respeito à Sórora Juana, sabe-se que teve um embate com o bispo de Puebla que escondido sob o pseudônimo de Sor Filotéa de Jesús, publicou uma censura a sua produção científica e literária, “acusando-a de autora profana, e proibindo-a de escrever”. Essa situação impulsionou Juana

a dar uma resposta ao bispo através da Carta Atenagórica<sup>7</sup> (1691). Essa carta, por sua vez, está registrada como sendo o primeiro documento autobiográfico da literatura feminina na América e nessa Juana afirma que “o conhecimento é lícito e proveitoso também às mulheres, as quais, assim como os homens, só devem estudar se tiverem talento” (LOBO, 2023, 9-10).

Nesta panorâmica até aqui apresentada para situar os primórdios da Literatura Feminina Latino-Americana, cabe destacar ainda María Francisca Josefa del Castillo y Guevara (1671-1742), também conhecida como Madre Castillo ou Josefa del Castillo. A monja, a pedido de seus confessores, escreveu *Su vida*, trata-se de uma autobiografia espiritual e foi publicada na Filadélfia em 1817. O relato versa sobre seu cotidiano, bem como sua vocação para chegar a Deus. Já o segundo livro, *Afectos o sentimientos espirituales* (1843) publicado em Bogotá, promove uma reflexão a respeito da mística e da vida dos santos. Ainda no que diz respeito à composição dessa autora pode-se afirmar que escreveu 196 composições em prosa, alguns poemas, outros contos e o chamado “Cuaderno de Enciso”, livro de contabilidade de seu cunhado no qual ela fez anotações (ROBLEDO, 2024).

Seguindo essa toada, chama-nos a atenção, ainda, Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada (1515-1582), mais conhecida como Santa Teresa de Jesus, foi uma mística freira carmelita católica do século XVI. Sua escrita enquadra-se na literatura renascentista espanhola e versa sobre a vida contemplativa e espiritual, beirando assim, ao misticismo. Suas práticas meditativas tornam-na, como assim se define, “a esposa de Deus”. Relata suas iluminações nas obras *O castelo interior* (1577) e *Caminho da perfeição* (1562) (LOBO, 2023, p. 10).

Porém, a partir de 1960, em decorrência dos movimentos feministas da América Latina, mudanças passam a acontecer e abarcam os mais variados aspectos da sociedade, seja de ordem religiosa, histórico-social, cultura e até mesmo política.

A mulher latino-americana vem se estabelecendo ativamente nos países da região conquistando direitos antes reservados aos

---

<sup>7</sup> Atenagórica proviene de la expresión clásica Athena agoraea, cuyo epíteto agoraeus generalmente fue aplicado a ciertos dioses griegos que eran considerados protectores de asambleas de personas (ágora), como Zeus, Atenea, Artemisa y Hermes. Según Octavio Paz, significa “digna de la sabiduría de Atenea”.

homens como a participação política e o acesso ao mercado de trabalho. Além disso, passaram a questionar a posição política, cultural, religiosa e econômica das mulheres nos países latinos, visto que na América Latina o machismo é legalizado pelo Estado e, mais ainda, pela Igreja Católica (BRITO, 2021, p. 18).

As mudanças que favorecem a mulher latino-americana são deflagradas e fundamentadas com o advento das ditaduras. Esse fato histórico põe em relevo a violência e a partir daí exige-se posicionamentos.

No decorrer das décadas, e com atuação especial no marco das ditaduras militares, implantadas em diversos países da América Latina como na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Guatemala, Paraguai, Peru e República Dominicana, as mulheres se reúnem e organizam encontros que, nesse período, sofreram pela intensificação da censura, da violência e do conservadorismo. Nesses encontros, compartilhavam diferentes perspectivas a fim de construir meios políticos e culturais alternativos. Assim, a luta pelo fim da ditadura tornou-se um dos principais elementos dos feminismos latino-americanos (BRITO, 2021, p. 18).

Note-se que com as revoltas femininas, que são levadas a cabo até aproximadamente a década de 1980, suscita-se o enfrentamento dos regimes autoritários e oportuniza-se o direito em favor da mulher, rompendo, em certa medida com o modelo vigente patriarcal. Sobre esse assunto é oportuno destacar a fala de Alonso e Díaz (2012, 79): “En estas décadas, y a partir de los análisis de los feminismos radicales, aparecen temáticas como: el cuerpo, la sexualidad, el derecho a decidir la maternidad, la identidad sexual<sup>8</sup>”.

O agrupamento politicamente organizado de mulheres na América Latina ganha cada vez mais adeptas e assim passa-se a discutir e refletir a respeito das muitas questões de interesse feministas que por sua vez oportunizam o compartilhar das mais diversas perspectivas, resultando, desta forma, em um aberto desafio às normas tradicionais vigentes.

Porém, como somente discutir e refletir não era suficiente, passa-se então para o registro dessas discussões e reflexões e assim surge a obra *La sartén por el mango*<sup>9</sup>, de autoria de Elena González e Eliana Ortega. Essa obra

---

<sup>8</sup> Nessas décadas, e a partir das análises dos feminismos radicais, aparecem temáticas como: o corpo, a sexualidade, o direito a decidir a maternidade, a identidade sexual.

<sup>9</sup> A frigideira pela alça.

tem relevância na medida em que compila o trabalho e atuação de diversas autoras, dentre elas destacam-se: Sara Castro Klaren com *La crítica literária feminista y La escritora em América Latina* e ainda Josefina Ludmer com *Las letras del débil* (CORBATA, 2002).

A volta da democracia oportuniza a mulher a participação em diversas instituições políticas e, assim, a valorização dos movimentos sociais, seja através de fóruns e/ou assembleias. Sobre esse assunto, Brito (2021, p. 19), tem a seguinte opinião:

Essas organizações tiveram como propósito desenvolver pautas reivindicativas. É por meio desses encontros, contemplando a autonomia e participação política, que os movimentos feministas latino-americanos vêm se fortalecendo. É importante frisar que o movimento feminista anticolonial e antipatriarcal sempre esteve como pauta das lutas da América Latina com o objetivo de garantir os direitos da mulher.

Assim é que através dos movimentos feministas, e não só latino-americano, a mulher foi obtendo destaque e ganhando importância, quebrando barreiras e ocupando cargos antes restritos apenas aos de gênero masculinos, como aqueles da área política (BRITO, 2021, p. 20).

Fazendo uma relação do movimento feminista com o livro *Inés da minha alma*, de Isabel Allende, percebe-se que a autora promove a representação de temáticas que envolvem a mulher em suas mais variadas facetas, tais como, a violência sexual, a beleza, o medo, o trauma e também o não conformar-se com os limites estreitos impostos pelo machismo, comumente transmutado de sociedade. Assim é que pelo dito abaixo nota-se que a personagem Inés, armando-se de ousada valentia enfrenta um dos homens que tenta subjugar-la:

A certa altura tive de usar a minha frigideira para me defender de um marinheiro mais ousado, um tal de Sebastian Romero, cujo nome não esqueci, porque sei que nos encontraremos no purgatório. Na promiscuidade daquele barco, este homem, a pretexto do movimento das ondas, aproveitava a mais pequena oportunidade para se atirar para cima de mim. Avisei-o várias vezes para me deixar em paz, mas isso ainda o excitava mais (ALLENDE, 2006, p. 41).

Importante destacar que Inés mesmo estando em um ambiente de domínio masculino, um barco, e cercada de seres que a ela se opunham no que diz respeito ao seu gênero, não recorreu a nenhum deles para enredar o comportamento do atrevido marinheiro ou para pedir que a defendessem, antes, em um primeiro momento o alertou e, em um segundo, agiu em defesa dela própria.

Desta forma, entende-se que foi a partir do agir e atuar de mulheres como Inés Suárez que se promove espaço e se oportuniza o surgimento do campo literário latino-americano, proporcionando vez e voz à escrita de autoria feminina e se não rompendo em sua totalidade, pelo menos trincando a hegemonia masculina.

### **1.3 Trajetória Bibliográfica de Isabel Allende**

A escritora Isabel Allende é tida por muitos críticos, como Ricardo Bonacorci (2020), por exemplo, como uma das grandes autoras contemporâneas da América Latina. Além de romancista, Allende é ativista, filantropa e feminista. Sua prática de vida e seu olhar arguto ressaltam a escrita e não só feminina. A popularidade da romancista e sua grande produção dividem opiniões e fazem surgir críticas que trazem à tona o valor de sua narrativa, tida por muitos como leitura de entretenimento.

Também há quem a veja como manipuladora das letras. A esse respeito observe-se o comentário de Canello (2008, p. 10):

A escritora vale-se de sua poética para manifestar a possibilidade de superação das condições subalternas em que as mulheres vivem e, utilizando-se da exploração do poder representativo das palavras, projeta-se no mercado de consumo. Suas obras se propagam internacionalmente, por meio de revistas, jornais, filmes e, até mesmo, telenovelas.

Destaca-se nesse particular a experiência e o manuseio que a escritora tem no domínio das letras e da qual lança mão para daí construir seus tipos

femininos. Pois é através de suas heroínas que fatos históricos se descortinam entretendo o leitor em um universo marcadamente feminino.

Nesse mosaico que é o fazer literário, destaca-se a própria vida da autora, sua vivência, bem como a experiência que adquiriu tanto como pessoa como enquanto literata no transcurso do tempo.

Porém, ao falar a respeito de sua própria vida, Isabel Allende assim se posiciona:

Es muy extraño escribir su propia biografía, porque es tan solo una lista de fechas, eventos y logros. En realidad, las cosas más importantes de mi vida pasaron en las cámaras secretas de mi corazón y no pertenecen en una biografía. Mis logros más significativos no son mis libros, sino el amor que comparto con unas pocas personas, especialmente mi familia, y las formas en que he tratado de ayudar a los demás<sup>10</sup> (Página Pessoal da Autora, 2023).

Ainda considerando a Página Pessoal da Autora na aba Biografia e História (2023), encontram-se as seguintes informações: Isabel Allende Llona é escritora e jornalista chilena. Nasceu em 02 de agosto de 1942 (no ano corrente fará 82 anos), em Lima no Peru, onde seu pai era diplomata. Viveu no Chile entre os anos de 1945 a 1975, com longos períodos de residência em outros lugares, na Venezuela até 1988 e, a partir de então, na Califórnia.

No ano de 1945, em decorrência da separação dos pais, Francisca Llona, sua mãe, volta para Santiago, capital do Chile, levando seus três filhos, e foi nesse ambiente onde Isabel passou sua infância e uma boa parte da sua juventude.

Tem-se também o esclarecimento de que após sua mãe casar-se com outro diplomata, em 1953, a família passa a morar em La Paz, na Bolívia. Em seguida fixam residência em Beirute, no Líbano e nesse ínterim a autora ingressa em uma escola inglesa.

---

<sup>10</sup> É muito estranho escrever sua própria biografia, porque é tão só uma lista de datas, eventos e conquistas. Na realidade, as coisas mais importantes de minha vida passaram nas câmaras secretas do meu coração e não cabem em uma biografia. Minhas conquistas mais significativas não são meus livros, mas o amor que compartilho com umas poucas pessoas, especialmente minha família, e as formas que tratei de ajudar aos demais.

Em 1958 Isabel Allende volta para Santiago e é aprovada para o curso de jornalismo. Nessa época começou a escrever contos infantis e peças para o teatro.

Já em 1960, na condição de jornalista, entra para a seção chilena da Organização das Nações Unidas (FAO), que visava à melhoria do nível de vida da população carente.

Em 1962 Isabel casa-se com Miguel Frias, com quem teve dois filhos, Paula e Nicolás.

Foi por volta de 1967 que a escritora passou a escrever para uma revista feminina e também para uma revista infantil e em 1970 deu início ao trabalho na televisão apresentando um programa de entrevistas. Sua peça de teatro, “O Embaixador”, estreou em 1972.

No ano de 1973 ocorreu o golpe militar no Chile encabeçado pelo general Augusto Pinochet que depôs o presidente Salvador Allende, tio da literata. Com a instauração de uma ditadura militar na sua terra natal, bem como a morte de Salvador Allende, Isabel deixa o país e refugia-se em Caracas, na Venezuela, juntamente com a família.

A respeito dos livros escritos por Allende, é possível encontrar na Página Pessoal da autora as seguintes informações: os livros de Allende foram traduzidos para 35 idiomas e são os seguintes: *A Casa dos Espíritos* (1982); *A Lagoa Azul* (1983); *De Amor e de Sombra* (1984); *Eva Luna* (1987); *O Plano Infinito* (1991); *Paula* (1995); *Afroditte* (1998); *Filha da Fortuna* (1999); *Retrato a Sépia* (2000); *A Cidade das Feras* (2002); *O Reino do Dragão de Ouro* (2003); *O Bosque dos Pigmeus* (2004); *Zorro, Começa a Lenda* (2005); *Inês da Minha Alma* (2006); *A Soma dos Dias* (2007); *A Ilha Sob o Mar* (2009); *O Caderno de Maya* (2011); *O Jogo de Ripper* (2014); *O Amante Japonês* (2015); *Para Além do Inverno* (2017); *Longa Pétala do Mar* (2019); *As Mulheres de Minha Alma* (2020); *Violeta* (2021).

Não é possível deixar de ressaltar algumas curiosidades e/ou particularidades que acompanham alguns dos livros dessa escritora, como por exemplo, *A Casa dos Espíritos* (1982). No dia 8 de janeiro de 1981, Isabel soube que seu avô estava muito doente e, impossibilitada de voltar ao Chile, começou

a escrever-lhe uma carta. O avô era tido como o mais próximo da figura paterna para a literata, uma vez que não tinha memórias do pai.

A carta foi o ponto de partida para o livro *A Casa dos Espíritos*, publicado em 1982. A obra foi baseada nas lembranças de sua infância e juventude passadas no velho casarão da família, local onde viviam os avós maternos e alguns dos tios, rodeada de uma atmosfera leve e liberal.

No livro *A Casa dos Espíritos*, a família Trueba é atingida por um golpe militar e em consequência depõe-se um presidente socialista e instala-se uma ditadura militar, semelhante ao que aconteceu no Chile entre os anos de 1973 a 1990, época em que o Chile viveu sob o “punho de ferro” de Augusto Pinochet.

Nesse livro a fantasia da escritora vai se desdobrando em meio aos principais acontecimentos políticos da história levando o leitor a se situar nos dramáticos períodos de perseguição e terror da sangrenta ditadura militar chilena.

A obra tornou-se um best-seller em diversos países da América do Sul e da Europa e consagrou Isabel Allende como uma das grandes escritoras latino-americana.

Onze anos após o lançamento, o livro *A Casa dos Espíritos* foi adaptado para o cinema pelo sueco Bille August, que contou com a colaboração da escritora e com a participação de atores consagrados como: Meryl Streep, Jeremy Irons, Glen Close, Antônio Banderas, Vanessa Redgrave e Winona Ryder.

Outra obra que requer uma atenção singular é *De Amor e de Sombra* (1984). Dois anos após a publicação de *A Casa dos Espíritos*, Isabel Allende publicou *De Amor e de Sombra* (1984). A obra mescla uma história de amor de dois jovens jornalistas que são forçados a se exilarem depois de investigarem o desaparecimento de uma mulher numa ditadura militar. Neste tem-se o relato da descoberta de um cemitério clandestino, em uma mina ao norte do Chile, onde estavam sepultados os desaparecidos durante a ditadura.

A obra, que está próxima do chamado “realismo mágico”, pois mistura fantasia com realidade, recebeu elogios dos leitores e da crítica o que veio selar então o êxito internacional da escritora.



Inquietante também é a obra *Paula* (1994). O livro surgiu após a experiência que Isabel Allende viveu com a filha, que diagnosticada com uma doença neurológica rara, é hospitalizada e passa meses em coma vindo a óbito em 1991. Enquanto Paula mergulhava no coma, a mãe, temendo que a filha tivesse a memória comprometida quando acordasse, começou a fazer anotações com o intuito de lembrar a filha quem ela era e de onde vinha. Dessas anotações surge o livro que traz o mesmo nome da filha e publicado em 1994. Esse livro, *Paula*, foi o primeiro trabalho de não ficção de Allende e muitos críticos consideram essa a melhor obra da escritora.

Allende, pelo mérito dos seus escritos, recebeu alguns prêmios, dentre esses é possível destacar os seguintes: Medalha Nacional de Literatura do Chile (2010); Prêmio Hans Christian Andersen (2012) pela série *As Aventuras da Águia e do Jaguar*, Medalha Presidencial da Liberdade (EUA, 2014).

Após a morte de sua filha e da publicação da obra *Paula*, a escritora passou por um forte bloqueio criativo e aceitou o convite de uma amiga para conhecer a Índia na tentativa de superar o luto.

Lá, Isabel viveu um momento que distanciaria em muito o curso de sua vida, foi quando uma mulher lhe entregou uma criança recém-nascida. O bebê lhe foi oferecido porque o nascimento de uma menina não era bem aceito na sociedade local. Depois do choque da experiência, a escritora decidiu criar a “Fundação Isabel Allende” para ajudar mulheres e crianças em situação de risco.

Morando nos Estados Unidos e ainda escrevendo, suas obras estão sempre nos primeiros lugares da lista dos livros mais vendidos nas Américas e na Europa.

Alguns personagens de “A Casa dos Espíritos” voltaram a aparecer nos romances “Filha da Fortuna” (1998) e “Retrato a Sépia” (2000), o que resultou em uma trilogia não oficial.

No livro *Para Lá do Inverno* (2017), a autora deu vazão sobre os flagelos da imigração ilegal e dos refugiados. Em *Longa Pétala de Mar* (2019), Isabel buscou inspiração na história dos refugiados espanhóis que chegaram ao Chile a bordo do navio Winnipeg.

Resumidamente, Bonacorci, (2020, p. 1) assim a define:

Isabel Allende é a escritora viva de língua espanhola mais lida no mundo. Seus títulos somam mais de 70 milhões de unidades vendidas e já foram traduzidos para mais de quatro dezenas de idiomas. Além de best-seller, Allende coleciona prêmios literários, como Prêmio Nacional de Literatura (Chile) de 2010 e a Medalha Presidencial da Liberdade (Estados Unidos) de 2014. Desde 2004, ela integra a American Academy of Arts and Letters, uma espécie de hall da fama da cultura norte-americana (que inclui figuras de destaque tanto da literatura quanto da música e das artes). Ou seja, além de ser uma das escritoras de maior sucesso comercial da literatura contemporânea, Allende angariou ao longo dos anos o respeito da crítica literária, que a classifica normalmente como uma autora da nova fase do Realismo Fantástico Sul-americano.

Pelo dito acima, percebe-se que Isabel Allende se destaca não só pelo sucesso comercial que alcança seus livros, mas conta ainda com o respeito e o norral da crítica literária internacional e alcança tudo isso em vida.

Bonacorci (2020, p. 4) divide o estilo literário da escritora em três fases, vejamos a primeira:

Nesse período inicial de sua carreira, que abrangeu todos os anos 1980, Allende produziu obras esteticamente muito parecidas ao seu livro de estreia: tramas históricas, personagens femininas marcantes, denúncia do machismo, enaltecimento do feminismo, romances de formação, elementos de realismo fantástico, contextos políticos marcados pela violência e por injustiças sociais, ambientação sombria, pesada e com muitas tragédias e enredos passados essencialmente na América do Sul.

Na segunda fase, ainda considerando Bonacorci (2020, p. 6-7), a autora, devido ao seu segundo casamento, muda-se para São Francisco e esse novo ambiente acaba por influenciar sua produção literária.

Esta nova etapa foi inaugurada com a publicação, em 1991, de “O Plano Infinito” (Bertrand Brasil), a quarta narrativa longa da chilena [...] e estendeu até a metade dos anos 2000. O que caracterizou esse período foi a mudança de cenário narrativo de seus romances. Após “O Plano Infinito”, Isabel ambientou suas tramas longas prioritariamente nos Estados Unidos – mais precisamente na Califórnia. Entretanto, a escritora não abandonou completamente as suas personagens latino-americanas. Livros como “O Plano Infinito”, “Filha da Fortuna” (Bertrand Brasil) e “A Cidade das Feras” (Bertrand Brasil), exemplares típicos desta nova etapa literária, tiveram como protagonistas ou figuras centrais de suas tramas os imigrantes da América Latina que tentaram a sorte na

costa Oeste norte-americana. Ao mesmo tempo em que mudou o cenário narrativo, Isabel Allende manteve quase todos os demais elementos narrativos da primeira fase: os romances de formação, as tramas históricas, as personagens femininas fortes, as mulheres que direta ou indiretamente promoviam os valores feministas, o engajamento social, a ambientação com violência e muitas injustiças e os cenários macroambientais instáveis e com radicalização política.

Quanto a terceira e última fase da literatura de Isabel Allende, Bonacorci (2020, p. 8) esclarece que teve início na metade dos anos 2000 e que

nessa nova etapa de sua produção ficcional, a escritora não apenas variou mais uma vez seus cenários narrativos (suas tramas deixaram a Califórnia e o Chile e passaram a incluir a Europa, principalmente a Espanha, e a América Central) como também (o que é até mais interessante!) começou a explorar novos gêneros narrativos (os romances históricos deram lugar aos romances policiais, às tramas de super-heróis e aos thrillers).

Assim, pode dizer que dentre as características estilísticas de Allende destacam-se inicialmente o realismo fantástico, logo seguido pelo romance histórico e nesses a autora busca a realidade como ponto de partida para sua criação ficcional.

É importante destacar que em suas criações literárias, Allende realça a figura feminina, geralmente são mulheres fortes, destemidas e vítimas de injustiças, sejam elas de ordem social ou familiar. A esse respeito veja-se o que informa Bonacorci (2020, p. 10):

Sem abaixar a cabeça para o cenário externo que se descortina opressor, elas encaram de frente as adversidades que vem pelo caminho, por maiores que sejam. Até mesmo quando os protagonistas das histórias são homens, é possível encontrar uma figura feminina forte, destemida e carismática (que invariavelmente rouba a cena).

Outra característica que se sobressai em Allende é o fato de haver um predomínio de romances históricos em suas publicações e essas encontrarem ressonância com o sucesso, talvez isso se dê pelo fato, no dizer de Bonacorci (2020, p. 9), de ser

nesse gênero narrativo em que a autora chilena mostra toda a sua qualidade como contadora de história. Ao produzir este tipo de trama, ela constrói títulos memoráveis. Não é errado enxergá-la como uma especialista neste tipo de texto – Isabel Allende é uma das melhores autoras contemporâneas.

A respeito do gênero narrativo histórico ficcional veja a seguir um trecho de *Inés da minha alma* de Isabel Allende (2006, p. 5): “Não tenho certeza da data exata do meu nascimento, mas a minha mãe assegura que nasci depois da grande fome e do tremendo surto de peste que assolou a Espanha logo após a morte de Filipe, o Belo”.

Observe nessas poucas linhas a riqueza de conteúdo histórico que daí se depreende, a Grande Fome que atingiu a Europa (1315-1317) desencadeada pelas inúmeras crises sociais em que mergulhou esse continente e levando a óbito milhões de pessoas; a Peste Negra (1347-1351), pandemia devastadora que afligiu a Europa e marcou de forma negativa a história da humanidade, pois o percentual de mortes está por volta de 200 milhões de pessoas na Eurásia; o trecho ainda traz informações a respeito de Felipe IV, o Belo (1268-1314) rei que governou a França no período de 1285 a 1299 e, conseguiu, inclusive, eleger um papa francês, além de transferir o Estado Papal de Roma para Avignon, na França. Esse rei também se destaca pelo seu temperamento, tido como rude e inflexível, foi responsabilizado por ter expulsado da França os judeus e confiscado seus bens, além de ter extinguido a Ordem dos Templários na França (antigo exército do papa) e transferir seus bens para a Ordem dos hospitalários.

Como é possível notar, a narrativa ficcional histórica promove uma inversão de polos quando comparada à investigação histórica, pois a ficção histórica proporciona e oportuniza conhecimento dos eventos históricos respeitando-se, fidedignamente, a veracidade do mesmo e o faz retratando-o de um modo leve, prazeroso e enriquecedor, além de oferecer riqueza de detalhes, pois se entende que por ser ficção, cabe aí a licença artística e poética.

Sobre o romance histórico se discorre a respeito no capítulo seguinte.

## 2 INÉS DA MINHA ALMA E O ROMANCE HISTÓRICO

Sem recursos ficcionais não é possível tornar evidente e plausível uma época, uma classe social, um acontecimento, uma pessoa. Sem empréstimos literários, não há plasticidade nem sugestividade.

(Zilly, 2001, p. 38).

Nesta sessão investigar-se-á como surge o romance histórico, o que o configura e quais suas características. Depois deter-se-á sobre a obra *Inés da minha alma* a luz do romance histórico e, ato contínuo, focar-se-á em Inés Suárez, personagem de destaque no romance anteriormente mencionado e assim buscar algumas possibilidades de entender como se dá a conquista do Chile, para isso considerando a peculiaridade da voz e do olhar feminino desta mulher lendária.

### 2.1 Configuração do Romance Histórico Latino-Americano

No final século XX tem-se uma efervescência de textos ficcionais de cunho histórico, tais textos alcançaram e encantaram o século XXI mostrando e ressaltando assim a importância desse feito.

Entende ser o romance histórico “um gênero literário em que a narrativa ficcional se relaciona com fatos históricos”, desta forma personagens e cenários são criados em concordância e consonância com documentos e dados históricos inserindo o leitor em um mundo circunscrito a um local e época específicos (DIANA, S. D., p. 1).

Esse gênero literário, o romance histórico, vincula a narrativa ficcional com fatos que são destaques e de interesse histórico, assim a composição dos personagens, bem como as narrativas e os cenários são construídos respeitando-se documentos e dados históricos na tentativa de formar, para o leitor, um cenário vívido tanto da época como dos costumes.

Essa modalidade de escrita que reconstrói, de maneira ficcional, costumes, acontecimentos e personagens históricos, ganha vida e movimento a partir do início no século XIX com Walter Scott (1771-1832).

No que diz respeito ao surgimento do romance histórico, Lukács (2011, p. 33) assim se posiciona:

O romance histórico surgiu no início do século XIX, por volta da época da queda de Napoleão [...]. É óbvio que, já nos séculos XVII e XVIII, havia romances de temática histórica, e quem desejar pode até considerar as adaptações de histórias e mitos antigos na Idade Média “precursoras” do romance histórico e ir além, retrocedendo à China e à Índia. Mas por essa via não se encontrará nada que possa de algum modo iluminar, em sua essência, o fenômeno do romance histórico. Os chamados romances históricos do século XVII (Scudéry, Calprenede etc.) são históricos apenas por sua temática puramente exterior, por sua roupagem. Não só a psicologia das personagens, como também os costumes retratados são inteiramente da época do escritor.

Veja-se que o teórico não nega a existência do romance histórico a épocas que antecedem ao século XIX, porém ditos romances apenas trazem temas históricos e muito deixam a desejar no que diz respeito aos costumes e também ao aspecto psicológico dos personagens, esses feitos relacionam-se inteiramente à época de quem os escreveu e por isso não se configuram como histórico já que de alguma forma divergem dos acontecimentos narrados, como bem esclarece Andrade (2016, p. 24 apud, LUKÁCS, 1962, p. 55), esse tipo de narrativa

Exige não só a colocação da diegese em épocas históricas remotas, como uma estratégia narrativa capaz de reconstruir com minúcia os componentes sociais, axiológicos, jurídicos e culturais que caracterizam essas épocas.

Isso implica dizer que além da forma peculiar de narrar, o escritor deve estar atento à época retratada, para isso deve buscar a própria estratégia narrativa e assim (re)construir os fatos históricos embasado nos valores que os cercam.

Fuentes (2007, p. 28) corrobora com o pensamento de Lukács (2011) quando expressa que o romance não é só o encontro de personagens, deve-se considerar também o encontro de linguagens, de tempos históricos distantes e de civilizações que, de outra maneira, não teriam oportunidade de se relacionarem.

A respeito do criador dessa modalidade narrativa, o romance histórico, Lukács (2011, p. 16) informa que:

Walter Scott foi o principal criador dessa forma, influenciando Balzac, Púchkin, Manzoni ou Tolstói, que são relidos e valorizados como exemplares casos de apreensão formal da totalidade. São, portanto, herança literária e medida de referência para a produção contemporânea e crítica de arte.

Se por um lado Lukács deixa claro que é Scott o principal criador dessa modalidade literária, por outro, aqueles a quem influenciou se são valorizados é tão somente pela capacidade de poder servir de referência para a produção contemporânea.

Para Lukács (2011, p. 68), o escocês Walter Scott (1771-1832) inaugura esse estilo literário e o faz com sua obra mais famosa, *Ivanhoe*, publicada em 1920:

Assim, em *Ivanhoe*, Scott figura o problema central da Inglaterra medieval: a oposição entre saxões e normandos. Ele mostra com muita clareza que essa oposição se dá sobretudo entre servos saxões e senhores feudais normandos. Mas, de um modo historicamente correto, não se detém nessa oposição. Ele sabe que parte da nobreza saxã, mesmo limitada materialmente e privada de seu poder político, continua a ter privilégios, estando precisamente aí o cerne ideológico e político da resistência dos saxões aos normandos. Contudo, como grande intérprete da vida histórica do povo, Scott vê e figura, com extrema plasticidade, o fato de que umas partes significativas da nobreza saxã afundam na apatia e na inação enquanto outras esperam apenas uma oportunidade para firmar um compromisso com as facções mais moderadas da nobreza normanda, cujo representante é o rei Ricardo Coração de Leão.

As características em torno do qual se constrói o romance histórico, são: a cor local, a informação histórica e o passado apresentado como uma realidade acabada. Mas também há de se considerar o fato histórico, pois esse é o ponto de partida para a construção da ficção, considere ainda que fato e narrativa devem interagir; também merece destaque o uso de temas heroicos e personagens representando valores éticos e morais; importante também a narrativa ser construída no tempo passado, em detrimento do tempo em que escreve o autor; o escritor não pode esquecer de buscar a legitimação dos fatos

históricos através de documentos e referências históricas; e, ainda, a tentativa de recuperar estruturas sociais, culturais, políticas e estilos do passado (LUKÁCS, 2011).

O romance histórico deve primar pela descrição de fatos e personagens tal qual eles existiram e a este recurso dá-se o nome de “autenticidade de cor local”, opina Diana (S. D., p. 1).

Porém, traçar o contorno que delimita história e literatura é um feito que motiva questionamentos, tendo em vista que “quem escreve, seja historiador ou escritor, não consegue ser totalmente imparcial, deixando transparecer a sua visão sobre os fatos descritos” (Diana, S. D., p. 4).

A autora ainda é de opinião de que esse questionamento remonta a Aristóteles, pois “o filósofo considerava que o historiador deveria narrar os fatos como eles ocorreram, enquanto que ao poeta caberia descrever o que poderia ter acontecido”.

Já para Gual (2002), ainda a respeito da construção do romance histórico, essa narrativa evoca um certo tipo de acordo popular, tendo em vista que autor e público compartilham jogos e fantasias, mesclando assim testemunhos de caráter verídico com a ficção fantástica.

Hutcheon (1991) é de opinião de que ao se deter para uma análise mais aprofundada sobre a ficção produzida a partir da década 1980, esta traz, seja em maior ou menor grau, verdades histórica social e política em seus enredos, e desta forma desvela e denuncia problemas vivenciados nos mais diversos contextos históricos.

No processo e gestação do romance histórico devem-se considerar os aspectos ficcionais narrados na obra com as pesquisas dos fatos que fundamentaram a história, pois há grande preocupação com o representar ficcional dos fatos e sua correlação com a narrativa. E na falta dessa preocupação incorre-se no erro de noções equivocadas a respeito do passado, mas a parte desse pormenor, defende-se também a ideia de que é através do romance histórico que o passado se torna palpável.

Embora não haja o comprometimento de provar a autenticidade dos acontecimentos narrados no romance histórico, existe sim a ética e a sensibilidade de alguns autores que, através da ficção, conduzem o leitor pelos



fatos históricos retratando um sistema de ideias e imagens que o aproximam do real vivido. O narrador que conta os fatos a partir do seu ponto de vista, também é fator preponderante na construção do romance histórico, pois além de servir para caracterizar o romance propriamente dito, desencadeia uma subjetivação da matéria narrada. Esses fatores são bem perceptíveis na obra *Inés da minha alma*, escrita pela romancista Isabel Allende.

Para corroborar com o dito anteriormente, no romance a respeito do qual se detém para análise, em uma parte da obra intitulada “Apuntes bibliográficos” tem-se o seguinte:

La investigación de esta novela me tomó cuatro años de ávidas lecturas. No he llevado la cuenta de los libros de historia, obras de ficción y artículos que leí para empaparme de la época y de los personajes<sup>11</sup> (CANELLO, 2008, p. 06).

Como é possível notar, Isabel Allende fez todo um apanhado histórico antes de se aventurar na narrativa, isto é, a autora foi atrás de dados para fundamentar sua ficção e para isso foi despendido quatro anos de sua vida.

Também na obra é reiterada pela autora a escassez de documentação histórica a respeito da vida de Inés Suárez: “Agradezco a los escasos historiadores que mencionan la importancia de Inés Suárez; sus obras me permitieran escribir esta novela<sup>12</sup>” (CANELLO, 2008, p. 06).

A autora deixa clara a dificuldade que teve para encontrar autores que tenham referenciado a histórica Inés Suárez e aí se percebe o zelo com que Allende trata e fundamenta sua narrativa.

Ainda fazendo um correlato com fatos históricos, pode-se observar na obra a menção de inúmeros vocábulos que nos remetem a espaços geográficos com uma forte carga histórica, cuja representação torna-se relevante no mundo ficcional do presente romance analisado, tais como

Europa, América, Chile, Palencia, Castilla, Sevilla, Madrid  
Extremadura, Puerto de Cádiz, México, Panamá, Perú, El

<sup>11</sup> “A investigação desse romance me tomou quatro anos de ávidas leituras. Perdi a conta dos livros de histórias, obras de ficção e artigos que li para encharcar-me da época e dos personagens”.

<sup>12</sup> “Agradeço aos escassos historiadores que mencionam a importância de Inés Suárez; suas obras me permitiram escrever esse romance”.

Dorado, Cajamarca, Quito, Ciudades de los Reyes, Lima, Cartagena, Valparaíso, Venezuela, Estrecho de Magallanes, Costa del Pacífico, Orinoco, Caribe, Santo Domingo, Isla La Española, Cuzco, Santiago, Bío-Bío, Sacsayhuamán, Templo del Sol, desierto de Atacama, Tarapacá, Huelén, Mapocho, Marga-Marga, Concón, La Serena, Concepción, Villarica las Salinas (CANELLO, 2008, p. 04).

Veja-se que todos esses nomes são referência a lugares que tem seu correlato na realidade e alguns deles, inclusive, de aspecto histórico e cultural, o que serve para consolidar a narrativa em questão ao gênero literário histórico ficcional.

Importância também deve se dar ao comentário que Allende (2006, p. 58), utilizando-se da fala de Inés Suárez, faz a respeito de Alonso de Ercilla e a guerra de Araucana, pois essa fala em muito testifica a veracidade dos fatos históricos:

La Araucana (1568, 1578, 1589), é um poema épico do espanhol Alonso de Ercilla de Zuñiga, que relata a primeira fase da guerra de Araucana, entre espanhóis e o povo Mapuche. Ercilla expressa no poema, como a raça araucana se sobressai em relação aos espanhóis. Narra as tremendas lutas das tropas espanholas contra os indômitos índios araucanos do Chile. A narradora se reporta ao poema e ao seu autor da seguinte forma: “Mapu-che, ‘gente de la tierra’, así se llaman ellos mismos aunque ahora los denominan araucanos, nombre más sonoro, dado por el poeta Alonso de Ercilla y Zuñiga, que no sé dónde lo sacó, tal vez de Araucano, un lugar del Sur. [...] Alonso era un mocoso en Madrid cuando los primeros españoles luchábamos en este suelo; llegó a la conquista de Chile en poco atrasado, pero sus versos contarán la epopeya por lo siglos de los siglos. [...] El poeta acusa a los españoles de crueldad y desmedida ambición de riqueza, mientras exalta a los mapuches, a quienes atribuye bravura, nobleza, caballerosidad, ánimo de justicia y hasta ternura con sus mujeres. Creo conocerlos mejor que Alonso, porque llevo cuarenta años defendiendo lo que fundamos en Chile, y él apenas estuvo aquí unos meses”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> “Macu-che, ‘gente da terra’, assim se chama eles mesmos embora agora os denominem araucanos, nome mais sonoro, dado pelo poeta Alonso de Ercilla y Zuñiga, que não de onde o retirou, talvez de Araucano, um lugar ao sul. [...] Alonso era um fedelho em Madri quando os primeiros espanhóis lutavam no solo; chegou à conquista do Chile um pouco atrasado, mas seus versos contarão a epopeia pelos séculos dos séculos. [...] O poeta acusa aos espanhóis de crueldade e desmedida ambição de riqueza, enquanto exalta aos mapuches, a quem atribui bravura, nobreza, cavalheirismo, ânimo de justiça e até ternura com suas mulheres. Creio conhecê-los melhor que Alonso, porque levo quarenta anos defendendo o que fundamos no Chile, e ele apenas esteve aqui alguns meses.

Aqui bem se percebe o que pensa a autora a respeito dos versos de Ercilla através da visibilidade que dá a personagem Inés, cabendo pois dizer tratar-se de um sujeito de enunciação que conscientemente emite sua opinião, tendo em vista ser o “eu” da autora aquele que fala.

Dessa forma entende-se que a ficção histórica oportuniza não só o conhecimento dos fatos históricos, mas também o revisitar dos eventos que perduram na história, além da inferência que se faz a respeito do posicionamento crítico de quem escreveu. Desta forma entende-se que pela abrangência de dita obra ficcional muitos leitores (re)elaborarão a história tanto de Inés Suárez quanto da própria conquista do Chile.

Também é perceptível o diálogo que o romance faz com os fatos históricos, no trecho que segue se evidencia sobremaneira esse feito:

Levaram-no até ao campo de batalha numa maca e, uma vez lá chegado o seu genro, Martin Ruiz de Gamboa, amarrou-o ao cavalo, tal como fizeram com El Cid, o Campeador, para assustar o inimigo com a sua presença (ALLENDE, 2006, p. 7).

De forma clara a autora traz no desenvolvimento de seu romance um aspecto muito conhecido do povo hispânico, a história de um nobre guerreiro castelhano que viveu no século XI e teve seu exemplo enaltecido em uma canção de gesta e assim tornou-se um referencial para os cavaleiros da Idade Média. Na obra de Allende, Rodrigo de Quiroga morreu tal qual o guerreiro El Cid, a autora respeitou a trama do guerreiro e mais uma vez a tornou memorável em seu personagem e quiçá tentava trazer para Quiroga os mesmos valores que se destacaram no guerreiro, quais sejam, a força, a valentia, a lealdade, a justiça e a piedade.

## **2.2 Inés da *Minha Alma* e Recepção Crítica**

Adentrando os meandros da obra *Inés da minha alma* percebe-se que a mesma retrata universos díspares de mundos antagônicos vivenciados pelos habitantes nativos e os colonizadores sedentos de riqueza. Nesta obra destaca-

se também o papel das mulheres, dos índios e dos negros que compõem o mosaico desta narrativa.

O véu que se levanta no romance *Inés da minha alma* escrito por Isabel Allende traz uma explanação em primeira pessoa na voz da protagonista da narrativa, Inés Suárez. Esta obra tem como pano de fundo a narração histórica da colonização americana, particularmente do Chile e, neste feito, põe-se em relevo a vida e os amores de uma mulher singular que, despida de amarras e ditames sociais, busca uma vida de aventuras que às mulheres do século XVI era totalmente vedada.

O romance *Inés da minha alma* surge originalmente em espanhol com o título *Inés del alma mía* em 2006, mas para sua confecção foi necessário investir em estudos e pesquisas e sua narrativa se dá através da memória de Inés e já em idade avançada, podendo contar assim contar com a perda de algum detalhe, como bem nos informa Mussili (2018, p. 3):

A autora pesquisou durante quatro anos e criou uma narrativa em que Inés, pouco antes de morrer, resolve contar sua versão para a filha adotiva, Isabel. Trata-se de memórias, afetadas pela idade, pela emoção e, de uma certa maneira, pela paixão que viveu.

É na tessitura desse romance épico, que retrata a conquista e/ou invasão chilena, que as imagens femininas irrompem dando vida e cor a aridez das almas sedentas de ouro e sonhos de glória. Neste enredo vê-se o amor mascarar a dureza da vida, além de atenuar a violência e a crueldade desse significativo momento ímpar na história desnudado através da pena e da destreza da literata Allende.

No tocante a narrativa e aos personagens que compõem a obra, Mussili (2018, p. 3) assim opina:

Ao narrar em primeira pessoa como Inés, Allende imprime seu estilo inconfundível de narrativa. O tom é de intimidade e despedida pois, afinal, a prosa é reveladora ao contar a história de um grande amor e de uma grande decepção. É envolvente, na medida em que nos perdemos no jogo de palavras. Também é místico, ao criar uma aura de acontecimentos fantásticos. Os personagens, ainda que reais, são idealizados, muitas vezes heroicos ou simplesmente especiais.

Então, tem-se aí toda a ambientalização de um romance e nele destaca-se em relevância, o tom de intimidade, a aventura de um amor, a desventura da decepção e para isso faz-se recurso da memória, pois é através do rememorar que Inés imprime vida e cor a sua narrativa.

Inés Suárez é uma jovem e humilde costureira espanhola que vai para o Novo Mundo atrás de seu marido, Juan de Malaga, que havia partido há tempos em busca de fortuna. Porém, ao chegar às Américas, depara-se com um continente bruto e selvagem, banhado em sangue pela ganância dos colonizadores que desejavam dominar as novas terras, explorar suas riquezas naturais e escravizar os indígenas.

Mulher destemida e determinada, Inés foi peça fundamental na fundação de Santiago do Chile ao lado do amante Pedro de Valdivia, porém é bom que se diga que

Quem visita o Museu Histórico Nacional, por exemplo, nota que, para tratar o período da conquista espanhola, o retrato de Valdivia se destaca em uma sala. Já o de Inés de Suarez, está em um corredor de passagem para outro espaço, em segundo plano (MUSSILI, 2018, p. 2).

Pelo descrito é possível fazer inferência a respeito do espaço e da importância que Inés Suárez ocupa na história daquele que foi, sem dúvida, um lugar que apesar de insólito, foi possível fazer florescer porque a frente desta conquista esteve presente uma mulher.

A obra em questão mistura ficção e fatos históricos para narrar as aventuras, bem como as decepções da conquista espanhola do Chile, porém assim o faz a partir de um ponto de vista e de um ângulo que historiadores convenientemente fazem questão de deixar à margem: o da mulher. E a esse respeito é oportuno destacar o que Allende (2006, p. 238), através da fala de Inés revela:

A força é uma virtude muito apreciada num varão, mas no nosso sexo é considerada um defeito. As mulheres fortes põem em risco o equilíbrio do mundo, que só favorece os homens; por isso, todos se empenham tanto em vexá-las e destruí-las. Mas

eu sou como as baratas: matas uma e há sempre mais umas quantas a sair pelos cantos da casa...

Aqui se nota, de forma clara, como a protagonista é consciente da pouca consideração dispensada à mulher e que aquilo que em um homem tem-se como sinônimo de valentia, o mesmo não vale para uma mulher, nesta é ressaltado como defeito. É perceptível, outrossim, a teimosia e a força de vontade, além do não se render facilmente as convenções e rotulações deferidas às mulheres e tão comum tanto na época quanto na atualidade.

Ao longo de seis capítulos, Inés, aos setenta e poucos anos e à beira da morte, nos conta sua história de vida e a da colonização do Chile por meio de cartas escritas a sua filha não biológica, Isabel. É assim que se dá a conhecer um pouco de sua adolescência na cidade espanhola de Plasencia e fica-se sabendo como ela conheceu o primeiro homem de sua vida: Juan Malaga, que no relato, como bem depõe a autora, foi aquele que a iniciou nos prazeres carnavais e com quem se casou. No entanto, o casamento foi uma grande decepção e Juan a deixa para aventurar-se nas Américas atrás de riqueza.

Anos depois, quando novas expedições ao Novo Continente estavam sendo organizadas, Inés decide que era tempo de explorar novos ares e, usando a desculpa de que precisava encontrar o marido, parte para a terra dos sonhos. Todavia, o que encontra logo no início da viagem, nos primeiros dias dentro do navio, assemelha-se a um pesadelo: fome, enjoo, doenças, além de ataques sexuais. E ao chegar à nova terra, mais decepções: clima absurdamente quente e úmido, insetos, animais selvagens, novos hábitos e comidas, tudo muito diverso do que conhecia e estava acostumada.

Entretanto, a todas essas novidades era possível se adaptar, porém algo que lhe roubava a paz e que jamais cessava no Mundo Novo eram as batalhas entre os espanhóis invasores e os nativos que resistiam bravamente e preferiam morrer a serem dominados. A sede por riqueza também gerou inúmeras traições e mortes entre os próprios colonizadores. O derramamento de sangue não tinha fim. A esse respeito Inés esclarece:

Dizem que uma pessoa se habitua a tudo, mas não sei se é verdade, pois nunca me habituei àqueles gritos espantosos. Mesmo agora na minha velhice, depois de ter fundado o primeiro

hospital do Chile e de levar uma vida inteira a trabalhar como enfermeira, ainda oiço os lamentos da guerra (ALLENDE, 2006, p. 146).

O ponto contraditório, se é que assim pode ser chamado, a saber, era que mesmo em meio ao caos e violência reinantes ainda havia espaço para o amor. Pois não tendo encontrado o marido, como Inés já esperava, ela se recusava a voltar para a Espanha, assim tratou de encontrar uma artimanha para permanecer no Peru e aí conhece o segundo homem que vira sua vida de ponta a cabeça, Pedro de Valdivia, mestre de campo de Francisco Pizarro. Ao lado dele, ela conhece a paixão e se dispõe a enfrentar, destemida, os riscos e as incertezas da conquista e da fundação do reino do Chile, desbravando territórios inóspitos e domando o maior dos seus desafios, o coração de Pedro.

Ao relembrar o início do romance com Valdivia, Inés deixa antever a ousadia quando, através de suas memórias, chega a esse ponto da narrativa:

Como é que nos abraçamos tão depressa? Quem deu o primeiro passo? Quem procurou os lábios do outro para o primeiro beijo? Seguramente eu. Mal consegui encontrar voz para quebrar o silêncio carregado de intenções em que nos olhávamos, anunciei-lhe sem rodeios que há muito tempo que estava à espera dele, porque já o tinha visto em sonhos e nas contas de adivinhar, que estava disposta a amá-lo para sempre e outras promessas que tais, sem reservas nem pudor. Pedro retrocedeu, rígido, pálido, até bater com as costas na parede. Que tipo de mulher fala assim com um desconhecido? Contudo, não pensou que eu tinha perdido o juízo ou que fosse uma rameira à solta em Cuzco, porque também ele sentia nos ossos e nas profundezas da sua alma a certeza de que tínhamos nascido para nos amarmos (ALLENDE, 2006, p. 85).

Veja-se que nesse ponto, Inés não se prende a regras de bom comportamento nem se preocupa com o que Pedro pensará a respeito da sua ousadia sexual, nenhuma ética foi capaz de pará-la ante o desejo de amá-lo e, sem nenhum pudor, entregou-se aquele com quem enfrentaria fome, glória e decepção.

Inés viveu 10 anos com amante de Valdivia, contudo sabia do seu enlace matrimonial com uma jovem que deixara na Espanha. Depois disso e na meia idade e ainda com amor a exceder em seu coração, Valdivia, para evitar a prisão

de ambos, separa-se de Inês, pois a união dos dois configuraria bigamia, tendo em vista ter ele contraído matrimônio anteriormente.

Quanto a Inês, casa-se com Rodrigo de Quiroga e passa a cuidar de Isabel, filha biológica do atual marido. Este passa a ser o terceiro homem com quem divide intimidade e quem ocupa um lugar mais que especial em seu coração e ao relembrar os homens que marcaram sua vida Inês passa a associar uma emoção a cada um deles: relaciona o desejo a Ruan de Malaga, à paixão a Pedro de Valdivia e o amor, a Rodrigo de Quiroga.

A narrativa é construída em primeira pessoa pela personagem central Inés Suárez, como bem informa Canello (2008, p. 02):

Neste romance a autora retorna à narrativa de fatos históricos, recurso utilizado em muitas de suas obras anteriores. Romance, em grande parte, realizado em primeira pessoa pela personagem histórica Inés Suárez (1507-1580), espanhola, nascida em Plasencia, que viaja ao Novo Mundo em 1537, onde participa da conquista do Chile e da fundação da cidade de Santiago.

O relato apresentado nesse livro desvela a vida de Inés, uma mulher singular que rompe com muitas das normas impostas e estabelecidas em sua época, tanto do mundo que abandonou, o europeu, quanto do mundo onde ingressou, o Novo Mundo.

Para Canello (2008, p. 10), em *Inés da minha alma* destaca-se uma narrativa convincente que persuade através de sua linguagem, mas também tem destaque a sensibilidade, bem como a sensualidade de Inés Suárez:

O estilo de uma retórica persuasiva e uma enorme capacidade expressiva e manifesta em uma linguagem dinâmica, em que se entrecruzam descrições com narrações intercaladas por diálogos em estilo direto. Sensibilidade, sensualidade parecem ser as evidências que impregnam o texto.

O livro está estruturado em seis capítulos e neles, a cada momento, Allende traz para o centro da narrativa o foco para os dois mundos distintos, o civilizado e o indômito. A esse respeito veja-se o que informa Mussili (2018, p. 4):

A narrativa está organizada em seis capítulos que correspondem aos períodos históricos que começam na Europa em 1500,



passando pela fundação da cidade de Santiago de La Nueva Extremadura nas proximidades no Cerro Huélen (atual Cerro Santa Lucía) e termina na Batalha de Tucapel em 1553, com a morte de Valdivia.

No dizer de Canello (2008, p. 7), o primeiro capítulo centra sua narrativa na Europa de 1500 a 1537 e inicia com a apresentação da personagem-narradora do romance que assim se define quando compara a Inés que deixou Plasencia e a Inés que fez diferença na fundação do Chile:

Lá seria a Inés, costureira da rua do Aqueduto. Aqui, sou dona Inés Suárez, senhora de grande importância, viúva do Excelentíssimo Governador don Rodrigo de Quiroga, conquistadora e fundadora do Reino do Chile (ALLENDE, 2006, p. 6).

Na obra em questão, Inés Suárez não se limita ao desempenho de uma simples personagem, também participa dos fatos, além de conduzir o foco narrativo. Fato curioso é o título do livro trazer o próprio nome da protagonista. A esse respeito, Canello (2008, p. 7) assim se refere à autora:

Percebe-se, já no primeiro capítulo, o aparecimento de aspectos narrativos, usados com muita frequência pela autora em outras obras, como por exemplo, o recurso metanarrativo e, a possibilidade da representação e projeção do alter ego de escritora, na atuação das personagens.

A título de esclarecimento, vale ressaltar que de acordo com o Dicionário de Significados de Expressões Latinas (2011), “alter ego” é uma locução substantiva com origem no latim “alter” (outro) e “ego” (eu) cujo significado literal é “o outro eu”.

Ainda considerando o Dicionário de Significados de Expressões Latinas (2011) e tomando-se por base tal significado, entende-se que dita expressão corresponde a uma outra personalidade pertencente a uma mesma pessoa. Em se tratando de literatura o “alter ego” pode funcionar como uma estratégia usada pelo autor do livro para se revelar indiretamente a seus leitores. Já na Psicologia, o “alter ego” é uma segunda personalidade de alguém, um outro eu inconsciente

que se revela através de múltiplas identidades. Está associado à patologia “Transtorno Dissociativo de Identidade”.

Na obra em questão a personagem Inés vê a si mesma como sendo não somente duas pessoas, mas duas pessoas completamente distintas, portanto, descarta-se a possibilidade do aspecto do “alter ego” na versão psicológica, ou seja, como sendo algo inconsciente, pois ela tem consciência de si.

Logo no início da obra *Inés da minha alma* tem-se um item chamado “Advertência” e aí a autora diz: “Esta é uma obra de intuição, mas qualquer semelhança com acontecimentos e personagens da conquista do Chile não é casual” (ALLENDE, 2006, p. 4).

Ainda no que diz respeito à narrativa em análise, percebe-se que Allende (2006, p. 284) ao tentar reconstruir a história da conquista do Chile o faz através de uma aproximação com fontes documentais, pois no final no livro tem-se o tópico “Notas bibliográficas” e nestas a autora esclarece:

Perdi a conta aos livros de História, obras de ficção e artigos que li para embeber-me da época e das personagens, pois a ideia de acrescentar uma bibliografia surgiu somente no final. Quando Gloria Gutierrez, a minha agente, leu o manuscrito, disse-me que sem algumas referências bibliográficas este relato pareceria fruto de uma imaginação patológica (de que tenho sido acusada muitas vezes): muitos episódios da vida de Inés Suárez e da conquista do Chile pareciam-lhe incríveis e tinha de demonstrar-lhe que eram factos históricos.

Assim é que na narrativa de Allende, ficção e história possuem uma linha tênue que torna impossível precisar onde começa uma e onde termina a outra.

A esse respeito veja-se o que informa Aínsa (1993, p. 11):

En español *historia*, como en italiano *storia*, significa tanto historia como relato. Esta relación – por no decir confusión semántica – ha propiciado no pocos equívocos que unos trascienden en la poesía immanente a todo lo que es “narración” sobre el acontecer humano y que otros traducen en la imposibilidad de distinguir entre lo que es propio de la “retórica” del discurso y lo que es la indagación sobre las verdades del pasado<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Em espanhol *história*, como em italiano *storia*, significa tanto história como relato. Esta relação – pra não dizer confusão semântica – tem proporcionado não poucos equívocos que uns transcendem na poesia imanente a tudo o que é “narração” sobre o acontecer humano e que

Percebe-se que a dificuldade para entender e distinguir narração e ficção se dá porque a fissura existente entre os dois termos se confunde e se interpenetra a partir da própria semântica a eles atribuídos, daí resulta a confusão que termina transcendendo a narrativa. E ainda a esse respeito Aínsa (1993, p. 11-12) vai um pouco mais além ao esclarecer que

historia y ficción son relatos que pretenden “reconstruir” y “organizar” la realidad a partir de componentes pre-textuales (acontecimientos reflejados en documentos y otras fuentes históricas) a través de un discurso dotado de sentido inteligible, gracias a su “puesta en intriga”, al decir de Paul Ricoeur, y a la escritura que mediatiza la selección. El discurso narrativo resultante está dirigido a un receptor que espera que el pacto de la verdad (historia) o de lo posible y verosímil (ficción) se cumpla en el marco del corpus textual<sup>15</sup>.

Para uma reconstrução histórica o autor deve entender que há um receptor que conta e espera, como que em uma espécie de pacto silencioso, além de uma organização inteligível da realidade, também um compromisso com a verdade e que dita verdade ainda seja capaz de persuadi-lo.

Em *Inés da minha alma*, Allende (2006, p. 197) descreve, na narrativa, situações da subcondição humana e faz essa descrição com uma grande riqueza de detalhes conduzindo o leitor a formar um mosaico do quadro panorâmico da realidade vivenciada na época.

Preparar a magra sopa comum para espanhóis e índios chegou a ser um desafio mais penoso do que os ataques inesperados de Michimalonko. Fervíamos água em grandes caldeirões e juntávamos as ervas disponíveis no vale – alecrim, louro, boldo, maitén e acrescentávamos o que houvesse: uns punhados de milho e feijões das reservas, que iam diminuindo rapidamente, algumas batatas ou tubérculos do bosque e pasto de qualquer tipo, raízes, ratos, lagartixas, grilos, gusanos.

---

outros traduzem na impossibilidade de distinguir entre o que é próprio da “retórica” do discurso e o que é a indagação sobre as verdades do passado.

<sup>15</sup> Com efeito, história e ficção são relatos que pretendem “reconstruir” e “organizar” a realidade a partir de componentes pré-textuais (acontecimentos que são refletidos em documentos e outras fontes históricas) através de um discurso dotado de sentido inteligível, graças a sua “puesta en intriga”, no dizer de Paul Ricoeur, e à escritura que divulga a seleção. O discurso narrativo resultante está dirigido a um receptor que espera que o pacto da verdade (história) ou do possível e verossímil (ficção) se cumpra no marco do corpus textual.

A descrição anterior, além de nítida, em muito se próxima da realidade ao descrever o que acontece com quem se vê desprovido de alimentos. Tal descrição, por sua vez, traz uma aproximação entre fato e fantasia e funde história e literatura, levantando assim a questionamentos quanto a sua veracidade.

Importante considerar também que a escritora ao informar com riqueza de detalhes contribui para que o leitor se aproprie do fato histórico, e assim, através de uma configuração narrativa, dito leitor redesenha a experiência temporal do mundo humano, do qual participa. Ele a reconhece (REIS, 2010, p. 70 apud RICOEUR).

Ainda é pertinente chamar a atenção para o fato de que a narrativa dialoga com a contemporaneidade ao descrever como muitos se dispuseram a atravessar o oceano para buscarem o tão cobiçado ouro: “– Há ouro na região? – perguntou Alonso de Monroy, falando em nome dos restantes homens, que não estavam interessados noutra coisa” (ALLENDE, 2006, p. 152).

Aqui a autora deixa claro que os bens materiais, tanto na sociedade da época quanto na atual, serviram e continuam a servir de parâmetro para o agir humano, pois o tido como bem-sucedido é pesado, medido e avaliado tão somente pelo tamanho de sua conta bancária.

Outro ponto a considerar é a semelhança e/ou distanciamento que existe entre as duas Ineses, a que figura na literatura e a que atuou ao lado de Valdivia, como bem pontua (MUSSILI, 2018, p. 4): “Então, é importante entender que a versão fictícia de Inés é a da conquistadora espanhola. Ainda que se tente relatar fatos e demonstrar imparcialidade, não deixará de ser sua ótica”.

A Inés que dá vida a obra, apesar de posicionar-se do lado daqueles tidos como colonizadores do Chile, também representa a luta das muitas mulheres que desfilaram pela história de forma anônima e invisível, a diferença se dá porque Inés é consciente da sua condição de mulher, embora a ela não se limite, antes se despe dos tabus e dos preconceitos que foram proclamados, defendidos e apregoados ao longo da história por aqueles que a escreveram, os homens.

### **2.3A Conquista do Chile pela Voz Feminina de Inés Suárez**

Quando se traz o Chile para o centro do palco, o que primeiro se nos apresenta é aquela faixa de terra estreita que se alonga a perder de vista nas dimensões da Cordilheira dos Andes, muito embora este país esteja situado geograficamente a oeste da mesma.

O Chile é um dos países que compõe o mosaico na formação da América do Sul, com capital em Santiago. Possui relevo montanhoso e suas terras são banhadas pelo Oceano Pacífico. Atualmente é tido como grande exportador de cobre, colocando-o em destaque quando o assunto é economia latino-americana.

Bem antes da chegada dos colonizadores, o Chile contava com um percentual de aproximadamente 500 mil habitantes e esses pertencentes as mais diversas populações indígenas.

A expansão do Império Inca, por volta do século XV, levou-o ao território do Chile e avançou por toda a região norte, porém sem ultrapassar a região sul nas proximidades do rio Maule, pois esse rio era tido como sendo a divisa do domínio mapuche.

No que diz respeito à chegada dos primeiros espanhóis nessa região, sabe-se que se deu por volta do século XVI, porém o processo de colonização só teve início no ano de 1540. E enquanto o império inca fixava seu território no centro-sul do Chile, os mapuche a partir do rio Moule e os europeus, por sua vez, instalaram-se na região norte, fundando no dia 12 de fevereiro de 1541, portanto um ano depois, a cidade de Santiago.

Os avanços dos colonizadores em direção ao sul foi o que motivou muitas disputas e guerras com as populações indígenas locais. Esses povos lutaram e resistiram ao domínio estrangeiro, pois sabiam estarem batalhando não só pelo seu território, mas também e, principalmente, para evitar a escravização certa que lhes aguardavam, pois considere que nesse período a economia que se desenvolvia no Chile era essencialmente agrícola e o indígena era quem conhecia a região como ninguém, além de dispor das sementes.

Sabe-se que no que diz respeito ao território chileno este foi ocupado por vários povos pré-colombianos. Fato curioso nesse território é que na Ilha de Páscoa, localizada no meio do Oceano Pacífico, tem-se vestígios de uma

civilização polinésia conhecida como Rapa Nui, e a essa civilização é atribuída a autoria de uma construção muito famosa chamada moais<sup>16</sup>.

Como dito acima, o Chile conta, para sua formação, com os indígenas mapuche<sup>17</sup>. É um povo que por sua vez descende dos araucanos. Seus domínios tem início ao sul do Rio Maule. Este é um rio que banha o Chile e tem uma extensão de 240 quilômetros e situa-se, como o próprio nome indica, na região Maule, zona central do país andino.

Costuma-se dividir a história do Chile em doze períodos históricos que compreendem um intervalo de tempo que se inicia com o povoamento humano e alcança a atualidade, são eles: período pré-hispânico que se inicia por volta de 14.800 a. C. e relaciona-se com o povoamento das etnias ameríndias e vai até a chegada dos espanhóis em 1492; o segundo dá-se justamente com a chegada de Fernão de Magalhães em 1492 e se estende até 1536; o terceiro período corresponde à conquista espanhola de 1536 a 1598; o quarto período é o colonial que se estende por mais de dois séculos vai de 1598 a 1808; o quinto período dá-se com a independência em 1818 até o exílio de Bernardo O'Higgins em 1823; depois tem-se o sexto período chamado de período da Organização do Estado chileno que vai de 1823 a 1830; o sétimo período ocorreu com a República Conservadora de 1831 a 1861; o oitavo período abarca a República Liberal e vai de 1861 a 1891; o nono período dá-se com a República Liberal de 1861 a 1891; depois disso tem-se o décimo período que se inicia em 1891 e vai até 1925 quando acontece a promulgação da Constituição nessa data; depois tem-se o décimo primeiro período chamado de período da República Presidencialista que vai de 1925 até o golpe de Estado em 1973; por último tem-se o décimo segundo período que ocorre após o Golpe de Estado em 11 de Setembro de 1973 e derruba o presidente democraticamente eleito Salvador Allende.

---

<sup>16</sup> Os moais são estátuas em formas humanoides construídas na Ilha de Páscoa — uma ilha remota no meio do Oceano Pacífico — pelos Rapa Nui, civilização que se desenvolveu nesse local. Os moais possuem um rosto humano e um pequeno tronco, e muitos deles foram construídos em cima de estruturas retangulares chamadas de ahu.

Ao todo, existem cerca de 1000 moais espalhados pela Ilha de Páscoa e muitos outros que ficaram inacabados. Eram construídos de tufo vulcânico em uma pedreira que está localizada no vulcão Rano Raraku. Existem moais com cerca de 10 metros de altura e o mais pesado deles possui cerca de 75 toneladas. Os historiadores acreditam que os moais tenham sido construídos entre o período de 1400 a 1650.

<sup>17</sup> Allende já informou anteriormente que esse vocábulo não admite plural.

Não resta dúvida que os mapuche ocupam o centro da história do seu país por oferecerem resistência ao império dos incas no século XV e, posteriormente, a partir do século XVI, por não se renderem ao domínio dos conquistadores espanhóis.

A conquista chilena teve como ponto de partida o Peru e Fernão de Magalhães juntamente com sua expedição foram os primeiros humanos europeus a alcançarem o Chile e o fizeram pela parte sul do país através do Estreito de Magalhães em 1520.

Porém, foi com Diego de Almagro, companheiro de Pizarro na conquista do Peru, que se deu a exploração chilena em 1536. E embora Almagro para alcançar o Chile tenha optado por fazer a travessia da cordilheira dos Andes o resultado desse feito não lhe trouxe a vitória que buscava, tendo em vista que boa parte de sua comitiva morreu devido as baixas temperaturas durante a mesma, dita travessia ultrapassou os nove meses, porém em 21 de março de 1536 Almagro acampou no vale de Copiapó.

Também foi no governo de Almagro que se deu um enfrentamento entre os indígenas e os conquistadores espanhóis em Reinohuelén e se considera esse embate como sendo a primeira batalha da tão aclamada Guerra de Arauco. Porém, decepcionado, o conquistador Almagro abandona sua governança e volta ao Peru ainda em 1536 e lá trava luta contra Pizarro.

Assim é que em 1540, portanto quatro anos depois, entra em cena para conquista do Chile, Pedro de Valdivia. Esse explorador, ao contrário de Almagro, não fez o mesmo percurso do seu antecessor, evitou, portanto, o caminho da cordilheira dos Andes, antes preferiu a rota do deserto de Atacama e por aí logrou êxito, mas não sem dificuldades, há quem diga, inclusive que essa travessia só foi possível devido ao dom que Inés tinha para encontrar água, como relata Allende (2006, p. 116-117) no fragmento abaixo:

Depois, saquei do ramo de árvore que levava na minha bagagem e comecei a rezar (...). Subitamente, um dos índios deu um grito rouco e reparamos que se começava a juntar água, inicialmente sob a forma de uma ligeira humidade, como se fosse o suor da terra, mas ao cabo de dois ou três minutos havia já um pequeno charco. Pedro, que não tinha saído do meu lado, mandou os soldados defender o poço com as suas vidas, porque temeu, e

com razão, o assalto feroz de um milhar de homens desesperados por umas gotas de água.

Nesta parte da narrativa já se tinha esgotado toda reserva de água que a caravana tinha levado, portanto, o dom de Inés no manuseio das varinhas era o último recuso de que dispunham.

Como dito anteriormente, os mapuche ocupam o centro da narrativa quando o assunto é a defesa do seu território e na tentativa de caracterizar esse povo, Allende (2006, p. 109) assim os descreve:

mas concordo que os mapuche são altivos e belicosos, e que nunca foram regidos por nenhum rei, nem submetidos pelos estrangeiros. Desprezam a dor; podem sofrer suplícios horríveis sem um único queixume, não porque sejam menos sensíveis ao sofrimento do que nós mas porque são valentes.

O trecho acima nos oferece uma visão da grandiosidade e valentia desse povo, como se pode notar, além de predispostos à guerra também se insurgem pelo desprezo ao estrangeiro e, conta ainda, como marco diferencial a resistência à dor. Outro aspecto que chama a atenção é prescindir de um rei ou de alguém que faça as vezes desse e por aí se vê a grande autonomia e individualização em que viviam, completamente donos de si mesmos.

Os mapuche são também chamados de araucanos, porém como esse foi um vocábulo que quem lhes atribuiu foram os espanhóis, eles não aceitam, desprezam e o veem como pejorativo.

Partindo para a etimologia da palavra, a designação “mapuche” forma-se a partir de duas palavras, “mapu” que significa terra, e “che”, que significa gente, portanto traduzindo ao pé da letra temos “gente da terra”, enquanto que “araucano” é derivado do quechua “awqa” que significa, inimigo, selvagem ou rebelde, considera-se ainda que possa ser derivado de “palqu” que significa silvestre, razão pela qual repudiam essa denominação.

A respeito da origem dos mapuche, Allende (2006, p. 110) é precisa ao afirmar:

Mas de onde vieram estes mapuche. Dizem que se parecem com certos povos da Ásia. Se foi ali que surgiram, não sei explicar como cruzaram mares tão tumultuosos e terras tão extensas até



cá chegarem. São selvagens, não conhecem a arte e a escrita, não constroem cidades nem templos, não têm castas, classes nem sacerdotes, apenas capitães de guerra, os seus toquis. Andam de um lado para o outro, livres e despidos, com as suas muitas esposas e filhos, que lutam a seu lado nas batalhas. Não fazem sacrifícios humanos, como outros índios da América, e não adoram ídolos. Creem em um só deus, não no nosso Deus, mas sim noutro que chamam de Ngenechén.

Antes da chegada dos colonizadores europeus predominava nas terras chilenas diversas populações indígenas, aproximadamente cerca de 500 mil pessoas, como dito anteriormente, os pré-colombianos, entre os quais estavam os mapuche, os atacamenhos, os aimarás e outros. Os mapuche compõem hoje a maior parcela da população nativa do Chile, cerca de 9% da população geral (GUITARRARA, 2023, p. 5).

A chegada do conquistador europeu deu-se depois do povo Inca e trouxe uma nova configuração e demarcação a esse território. A tentativa de ocupação dos domínios mapuche desencadeou guerras e mortes dos dois lados, porém o lado indígena sofreu baixa de três quartos de sua população, fosse pela fome, pela guerra ou pelas infecções exógenas, mas há que se considerar também que de todos os povos indígenas pertencentes a América Latina, os mapuche foram os únicos que conseguiram autonomia frente ao império espanhol (GUITARRARA, 2023).

Quando se questiona a respeito dos motivos que impulsionaram os europeus a atravessarem o oceano para dominar e se estabelecer no Chile, Lobo (1967, p. 3) ao falar a respeito do caráter senhorial dessa conquista também evidencia alguns desses muitos motivos que ainda hoje é discutido e debatido por teóricos e historiadores:

A busca de aventura, do feito de armas, também foram estímulos de tipo de sociedade senhorial que atuaram na motivação da conquista do Chile. No entanto, ao lado desses aspectos quixotescos da conquista analisados por Jayme Eyzaguirre, houve uma motivação econômica forte: a riqueza aurífera. O cronista Lopez Velasco afirma que entre 1542 e 1560 o Chile forneceu mais de 7 milhões de oro suelto.

Lobo (1967, p. 3) vai além quando esclarece a respeito da quantidade de ouro retirada e enviada para o país colonizador:

Das minas de Malga-Malga foram extraídos 6 a 7 mil pesos enviados por Valdivia ao Peru na primeira viagem de Alonso de Monroi. Essa exploração foi interrompida pelo levante de Michimalonco mas logo restabelecida em 1547. Calcula Domingo Amunátegui Solar que os *lavaderos* de Malga-Malga em 1547 tinham produzido 200.000 pesos de ouro, baseado na declaração dos Oficiais reais de Santiago sobre os quintos do rei. A mineração da região de Valdivia rendia menos do que os cronistas afirmavam. Rodrigo de Quiroga relatava ao rei, em carta de 12 de janeiro de 1579, que em dezembro de 1578 Drake capturara em Valparaíso um navio que acabara de chegar de Valdivia carregado de ouro em pó no valor de 25.000 pesos de ouro, soma que devia representar o trabalho de vários meses.

Quando o assunto que prende a atenção é a conquista chilena, o nome que ressoa nesse feito é o de Pedro de Valdivia. A respeito desse conquistador espanhol, Caviedes et al (1998, p. 5) informa que:

se sabe que Valdivia era oriundo de la región de Extremadura (de los confines), en la que habría nacido hacia el año 1502, en una de sus innumerables villas, siendo la más probable la de Castuera, ubicada en el Partido de La Serena.

Valdivia era extremeño de origen y, según sus biógrafos, pertenecía a una familia de hidalgos, cuyas raíces se remontarían a algunos siglos atrás.

Por otro lado, la familia de Valdivia poseería hacia el siglo XVI un profuso historial de acciones militares (con antepasados, incluso, en la Orden de Calatrava), habidas en los distintos escenarios de la península, lo que a él le conferiría otra característica, que bien podría sintetizarse en una familia de hidalgos con tradición militar<sup>18</sup>.

Assim é que não é de estranhar que esse senhor com raízes fidalgas e histórica tradição militar seja, na contemporaneidade, tido como o conquistador do Chile e pouco ou quase nada faça referência à Inés Suárez quando se

---

<sup>18</sup> Sabe-se que Valdivia era originário da região de Extremadura (dos confins), na qual havia nascido no ano de 1502, em uma de suas inúmeráveis vilas, sendo a mais provável a de Castuera, situada no Partido da Serena.

Valdivia era extremeño de origem e, segundo seus biógrafos, pertencia a uma família de hidalgos, cujas raízes se remontariam a alguns séculos atrás.

Por outro lado, a família de Valdivia possuía até o século XVI um abundante histórico de ações militares (com antepassados, inclusive, na Ordem de Calatrava), com distintos cenários da península, o que lhe conferia outra característica, que bem poderia sintetizar-se em uma família de hidalgos com tradição militar.

considera o mesmo feito, embora ganhe reconhecimento e destaque como sendo sua companheira e amante durante a conquista.

A presença de mulheres espanholas na conquista de novos territórios americanos é um feito bem pouco discutido, tanto na época do ocorrido quanto na atualidade, assim é que pouco se sabe a respeito da Inés Suárez histórica, conquistadora do Chile e o pouco que se sabe está atrelado a Pedro de Valdivia, esse sim historicamente tido como conquistador chileno.

Deste modo e para tornar mais conhecida essa mulher histórica, Isabel Allende constrói uma versão ficcional de Inés Suárez, procurando desta forma reescrever o discurso da conquistadora.

Quanto à presença de mulheres no Chile, Inés Suárez sai à frente e inaugura tal feito. A esse respeito veja-se o que informa Memória Chilena (2023, p. 1):

Inés de Suárez inauguró la presencia de europeas en Chile. Sin embargo, durante los primeros años de la Conquista, comenzaron a arribar mujeres provenientes de España, entre ellas, Catalina Diez, Beatriz Balcázar, Mencia de los Nidos, Esperanza Rueda, María Torres y Meneses, y Cándida de Montesa. La mayoría estaban casadas con conquistadores o lo hicieron al poco tiempo de llegar. Por ejemplo, las tres últimas españolas mencionadas, respectivamente, eran esposas de Jerónimo de Alderete, Francisco de Aguirre y Pedro de Villagrán. No obstante, en el siglo XVI la inmigración femenina fue muy baja. Un censo realizado en 1583 por Alonso de Sotomayor, estimaba que existían en Chile 1100 varones españoles, mientras que las mujeres peninsulares no excedían de 50. Para promover la emigración familiar, la Corona reglamentó que los conquistadores y primeros colonizadores abandonaran España acompañados por sus familias<sup>19</sup>.

Como se percebe, Inés Suárez foi uma das poucas mulheres, sem marido, que conseguiu se introduzir em um mundo de explorações e conquistas

---

<sup>19</sup> Inés de Suárez inaugurou a presença de europeias no Chile. No entanto, durante os primeiros anos da Conquista, começaram a chegar mulheres provenientes da Espanha, entre elas, Catalina Diez, Beatriz Balcázar, Mencia de los Nidos, Esperanza Rueda, María Torres y Meneses, e Cándida de Montesa. A maioria estava casada com conquistadores ou o fizeram logo ao chegar. Por exemplo, as três últimas espanholas mencionadas, respectivamente, eram esposas de Jerónimo de Alderete, Francisco de Aguirre e Pedro de Villagrán. No entanto, no século XVI a imigração feminina foi muito baixa. Um censo realizado em 1583 por Alonso de Sotomayor, estimava que existiam no Chile 1100 varões espanhóis, enquanto que as mulheres peninsulares não excediam a 50. Para promover a imigração familiar, a Coroa regulamentou que os conquistadores e primeiros colonizadores abandonassem a Espanha acompanhados por suas famílias.

de territórios, um mundo marcadamente masculino que exigia força, coragem e valentia e cabe destacar que foi ela própria a escolher movimentar-se até esse mundo, diferentemente das poucas mulheres que chegavam às Novas Terras, essas vinham por imposição da coroa espanhola.

Inés Suárez, mulher singular, decidida, benevolente e honrada apesar de amante, contou com o reconhecimento e respeito de seus contemporâneos porque seus méritos se propagaram de forma tal que era/é impossível relegá-la à indiferença:

Como reconocieron ya sus contemporáneos, Inés de Suárez es un personaje extraordinario por sus propios méritos. Hazañas como hallar agua en medio del desierto, salvando a la tropa de perecer de sed, o descubrir una conspiración contra Valdivia, son aspectos que le granjearon respeto. La acción que mayor gloria le significó, fue su crucial y cruento papel en un ataque a Santiago dirigido por el toqui Michimalongo. Además de estas proezas, la soldadesca reconoció con gratitud el despliegue de cuidados que ella les prestaba, como, por ejemplo, curar sus heridas, conservar y preparar alimentos, y mantener el espíritu religioso. Inés de Suárez, según atestiguaron, era una persona honrada, caritativa y de gran cristiandad<sup>20</sup> (MEMÓRIA CHILENA, 2023, p. 2).

O relacionamento de Inés Suárez com Pedro de Valdivia era extraconjugal, mas pese a isso que apesar de lhe render alguns transtornos, não lhe roubou a dignidade e indiretamente a conduziu para a conquista do título de governadora do Chile:

Aunque Pedro de Valdivia tenía por esposa a Marina Ortiz de Gaete, quien residía en España, cohabitaba con Inés de Suárez sin reparos. Su relación solo terminó cuando Valdivia fue sometido a un juicio en Perú del cual fue absuelto con la condición de abandonar a Suárez. Al regreso de Valdivia en 1549, ella se casó con Rodrigo de Quiroga, afamado conquistador que llegó a

---

<sup>20</sup> Como reconheceram já seus contemporâneos, Inés de Suárez é uma personagem extraordinária por seus próprios méritos. Façanhas como encontrar água em meio ao deserto, salvando a tropa de perecer de sede, ou descobrir uma conspiração contra Valdivia, são aspectos que lhe granjearam respeito. A ação que maior glória lhe significou, foi seu crucial e violento papel em um ataque a Santiago dirigido pelo líder Michimalongo. Além desta proeza, os soldados reconheceram com gratidão a mobilização de cuidados que ela lhes prestava, como, por exemplo, curar suas feridas, conservar e preparar alimentos, e manter o espírito religioso. Inés de Suárez, segundo testificam, era uma pessoa honrada, caritativa e de grande cristandade.

ser Gobernador, extendiendo a su mujer el título de Gobernadora. Estuvieron unidos 30 años<sup>21</sup> (MEMÓRIA CHILENA, 2023, p. 2).

Não resta dúvida de que a história não fez justiça a Inés Suárez e para alguns historiadores ela era citada apenas como a coabitante de Valdivia, omitindo assim até mesmo seu nome, muito embora essa mulher quando comparada as muitas espanholas de sua época sai na frente em atitudes e feitos que superava muitos homens.

Embora se conheça, através de crônicas, a participação de mulheres na Conquista do Novo Mundo (María de Toledo, María Dávila, Isabel de Guevara, Elvira Hernández, María Sánchez, María de Estrada...) as informações sobre elas e Inés Suárez não são, neste sentido, uma exceção. Os fragmentos que se conhecem da sua história são, fundamentalmente, o legado de crônicas do século XVI, como a *Crónica dos Reinos do Chile* de Jerónimo de Vivar, a *Crónica do Reino do Chile* de Pedro Mariño de Lobera, que dão um breve relato de sua participação na defesa de Santiago, ou a *História de todas as coisas que aconteceram no Reino do Chile e aqueles que o governaram*, em que Alonso de Góngora Marmolejo apenas se refere a ela de forma concisa e pejorativa, sem sequer mencionar seu nome, como coabitante espanhola de Pedro de Valdivia<sup>22</sup> (RIVERO, 2021, p. 1-2).

O talento de Inés se estende também ao trato com o dinheiro, pois esta ainda se destaca como exímia administradora e isso lhe rende bens e propriedades:

Inés de Suárez fue una mujer admirada en su tiempo, la consideraron una dama y se relacionaba con personas encumbradas de la sociedad. Por sus obras se le dotó de tierras y encomiendas y el propio Valdivia le cedió un terreno para construir una ermita para la Virgen de Monserrat, a la que rindió culto hasta el fin de sus días. Inés de Suárez murió a los 74 años, sobreviviendo a todos los conquistadores con los que llegó a Chile<sup>23</sup> (MEMÓRIA CHILENA, 2023, p. 2).

<sup>21</sup> Embora Pedro de Valdivia tivesse por esposa Marina Ortiz de Gaete, que residia em Espanha, coabitava com Inés de Suárez sem reparos. Sua relação só terminou quando Valdivia foi submetido a um julgamento no Peru do qual foi absolvido com a condição de abandonar Suárez. Ao regresso de Valdivia em 1549, ela se casou com Rodrigo de Quiroga, afamado conquistador que chegou a ser Governador, estendendo a sua mulher o título de Governadora. Estiveram unidos por 30 anos.

<sup>22</sup> O fato de que não se lhe dedicara ulterior atenção desperta a atenção de Isabel Allende: “Quando li sobre Inés Suárez entrelinhas em um livro de História – rara vez há mais que um par de linhas quando se trata de mulheres [...]”.

<sup>23</sup> Inés de Suárez foi uma mulher admirada em seu tempo, a consideraram uma dama e se relacionava com pessoas elevadas da sociedade. Por suas obras se lhe dotou de terras e encomendas e o próprio Valdivia lhe cedeu um terreno para construir um santuário para a

O mesmo não é possível atestar a respeito de Pedro de Valdivia, pois enquanto Inés Suárez se esmerava na lida com o dinheiro ele lhe fazia o contraponto:

Além disso, verifiquei que Pedro não era um bom administrador e que não se interessava o suficiente pelos seus bens; como todo o fidalgo espanhol, achava-se superior ao trabalho e ao vil metal, que podia gastar como um duque mas que não sabia como se ganhava. As terras e minas recebidas de Pizarro foram um golpe de sorte que acolheu com o mesmo desprendimento com que estava disposto a perdê-las. Uma vez, atrevi-me a dizer-lhe isso, porque como, desde miúda, fui obrigada a ganhar (ALLENDE, 2006, p. 89).

Pelo dito acima é notável a intimidade e segurança com que Inés transitava pelos meandros das finanças e o faz, como bem explica, porque desde idade muito tenra já se via as voltas com a questão.

A respeito da falta de destaque e reconhecimento de Inés na façanha da conquista do Chile, Allende (2006, p. 4), assim se posiciona:

Inés Suárez – (1507-1580) Espanhola, nascida em Plasencia, viajou para o Novo Mundo em 1537, onde participou na conquista do Chile e na fundação da cidade de Santiago. Teve grande influência política e poder económico. As façanhas de Inés Suárez, referidas pelos cronistas da sua época, foram quase esquecidas pelos historiadores durante mais de 400 anos.

Isso posto há de se considerar a razão pela qual Allende resolveu trazer Inés para o centro da narrativa em um livro que traz como título seu nome: *Inés da minha alma*. E não só a trouxe para o centro da trama, mas lhe deu espaço para se pronunciar, além da oportunidade de mostrar, através do seu olhar de mulher, como se deu a conquista chilena.

Seguindo, então, na esteira de outras obras da segunda metade do século XX, Isabel Allende reconstrói a vida de Inés Suárez (1507- c. 1580)<sup>24</sup> da Placenta por meio de uma crônica fictícia

---

Virgem de Monserrat, a que rendeu culto até o fim de sus dias. Inés de Suárez morreu aos 74 anos, sobrevivendo a todos os conquistadores com os quais chegou ao Chile.

<sup>24</sup> María Correa Morandé publicou o romance *Inés y las raíces en la tierra* em 1964; Josefina Cruz de Caprile em 1968 *La Condoreza*, uma biografia ficcional de Inés Suárez, enquanto em 1993 o romance histórico *Ay mamá Inés* (Crônica de Testemunho) de Jorge Guzmán viu a luz do dia. Nenhuma dessas obras alcançou, no entanto, a ampla repercussão que alcançaria a obra de Allende e para a qual sem dúvida continuará contribuindo sua recente adaptação como

narrada pela própria Inés Suárez e supostamente entregue a sua morte à igreja dominicana por sua filha Isabel de Quiroga, em que fontes e fatos são reproduzidos e ordenados pelo autor “com um mínimo exercício de imaginação”. Assim, Allende recupera a ideia de Walter Benjamin de que a história sempre foi escrita pelos vencedores e propõe-se reescrever o discurso da Conquista dando voz à mulher no processo histórico para a devolver, desta forma, ao papel que lhe corresponde na fundação do Novo Mundo: “A história foi escrita pelos vencedores, geralmente homens brancos e mulheres, crianças e derrotados não têm voz na história; é como se nunca tivessem estado lá. Se você ler a história, parece que o planeta foi habitado apenas por homens” (RIVERO, 2021, p. 2).

A narrativa é um aporte para as memórias de Inés que assim age com o intuito de deixar registrada para Isabel, sua filha não biológica, a história que marcou sua vida, portanto, sua versão dos fatos e ainda afetada pelo avançado da idade.

Não se pode negar que Inés foi uma mulher que bem representou o momento histórico que vivenciou, e no dizer de Mussili (2018, p. 4):

Inés foi uma mulher de seu tempo. É como dizemos quando queremos justificar ações que segundo o pensamento atual seriam injustificáveis. O que se convencionou chamar descobrimento ou conquista são conceitos revistos e passam a percepção de que, ainda que reconheçamos a importância de uma mulher, a história da América passa pela dominação de um povo que originalmente ocupava o território, sejam incas ou Mapuche. As guerras travadas foram sangrentas e, inúmeras vezes, os que seriam considerados civilizados desmereceram a cultura local ao impor poder e fé religiosa.

Assim é que a despeito do que a história omitiu a respeito de Inés Suárez, Isabel Allende, com sua narrativa a faz ressurgir e a entrona no lugar que lhe pertence por direito, ombro a ombro a Pedro de Valdivia e assim o faz por entender que Inés Suárez emancipa-se a si mesma pelos feitos grandes, diversos, inigualáveis e superiores a muitos homens, então a justiça que a escrita de Allende apregoa sobre Inés é devida e merecida.

### 3 (DE)COLONIALIDADE E ENTRELUGAR DE INÉS SUÁREZ

Até aqui, nestas ilhas, não encontrei homens monstruosos, como muitos pensavam, mas antes toda a gente é de mui linda compleição, não são negros como na Guiné, excetuando seus cabelos escorridos [...]

(Carta de Colombo anunciando o “descobrimento” da América).

Para o desenvolvimento deste capítulo explicar-se-á a respeito do colonialismo do poder, para tanto far-se-á um contraponto com a obra *Inés da minha alma* para daí extrair o protagonismo e o entrelugar vivenciados por essa personagem histórica e assim compreender o que a individualizou das muitas mulheres de quem foi contemporânea.

#### 3.1 As Interfaces da (De)colonialidade e Poder

Entende-se por colonização um período histórico impulsionado pelas Grandes Navegações e que tem como resultado a expansão territorial devido à descoberta de novas terras.

Assim é que a colonialidade está associada à chegada do Europeu como colonizador das Américas. Esta chegada implica, além da posse das terras dos povos primitivos e originários, o domínio de sua dignidade, de seus hábitos, de seus costumes, além de sua cultura e de sua religião impondo a estes um processo de dominação a partir de um regime de trabalho forçado e o desenraizamento cultural dos povos oprimidos e estigmatizados, descriminalizando-os não só no que diz respeito ao gênero, mas também no que tange à sua etnia.

Em decorrência desse processo instalou-se a dominação dos países colonizadores sobre os países colonizados, isto é, o domínio das metrópoles sobre as colônias e é a partir desse domínio que se estabelece uma relação de superioridade dos povos colonizadores.

Porém, antes se faz necessário compreender o que tornou possível ao povo europeu chegar e se instalar nas Américas, isto é, entender o que possibilitou a travessia de oceanos, bem como o que o motivou.



No século XV viveu-se um período histórico marcado pelas grandes navegações, ditas navegações, por sua vez, impulsionaram a localização e, posteriormente, o domínio e a posse de terras até então desconhecidas pelo Velho Continente.

As Grandes Navegações tiveram seu apogeu entre os séculos XV e XVI. Esse período representa, de forma clara e objetiva, a franca expansão do comércio e do mercantilismo europeu<sup>25</sup>.

Período também conhecido como Era dos Descobrimentos, as Grandes Navegações consistem em expedições marítimas realizadas por navegadores europeus, de forma pioneira, por portugueses e espanhóis, que se dispuseram a ir em busca de rotas inéditas que lhes possibilitassem chegar a outros continentes e motivados, em essência, por razões econômicas e expansão territorial.

Para alguns historiadores, crava-se o início das Grandes Navegações com Portugal e Espanha e tem-se como marco desse fato histórico exatamente a conquista de Ceuta e América respectivamente e, conseqüentemente, daí decorre todo o processo de colonização, além das implicações que dito processo desencadeia no planeta.

Portugueses e espanhóis, também chamados de povos ibéricos, pois representavam/representam os povos naturais da Península Ibérica<sup>26</sup>, foram os responsáveis pela colonização da América Latina.

Porém, quando se fala em navegação, Portugal sai à frente e passa para a história como o país que pioneiramente se lança na exploração do oceano Atlântico. As razões que o impulsionaram a lançar-se ao oceano foram muitas e versam sobre os mais variados setores como economia, política, geografia e, inclusive, a própria sociedade portuguesa, essa ousadia possibilitou o descobrimento de novas rotas, bem como do estabelecimento de novas relações comerciais.

Considera-se que as grandes navegações portuguesas foram iniciadas em 1415, quando os portugueses, durante o reinado de D. João I, conquistaram Ceuta, no norte do continente africano. A conquista de Ceuta era parte dos interesses portugueses, que

---

<sup>25</sup> Conjunto de ideias e práticas econômicas executadas pelos Estados absolutistas europeus durante a Idade Moderna, posterior ao período do Feudalismo.

<sup>26</sup> Região localizada no sudoeste do continente europeu.

queriam alcançar o ouro árabe e também manter contato com o reino mítico de Preste João<sup>27</sup>, a fim de guerrear contra os muçulmanos (MUNDO EDUCAÇÃO, 2023, p. 2).

Considerando a citação anterior, chama a atenção a forma como se dava a conquista portuguesa, pois para atingir seu objetivo final, chegar ao ouro árabe, o fizeram por etapas, primeiramente dominaram Ceuta, para daí alcançar o reino de Prestes João e então abrir caminho para o ouro, seguindo esse raciocínio percebe-se que os portugueses agiam de forma estratégica.

O pioneirismo de Portugal não se deu ao sabor do acaso, vários fatores contribuíram e proporcionaram que Portugal ganhasse a corrida quando o assunto era exploração dos oceanos, são eles: estabilidade política, esse fator deu-se por meio da Revolução de Avis (1383 a 1385) e proporcionou ao país um maior incentivo econômico; outro aspecto que se destaca é que Portugal tinha um território consolidado, isto é, a consolidação impedia que Portugal se envolvesse em questões bélicas, evitando assim gastos e perda de tempo; também se sobressai a questão econômica de Portugal que se dava através de um grande centro comercial, Lisboa que recebia comerciantes advindos das mais diversas partes da Europa; ainda se destaca o fator geográfico, pois a proximidade com o oceano colocava Portugal à frente quando se tratava de navegação; também se sobressai o aspecto social, tendo em vista que a sociedade portuguesa era incentivada a lançar-se ao mar porque entendia ser essa a oportunidade, das mais diferentes camadas sociais, de prosperar financeiramente (MUNDO EDUCAÇÃO, 2023, p. 2).

A conquista de Ceuta serviu de inventivo e estímulo para novas expedições de explorações oceânicas. Depois desse feito, Portugal voltou sua atenção para outro alvo: chegar à costa do continente africano. Essa ambição se deu porque os portugueses desejavam descobrir novas rotas que os permitissem alcançar as Índias, pois tendo sido Constantinopla dominada pelos turcos otomanos em 1453 limitou, sobremaneira, o acesso às especiarias.

---

<sup>27</sup> Preste João foi um lendário soberano cristão do Oriente que detinha funções de patriarca e rei, tendo sido relacionado ao Imperador da Etiópia. Diz-se que era um homem virtuoso e um governante generoso. O reino de Preste João foi objeto de uma busca que instigou a imaginação de gerações de aventureiros, mas que sempre permaneceu fora de seu alcance.

Os europeus viam nas especiarias um recurso para o lucro e consequente enriquecimento, tendo em vista que essas mercadorias eram de grande utilidade para a época, pois favoreciam a conservação dos alimentos, além de ajudar a ressaltar o sabor dos mesmos, especialmente das carnes; eram utilizadas também na feitura de cosméticos e ainda na utilização da produção de medicamentos.

A exploração da costa africana possibilitou aos portugueses ampliarem suas conquistas, tendo em vista que os levou a lugares até então desconhecidos. Assim é que em 1420, chegaram a Madeira; em 1427, a Açores; em 1460, às ilhas de Cabo Verde; e, em 1471, aportaram em São Tomé (MUNDO EDUCAÇÃO, 2023, p. 3).

Outro feito importante no que diz respeito às conquistas e explorações portuguesas deu-se com o contorno do cabo do Bojador em 1434. Esse cabo, localizado próximo ao litoral do Saara Ocidental, é formado naturalmente por uma série de corais pontiagudos e bancos de areia que proporcionam baixa profundidade em parte do seu percurso. Por essa razão muitos navios não conseguiam atravessá-lo ou simplesmente desapareciam desencadeando assim muitas lendas e misticismo.

Muitos portugueses acreditavam que o Cabo do Bojador era um dos limites do mundo e, por isso, era impossível ultrapassá-lo, mas o navegador Gil Eanes conseguiu tal feito. Poucos anos depois, os portugueses começaram a usar uma embarcação que se tornou mais apropriada para a navegação marítima: a caravela. A caravela era mais eficiente em situações em que o vento soprava contra e foi a principal embarcação portuguesa até o século XVII (MUNDO EDUCAÇÃO, 2023, p. 3).

O Cabo do Bojador representava a demarcação para o mundo conhecido, nada ou ninguém poderia supor o que haveria depois desse limite, mas contornando o cabo constatou-se que era possível ir adiante e assim desmistificar muitas lendas e fetiches a ele associados.

A caravela, muito utilizada e aperfeiçoada pelos portugueses, tornou possível não só a travessia do Bojador, mas também foi o veículo náutico que proporcionou aos portugueses a exploração do oceano Atlântico. Essa embarcação foi pensada para ser ágil e resistente, tinha um tamanho médio e de

fácil manobra, era capaz de suportar mais de 50 toneladas, além de conduzir aproximadamente cerca de 50 tripulantes. A vela latina, no formato de triângulo, permitia o movimento “bolinar”, isto é, navegar em zigue-zague contra o vento. Assim é que

A caravela foi o navio ideal para as explorações, durante todo o século XV. O casco afilado e as velas latinas tornavam-na muito veleira, quer dizer, era um navio que andava bem à vela. Com estas velas podia navegar à bolina, ou seja, prosseguir numa rota em zigue-zague contra a direção do vento. Por outro lado, sendo uma embarcação relativamente pequena, podia seguir junto às costas, entrar nas embocaduras dos rios e subir pelo seu curso, explorando um pouco do interior do continente. Ao mesmo tempo, porém, a caravela era maior que os navios que os Portugueses tinham empregue até então nas primeiras viagens, e isso queria dizer que podia levar mais mantimentos e água potável para os tripulantes, e assim as viagens podiam ser cada vez mais longas (PISSARA, 2003, p. 2).

Como bem se percebe, o desenvolvimento e aperfeiçoamento das embarcações náuticas, com destaque para as caravelas, foi um fator primordial para o desbravar e o desvendar dos oceanos e o sucesso se dava porque essa embarcação mostrava-se de grande eficiência em situações em que o vento soprava contra a correnteza, algo inédito para a época. Seu uso permitiu cruzar grandes distâncias e possibilitou alcançar novas terras e essa foi a principal embarcação utilizada pelos portugueses até meados do século XVII.

Outro acontecimento de relevância deu-se no reinado de D. João II, trata-se do fato de Bartolomeu Dias, navegador português, conseguir contornar o Cabo da Boa Esperança, no sul da África em 1488. Antes, o local era conhecido por Cabo das Tormentas. Esse nome foi dado pelo navegador e sua tripulação ao avistarem o local depois de terem passado por fortes tempestades.

Assim é que o feito de Bartolomeu Dias abriu precedentes para Vasco da Gama em 1497 e 1498 e já no reinado de D. Manuel I, singrar as águas turbulentas do Cabo da Boa Esperança e chegar um pouco mais além, dessa forma é que se abriu um caminho por mar que ligava Portugal às Índias.

Essa tática utilizada pelos portugueses ficou conhecida como Périplo Africano, o que seja, chegar às Índias contornando a África e para isso contando com o apoio e incentivo da Coroa portuguesa (BEZERRA, 2023, p. 1).

Destaque também se dá aos portugueses ao elaborarem uma expedição que os levariam a conquista de grandes riquezas e de um imenso território, o Brasil. Essa expedição foi comandada por Pedro Álvares Cabral e aportou no Brasil aos 22 dias do mês de abril de 1500, porém a colonização do território brasileiro de fato teve início em 1530 e estendeu-se até 1822, portanto, um pouco mesmo de 300 anos de exploração das terras brasileira, bem como de suas riquezas e de dizimação de boa parte da sua população nativa (SIGNIFICADOS, 2023).

Porém, o mérito da primeira expedição europeia a aportar no continente americano deve-se aos espanhóis e isso aconteceu entre os séculos X e XI e só não competiram de igual para igual na exploração atlântica com os portugueses porque Espanha enfrentava questões internas como guerras dinásticas e conflitos contra os mouros em Granada, no sul da Península Ibérica.

Influenciados pelo navegante genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) que dizia ser possível chegar a Ásia navegando para oeste, os reis espanhóis Isabel de Castela e Fernando de Aragão financiaram a primeira expedição que levou Colombo a alcançar às terras do Novo Mundo com três embarcações, Nina, Pinta e Santa Maria, porém o genovês acreditava ter alcançado às Índias e não se deu conta de que chegara às terras de um novo continente, a região da atual América Central, precisamente o arquipélago das Bahamas na ilha chamada pelos nativos de Guanahani, mas ele a nomeou San Salvador, em 12 de outubro de 1492 e morreu nesse engano.

Para muitos historiadores a chegada dos europeus à América consolidou o fim da Idade Média e deu início a Idade Moderna<sup>28</sup>, assim chamada por ser considerado um período histórico que marcou uma nova visão de mundo para a sociedade ocidental.

Porém, quando o assunto é Modernidade há de se considerar os dois aspectos a ela pertinentes, quais sejam, o seu lado mais simplista e desenvolvimentista representado pelas novas invenções, bem como pelo avanço social, econômico, cultural, científico, tecnológico, para citar alguns, mas também não podemos perder de vista o conceito sobre o qual se fundamentou, isto é, o

---

<sup>28</sup> A Idade Moderna, tradicionalmente, é o tempo delimitado entre 1453, queda de Constantinopla para os Turcos Otomanos e 1789, Revolução Francesa.

sentido eurocêntrico a ela atribuída, tendo em vista que seu ponto de partida foi a Europa e considerar esse aspecto implica chamar a atenção para a propagação das diversas e múltiplas formas de desigualdade que daí decorrem. Considere-se também que o continente Europeu se tornou referência mundial de Estado Moderno como também de civilização e desenvolvimento, fatores que juntos culminaram para fundamentar um sistema de poder amparado pela lógica capitalista, resultando assim na chamada globalização (DUSSEL, 2000).

Assim é que através das Grandes Navegações, Portugal e Espanha confirmaram-se como os dois gigantes ultramarinos, prova disso é o acordo firmado entre os dois países em 1494 no intuito de demarcar os limites de exploração das duas potências através do Tratado de Tordesilhas, além de contribuírem sobremaneira para o desenvolvimento da colonização e reforçarem a política monetária em vigor na Europa e, desta forma, solidificar o capitalismo quando pensado a longo prazo, entretanto além dessas duas potência também se destacam Inglaterra, França e Holanda na arte de navegar.

Historicamente, constata-se a extinção do colonialismo em alguns territórios das Américas, porém o mesmo não acontece com a colonialidade. Para entender esse processo veja-se a diferenciação entre esses termos.

Aqui se entende o colonialismo como sendo um regime de poder impositivo e instalado em várias partes do planeta pelos europeus aos povos menos favorecido tanto econômica quanto tecnologicamente. Por sua vez a colonialidade é entendida como sendo a herança resultante do período colonial e, esta, mesmo considerando o processo de independência de alguns territórios, ainda se mantém e é perceptível, inclusive, nos dias atuais e nos mais diferentes âmbitos sociais, seja através das relações de poder assimétricas ou da perpetuação das estruturas mentais e materiais de dominação, pois o mundo pós-colonial continua a viver sob a matriz colonial de poder (GREEN, 2014).

Quando se busca a origem do termo colonialidade, Souza (2022, p. 3) informar que “O conceito de colonialidade foi introduzido pelo sociológico peruano Quijano, no final dos anos 1980, a partir da história das invasões europeias e da escravização”.

Ainda considerando o posicionamento de Quijano no que diz respeito à origem da colonialidade e seu vínculo com a globalização, a autora assim informa:

pensar a partir de um padrão colonial de poder ou de uma matriz colonial de poder seria uma resposta à globalização e ao pensamento linear global colocados em funcionamento na América Latina. Esse padrão ou matriz consiste de quatro domínios inter-relacionados: a administração e controle da economia, a administração e controle da autoridade, a administração e controle do gênero e da sexualidade e administração e controle do conhecimento e das subjetividades (SOUZA, 2022, p. 3).

Não é possível pensar a globalização desvinculada de um padrão ou de uma matriz colonial de poder tendo em vista que na América Latina põe-se em alto-relevo um pensamento linear global que abarca os quatro domínios interdependentes, quais sejam, administração e controle da economia, da autoridade, do gênero/sexualidade e também do conhecimento/subjetividade.

Corroborando com esse pensamento, Lander (2005) esclarece que, apesar de serem empregados recursos históricos diferenciados para colonizar, tais como evangelização, civilização, modernização e, inclusive, globalização, o que de fato prossegue é a ideia de que há um padrão civilizatório e tal padrão é entendido e “naturalmente” aceito como sendo superior e normal, o europeu e, este, por sua vez, deveria ser universalizado.

Se com Quijano se tem o conceito de colonialidade, com Lugones amplia-se essa concepção ao enfatizar que o processo de colonização fez surgir à divisão entre humano e não humano, dita divisão, por sua vez, faz brotar a demarcação de gênero com destaque e supremacia para o homem branco europeu, logo seguida da mulher branca europeia que funcionava como mera reprodutora tanto da raça quanto do capital, pois dentre os direitos a que o homem branco europeu arvorava possuir incluía-se aí o domínio do sexo oposto. Essa supremacia branca europeia foi imposta aos povos não pertencentes ao Velho Continente transmutando assim toda episteme do que se conhecia a respeito de raça, gênero e sexualidade e desta forma dificultando pensar foram dessa matriz (SOUZA, 2022, p. 3).

Para Sousa Santos (2010), dar destaque à questão colonial implica por em realce à dominação epistemológica que, a seu turno, acarreta na supressão de muitas formas de “ser”, bem como de “saber” e isso para privilegiar o pensamento, tido como único, do colonizador eurocêntrico. Essa forma ocidental

moderna de pensar é validada pelo teórico como sendo abissal, pois evidencia distinções não só visíveis, mas também invisíveis e essas distinções separam e isolam a forma radical daquilo que é validado e respeitado pelo Ocidente em prejuízo de outras múltiplas formas de conceber e existir no mundo.

É pertinente esclarecer que para Loose e Girardi (2021, p. 4) somente por volta da década de 1950 é que começa a surgir uma maneira singular de perceber o mundo, e assim levantam-se questionamentos a respeito da forma hegemônica de pensá-lo e dominá-lo. Os autores destacam ainda que essa hegemonia tem uma estreita relação com o poder e não só econômico, mas também e, inclusive, com o poder político e social.

Os estudos centrados na questão colonial emergem, de forma esparsa, nos anos 1950 e propõem uma nova forma de observar e fazer o mundo, que discute a hegemonia do pensamento presente no Sul Global. Vários grupos, com diferentes denominações (anticolonial, decolonial, pós-colonial, etc.), posicionam-se contra a ideia do pensamento único e homogeneizante, que desumaniza e oprime o outro em razão de seus interesses. Assim, tratar da questão colonial é admitir que a divisão Norte-Sul ainda influencia territórios e modos de ser e existir, pois há modelos de desenvolvimento e conhecimento que são considerados e validados, e outros não, de acordo com a perspectiva de quem detém poder econômico, político e social.

Assim é que ao se considerar outras formas de ser, pensar e agir no mundo desocultam-se os processos de produção e valoração de conhecimentos, bem como as relações de destruição, discriminação e subjugação engenhosamente naturalizadas a partir do colonialismo e capitalismo, fenômenos que atuam de forma conjunta e apontam para as inúmeras possibilidades existentes que até então foram desconsideradas pelo pensamento dominante (LOOSE; GIRARDI, 2021).

Ainda considerando a dominação hegemônica mundial, Loose e Girardi (2014, p. 4, Apud PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 14), informam que ao tratar da construção do sistema-mundo moderno-colonial é importante recordar que

o surgimento da modernização se dá com a colonização, sendo “a descoberta da América decisiva para a consolidação da hegemonia europeia no mundo [...] às custas de servidão, escravização, etnocídio<sup>29</sup>, genocídio e ecocídio<sup>30</sup>”. O que depois foi chamado “processo de

<sup>29</sup> Destruição de uma civilização ou cultura de uma determinada etnia por outro grupo étnico.

<sup>30</sup> Extermínio deliberado de um ecossistema regional ou de uma comunidade.



globalização” nasce dessa exploração, com distribuição desigual de proveitos e rejeitos, sendo que as relações predatórias atravessam a sociedade até hoje.

Pelo dito acima, percebe-se que o que hoje chamamos de globalização na verdade é a velha colonialidade travestida em uma nova roupagem sendo possível afirmar que a modernidade e a colonialidade são duas faces de uma mesma moeda (CAJIGAS-ROTUNDO, 2007).

Corroborando com esse pensamento destaca-se Mignolo (2017), para quem a colonialidade é o “lado mais escuro” da modernidade e apesar de ter sua origem na Europa, expande-se e alcança o globo.

O autor ainda é de opinião de que se ainda se mantém a construção retórica da modernidade é tão somente porque consegue atualizar seus mecanismos de dominação e exploração a partir de novos discursos, isto é, fala reformulada, mas que possibilita a continuação da colonização, visto que se no início propagava-se a modernidade através da salvação religiosa e, portanto, da conversão ao cristianismo, depois, em nome dessa modernidade, avançou-se sobre os povos não europeus a pretexto de progresso, de desenvolvimento, de modernização e, inclusive, do estabelecimento da democracia (MIGNOLO, 2017).

Considera-se também que a manutenção da colonialidade é sustentada ainda pela exploração do meio ambiente, pois a “colonização da natureza e a hegemonia do conhecimento eurocêntrico são processos complementares, já que estão no centro de uma disputa sobre o poder de nomeação da moderna crise ambiental” (MARTINS, ESPINOZA, 2018, p.104).

Para Mignolo (2017, p. 6), a questão da natureza “poderia também ser assinalada como o quito domínio da matriz colonial, em vez de considerá-la como parte do domínio econômico”, pois a colonialidade como atualmente se configura, isto é, sua manutenção e retórica, dá-se através do domínio, da exploração e da conquista do ambiente.

Há ainda quem considere a natureza como aspecto crucial no que diz respeito ao processo de expansão capitalista, visto ser por meio dela que ganha corpo e forma a ideia de desenvolvimento. Com a globalização segue-se a mesma linha de raciocínio, pois emerge daí a própria racionalidade econômica, pois se vê a natureza como recurso e também como espaço, de onde insurge a ideia de

valorizar o internacional e, desta forma, distancia-se do próprio modo de ser, existir e viver de cada território (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Seguindo esse mesmo modo de pensar, Quijano (2014, p. 3) assim se expressa: “con América (Latina) el capitalismo se hace mundial, eurocentrado y la colonialidad y la modernidad se instalan, hasta hoy, como los ejes constitutivos de este específico patrón de poder<sup>31</sup>”.

Assim é que para o surgimento do sistema mundial moderno, tal como hoje se configura e se apresenta, com início no século XVI, imprescindível as Américas que, fugindo à regra, não puderam ser enquadradas a um sistema já existente e conhecido, porém fica a certeza de que sem elas seria impossível uma economia mundial capitalista.

Indo um pouco mais longe, pode-se dizer que a pós-modernidade continua ocultando a colonialidade, pois também foi autogerada unilateralmente na história do mundo moderno e apregoa o mesmo discurso que parte da Europa para as demais direções, porém através de movimentos de descolonização (ou independência) desde fins do século XVIII até a segunda metade do século XX, assim através do discurso apregoadado pela pós-modernidade tornou-se possível perceber a diferença colonial no mundo moderno. A emergência da ideia de hemisfério ocidental foi um desses momentos. Foi a imagem hegemônica sustentada na colonialidade do poder que tornou difícil pensar que não pode haver modernidade sem colonialidade; que a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivativa (LANDER, 2005, p. 36).

Como visto anteriormente, a colonialidade resulta de um processo de expansão territorial impulsionado pelas grandes navegações e ocasionando a descoberta de novas terras, porém ao se considerar esse fato, necessário se faz evidenciar as relações daí advindas e que são caracterizadas por diversas formas de domínio e exploração dos colonizados, seja através da mão de obra barata ou dos recursos naturais locais, resultando assim em acúmulo de capital por parte do país explorador.

---

<sup>31</sup> “com a América (Latina) o capitalismo se faz mundial, eurocentrado e a colonialidade e a modernidade se instalam, até hoje, como eixos constitutivos desse específico padrão de poder”.

Os povos colonizadores, ao se estabelecerem nas colônias, trouxeram com eles um modelo de colonização marcado pela dominação e exploração, sendo estas exercidas sob o território, à cultura e à religião dos povos colonizados. Isto porque, ao se estabelecerem nas colônias, os colonizadores controlavam os saberes e os fazeres dos colonizados, impondo a eles costumes e práticas advindos de seu continente de origem e, conseqüentemente, fomentavam a desvalorização da cultura local (AVILA, 2023, p. 2).

É pertinente destacar o contexto histórico e social vivenciado pela Europa no período das Grandes Navegações, qual seja, o Velho Mundo passava por um processo de transição. A Idade Média<sup>32</sup> já dava mostras de seu fim enquanto a Idade Moderna se levantava em pleno vigor; também requer atenção o surgimento do mercantilismo, feito que determinou algumas mudanças nas bases econômicas da sociedade, pois iniciava-se o estímulo de acúmulos de riquezas, principalmente de metais e pedras preciosas; outro acontecimento de grande relevância foi o surgimento do Antropocentrismo, isto é, passou-se a colocar o homem no centro das preocupações e essa nova modalidade de pensar contrapunha-se ao Teocentrismo, corrente filosófica que punha Deus a frente de toda inquietação humana.

Embora as Grandes Navegações tivessem como motivação inicial e principal a aquisição de novas terras e o acúmulo de riquezas, outros fatores também vieram somar-se a esses, são eles: Surgimento da centralização política, pois o feudalismo cedeu lugar ao aparecimento dos primeiros Estados Nacionais, isso é, a organização política e territorial o que ocasiona uma centralização política capaz de investir e financiar as aventuras marítimas; tem-se também o crescimento da burguesia, essa nova classe social trouxe mudanças para a economia vigente, pois não só apoiava e financiava as Grandes Viagens como também consolidava e centralizava a política; merece destaque o surgimento de novas tecnologias de navegação, principalmente a bússola, instrumento que possibilitou mapear e traçar rotas para o desbravar marítimo; destaca-se também a caravela, transporte sem o qual a travessia dos oceanos não seria possível e que em muito contribuiu para o sucesso das Grandes Navegações; importância também tem o alargamento do comércio, esse feito impulsionou a descoberta de

---

<sup>32</sup> A Idade Média é um período de aproximadamente mil anos da história ocidental, que se inicia no século V, com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e termina no século XV, com a tomada de Constantinopla pelo Império Otomano, em 1453.

consumidores para escoar os produtos fabricados na Europa; merece destaque ainda a conquista de novos territórios, pois para chegar a novos lugares e alargar o domínio exigia-se o desbravar de novos caminhos (SIGNIFICADOS, 2023, p. 2).

Todos esses feitos somaram-se para colaborar e impelir os europeus a realizarem suas viagens marítimas e fazerem suas conquistas.

Não se pode negar que as Grandes Navegações alteraram a história mundial e deixaram um rastro de consequências que perdura até a atualidade, foram elas:

consolidação do comércio como uma das bases econômicas do período moderno, grande quantidade de territórios conquistados, maior valorização de Portugal e Espanha nas questões econômicas, começo da escravização e do comércio de africanos, início dos processos de colonização de territórios em vários continentes (SIGNIFICADOS, 2023, p. 6).

Veja-se que as expedições marítimas motivadas pelo afã de obter novos territórios, ouro e especiarias, incentivaram ao comércio e movimentaram riquezas, além de ressaltarem sua importância que em muito se distanciava do que até então vigorava nas terras conquistadas, assim é que a conquista de novos territórios desencadeia implicações que ultrapassam o visivelmente conquistado, vai além, pois através do processo de colonização novos valores são implantados e novos sentidos apregoados fazendo surgir desta forma o colonizador e o colonizado, o civilizado e o selvagem, o culto e o inculto, o senhor e o escravo.

Nas palavras de Ávila (2021, p. 2)

O colonialismo, em sua essência, foi um período histórico derivado do processo de expansão territorial marcado pelas navegações e descobertas de novos continentes. Contudo, esse processo configurou a dominação de determinados países sobre outros, mais precisamente, o domínio das metrópoles sobre as colônias, estabelecendo uma relação de superioridade dos povos colonizadores.

Ao se estabelecerem nas colônias os colonizadores implantaram o modelo de colonização marcado, principalmente, pela dominação e exploração e para exercer esse domínio e exploração os colonizadores impunham aos

colonizados costumes e práticas advindos de seu continente de origem fomentando assim a desvalorização tanto dos seres quanto da cultura dos povos originários.

É por meio do colonialismo que se expande e se fundamenta o capitalismo, surgido originalmente no continente europeu. Com o capitalismo lançam-se as bases para o início da Modernidade, processo histórico e alicerçado por diversas perspectivas dominantes. A Modernidade, por sua vez, faz germinar a globalização.

É pelo advento da globalização que se tem a divisão do mundo em países centros, aqueles socioeconomicamente desenvolvidos em detrimento dos países periféricos, os chamados de terceiro mundo e/ou subdesenvolvidos (DUSSEL, 2000).

Note-se que com o processo inicial de colonização desencadeia-se a acumulação de riquezas, conhecimento e experiências e assim origina-se o eurocentrismo, situação em que os países europeus se situam no centro ou, melhor dito, auto intitulam-se supremacia modernista, cultural e territorial e assim agindo favorecem e promovem o sentido de superioridade em oposição aos demais países do globo (DUSSEL, 2000).

Ainda segundo Dussel (2000), a colonialidade, quando entendida como uma estrutura de dominação ou padrão de poder, ainda permanece fixa e estabelecida na sociedade mesmo sendo findo, formalmente, as relações coloniais para muitos países outrora colônias. Seguindo esse raciocínio entende-se ser a colonialidade uma consequência do colonialismo (DUSSEL, 2000).

### **3.2 Inés Suárez: Protagonismo Feminino em *Inés da Minha Alma***

O termo protagonista deriva do grego *protagonistes*, sendo que “*protos*” significa principal ou primeiro e “*agonistes*” significa lutador ou competidor (ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS, 2024, p. 1).

Esse vocábulo é muito utilizado na literatura como também no teatro, no cinema, na novela e afins para se referir ao personagem tido como sendo o principal e a respeito de quem se desenrola toda a encenação.

Trazendo o termo para o sentido figurado, entende-se como sendo “protagonista a pessoa que desempenha ou ocupa o papel principal numa obra literária ou num acontecimento” (ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS, 2024, p. 1).

Considerando a obra em estudo, entende-se ser Inés Suárez a protagonista da mesma, pois além de ser ela quem narra através de um resgate de suas memórias, é a personagem em torno da qual toda a narrativa ganha vida e cor.

O protagonismo feminino no desbravar da(s) América(s) é um tema por demais recorrente na literatura hispano-americana, em contrapartida, no que diz respeito ao reconhecimento e registro histórico bem pouco se tem quando se equipara os feitos dessas personagens e a importância a elas dedicados. Porém, um dado inegável é que essas mulheres figuram na história e lá se mantêm como que desafiando o tempo. Assim, no nosso caso, redescobri-las só é possível através da pena de escritoras como Isabel Allende que pela narrativa desvela, através da potencialidade e dos traços marcantes e peculiares da escrita feminina, Inés Suárez e sua coragem para adentrar em um mundo predominantemente masculino.

A visibilidade da mulher literata nas Américas é resultado de transformações gradativas realizadas pelo movimento feminista. Essas transformações por sua vez acabam por afetar e transformar, inclusive em escala mundial, os contextos histórico-sociais e assim emerge a mulher capaz de escrever não só por si mesma como também sobre si mesma.

Na contemporaneidade, quando o assunto é literatura feminina muito se discute a respeito da especificidade da voz que aí fala, narra e apregoa, essa discussão, por sua vez, remete ao questionamento de haver ou não um discurso essencialmente feminino, pois

em passado recente acreditava-se em diferenças de ordem biológica que determinariam a criação artística do homem e da mulher: o primeiro, sendo ativo, forte e dinâmico seria dono de uma arte idêntica à sua natureza viril; enquanto a segunda, sendo sensível, frágil, psicologicamente sutil, afetiva, ingênua, etc. criaria uma arte também delicada e frágil... (como vemos, já nessa diferenciação está patente a presença do modelo-de-comportamento que se considerava ideal para a mulher...) (COELHO, 1991, p. 94).

Como bem expressa Coelho, partindo-se de uma diferenciação biológica e dicotômica entre homem e mulher, chega-se ao fazer literário pertinente e pertencente a cada um desses gêneros e veja-se que esse modo de pensar se deu em um passado recente, mas há de se considerar também que por aí paira o modelo de comportamento a que cada um foi submetido e esse resultado é que motiva e determinada, em muitos casos, sua escrita.

A respeito das características que se sobressaem no discurso feminino, Coelho (1991, p. 94) assim esclarece:

Há ainda as pesquisas ao nível do discurso, que apontam como características “femininas” na literatura contemporânea: a palavra fragmentada; a tendência a impregnar a palavra escrita com elementos da oralidade; a insistência no próprio emissor (o discurso voltado para o sujeito que fala); a projeção da linguagem no nível simbólico; a tendência a explicar o universo em lugar de interpretá-lo; a predileção pelo “detalhe”, como ocorre com o relato popular.

É bom que se diga que as diferenciações estilísticas ou estruturais que compõe a escrita feminina desde seus primórdios são comuns à linguagem moderna e reflexo de uma crise cultural que atinge o nosso século, mas não se relacionam com características de uma maneira de dizer ou de um discurso literário feminino, tendo em vista que o estilo contemporâneo não estabelece nenhuma diferenciação plausível entre a escrita proveniente do homem ou da mulher (COELHO, 1991).

Definir a escrita feminina, no dizer de Lúcia Castelo Branco (1991, p. 13) é antes de tudo saber que esses textos se “distinguiam dos demais por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração próprios”.

Ainda considerando a autora acima citada, quando se parte para a definição do termo “mulher” a resposta nos remete a uma pessoa do sexo feminino, enquanto “feminino” por sua vez diz respeito ao sexo propriamente dito. Daí se depreende dúvidas e controvérsias, essas por sua vez se entrelaçam com a escrita feminina, pois

apontam para uma possível explicação para o fato de a escrita feminina não ser exatamente a escrita das mulheres, mas de estar relacionada à mulher, seja pelo grande número de

mulheres que escrevem nessa dicção, seja pela evidência com que esse discurso se manifesta no texto das mulheres, ou ainda pela “mulheridade” que está implicada na escrita feminina, mesmo quando ela é praticada por homens (há sempre aí, nesse tipo de discurso, uma certa voz de mulher, um certo olhar de mulher).

Não resta dúvida que a escrita feminina incomoda, seja porque mulheres escrevem e trazem a público a realidade nem sempre cor de rosa apregoadada e defendida por outras tantas, seja porque a gênero oposto se vê tocado, equiparado e agredido essencialmente no ponto que dizem fazer o diferencial entre os dois gêneros, sua intelectualidade.

Assim, a discussão da existência de uma escrita feminina remete a uma escrita diferenciada, essa diferenciação, por sua vez, abarca questões que versam sobre biologia, psicanálise e linguística, além da vertente cultural, pois esses temas são os que tentam definir tal escrita.

Por sua vez, falar a respeito de autoria feminina e do seu posicionamento crítico frente ao que a cerca, leva, inegavelmente, as pioneiras da questão, Virgínia Woolf e Simone de Beauvoir, pois enquanto no século XX Virgínia Woolf se atinha a questão da experiência, isto é, do pensar coletivo que terminava por engendrar a obra de arte, no século XIX a mesma autora põe em relevo a reclusão das mulheres como fator de destaque para o seu escrever.

Mas há uma polêmica que circunda a escrita feminina, qual seja, situar tal escrita dentro de uma tradição literária fechada, portanto, própria da feminilidade, e quando algumas literatas tentaram quebrar esse padrão passaram a ser vistas com hostilidade.

A esse respeito é relevante destacar o que diz Bella Josef (2005, p. 250):

Se nos anos 70 se começa a reconhecer-se a relevância da mulher como agente no processo de transformação social, e sua contribuição aos acontecimentos históricos, com o surgimento do interesse específico pela investigação e os estudos interdisciplinares sobre a mulher, pode considerar-se a década de 80 como a do boom na literatura escrita por mulheres.

Trazendo a discussão acima para o romance épico *Inés da minha alma*, tem-se que tal romance foi escrito em 2006, momento em que historicamente as mulheres já desfrutavam de um certo conforto no que diz respeito a sua inserção



no mercado de trabalho como também no espaço literário, porém com algumas reservas quanto se trata de sua inserção de forma plena no espaço democrático social.

E assim pensando é que se torna possível levantar o véu da personagem histórica Inés Suárez que apesar do desafio de viver em um contexto de dominação masculina tem participação relevante não só na conquista como também na colonização do Chile e é através do olhar dessa mulher que se reconstrói os contextos sociais vivenciados e experienciados por ela nessa época, é pelo seu viés que se passa a conhecer e reconhecer a mulher como agente que interage e transforma seu ambiente.

Um ponto que chama a atenção na obra é o fato de Inés Suárez não só conhecer suas limitações, mas ir além na tentativa de superá-las. A esse respeito veja-se o que informa a autora: “Eu aprendi a ultrapassar aquele mutismo teimoso que tomava conta de mim quando me zangava” (ALLENDE, 2006, p. 91).

Penso que um dos pontos cruciais para quaisquer que sejam as mudanças, sejam elas internas ou exteriores ao sujeito, é o saber-se. E pelo dito acima nota-se que Inés além de entender que emudecia quando se zangava compreendia também que precisava dar um novo sentido a esse fato, ou seja, ressignificar o seu sentir.

O mutismo a que muitas mulheres se submetem, tanto na época de Inés quanto na contemporaneidade, deve-se muitas vezes ao fato não só do desconhecer-se, mas também e, principalmente, pela autoridade machista a elas impostas.

Ao se dar conta do seu mutismo, Inés promove uma passagem do anatômico, isto é, de sua condição sexual e fisiológica, para o psíquico, ou seja, a trajetória do “tornar-se mulher”. Essa trajetória, de acordo com a psicanálise, supera a dicotomia masculino/feminino, bem como aquilo que está para além do corpo (LÚCIA CASTELO BRANCO, 1991, p. 18-19).

No que diz respeito a fazer valer sua vontade, é importante destacar o posicionamento de Inés quando decide acompanhar o amante no grande percurso para a conquista do Chile. Enquanto Valdivia, enredado por sua limitação machista, tentava impedi-la, ela, depois de convencê-lo, assim arremata: “Éramos parecidos, ambos fortes, mandões e ambiciosos; ele queria

fundar um reino e eu queria acompanhá-lo. O que ele sentia, eu sentia também, foi assim que partilhamos a mesma ilusão” (ALLENDE, 2006, p. 91).

Ouro aspecto a considerar e que chama bastante atenção no livro é o fato de Allende, através da voz de Inés Suárez, tratar a questão sexual, ou melhor dito, o fenômeno do erotismo com desembaraço, o que leva a inferir ter conhecimento do próprio corpo:

Era eu quem procurava ocasiões para estar sozinha com ele, para podermos fazer amor em qualquer sítio, não só atrás das portas. Ele tinha a habilidade extraordinária, que nunca encontrei noutro homem, de me fazer feliz em qualquer posição e em poucos minutos (ALLENDE, 2006, p. 5).

O reconhecimento do corpo bem como sua representação ou autorrepresentação relaciona-se precisamente com a problematização da identidade, pois remete a uma política de localização, isto é, a um espaçotemporal definido e ocupado (SANT’ANNA, 2006).

Falar a respeito do corpo necessariamente se faz citar Adrienne Rich, poetiza americana e quem primeiro pensou o corpo como sendo um signo de identidade e que remete a uma política de localização e desta forma se expressa: “Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima – o corpo (...), tentar ver como mulher a partir do centro” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 121-124, apud SANT’ANNA, 2006, 3).

Ainda a respeito da geografia do corpo, ressalta-se o dizer da filósofa Rosi Braidotti que o define como se fosse uma “construção cultural e uma interface, um limiar de energias heterogêneas e descontínuas, uma superfície onde se cruzam e se inscrevem múltiplos códigos (de raça, classe, sexo, idade etc.)” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 121-124, apud SANT’ANNA, 2006, 3).

Nos primórdios do movimento feminista um dos objetivos centrais era a reconceitualização do corpo da mulher, fosse porque se punha de relevo a decisão pela maternidade, a luta pela contracepção ou fosse porque se exigia para o mesmo corpo o direito à saúde, à sexualidade ou ainda pela denúncia da violência que ao mesmo corpo se cometia. Assim, configura-se para e pelo feminismo, como também para a literatura a reivindicação do corpo por ele mesmo, pois “o corpo é ele próprio uma entidade politicamente inscrita, sendo a

sua fisiologia e morfologia moldada e marcada por práticas históricas de condicionamento e controlo” (TONG, 1989, p. 76, apud SANT’ANNA, 2006, p. 4).

Por outro lado, Lúcia Castelo Branco (1991, p. 22) informa que

ao lermos um texto feminino, sempre esbaramos nesse corpo do narrador, ali exposto, a nos dizer que não é apenas um signo, uma palavra, uma representação, mas o que antecede ao signo, à palavra, à representação.

Fica claro que em se tratando de uma escrita feminina, absolutamente tudo deve ser considerado, o signo, a palavra bem como o que essa junção tende a representar e expressar.

Assim é que a mulher ao se dar conta do próprio corpo torna-se sujeito e se distancia da coisificação e do corpo enquanto apenas objeto e é com essa percepção que registra sua inserção no mundo literário.

A respeito dos temas que figuram na escrita feminina, Lúcia Castelo Branco (1991, p. 14) informa que “as autoras falavam muito da maternidade, do próprio corpo, da casa e da infância”. No que diz respeito à maternidade cabe destacar o posicionamento de Allende (2006, p. 14) que assim se pronuncia:

Acabaram-se as longas noites de beijos e as manhãs preguiçosas passadas entre lençóis; os nossos encontros eram cada vez mais raros, e quando existiam eram breves e brutais, como violações. Só os aguentei porque tinha esperança de engravidar [...]. Se tivesse filhos acabaria presa, como sempre acontece com as fêmeas; com filhos, teria sido abandonada por Juan de Malaga, condenada a costurar e cozinhar empadas; com filhos não teria podido conquistar este reino do Chile.

Inicialmente percebe-se um tom de lamento ao constatar que o marido já não é o mesmo de antes, que perdeu o romantismo e o enlevo de outrora, portanto, não está inteiro na relação e nem divide com ela o mesmo interesse sexual. Assim, os momentos de amor que agora figuravam no passado se restringem a um ato brutal beirando até mesmo à violação, mas ainda assim ela aceitava e se o fazia era motivada pela esperança de uma gravidez, ou seja, o que a condicionava a suportar aquela situação era o desejo de ter um filho. Seguindo esse raciocínio percebe-se que aí se insurge o aspecto cultural, qual

seja, o disseminado pela sociedade, de forma sorrateiramente ou não, de que a realização da mulher passa, quase que obrigatoriamente pela maternidade.

Mas cabe destacar também o momento seguinte, aquele em que Inés dá-se conta de que caso tivesse tido um filho inevitavelmente sua realidade seria outra, pois a responsabilidade da procriação traz amarras que mesmo com a liberação da sexualidade feminina ainda assim é capaz de subjugar-la à sua condição de fêmea, distanciando-a do sentir-se bem consigo e o que dirá com os demais?

Ela deixa bem claro na citação que com um filho existia grande possibilidade de ter sido abandonada pelo marido e como consequência ela teria que ser a provedora, para isso tendo que além de costurar, também fazer comida para vender e assim prover o necessário para a família; com um filho também ela jamais teria deixado sua cidade natal e ousado ingressar naquela aventura, pois não seria possível conciliar a maternidade com o imprevisível que foi a conquista chilena.

Sabe-se que no começo da escrita feminina uma das questões centrais era a própria condição feminina, isto é, versava sobre temas que a subjugava e restringia ao que era “próprio desse ser”, se assim é possível dizer, e no que diz respeito aos temas e gêneros literários, muitos são unânimes ao afirmar que os mais “adequados” seriam aqueles que discorriam sobre os romances sentimentais, além daqueles de confissão psicológica, pois muito trazem da alma e da “sensibilidade feminina”. Veja-se que a ênfase recai sobre temas sentimentais e domésticos e isso para se contrapor ao estereótipo masculino, viril, forte e, conseqüentemente, “superior”, presente nos textos de autoria masculina.

Seguindo essa toada destaca-se abaixo um trecho da obra de Allende (2006, p. 200):

O nosso mundo estava reduzido a uns quantos quarteirões dentro de uma muralha de adobe, às mesmas caras estragadas, aos dias sem notícias, à eterna rotina, às esporádicas saídas da cavalaria em busca de comida ou a tentar repelir um grupo de índios atrevidos, aos rosários, procissões e enterros. Até as missas foram reduzidas ao mínimo, porque só já tínhamos meia

garrafa de vinho para consagrar e seria um sacrilégio usar chicha<sup>33</sup>.

Aqui se nota, através do olhar e da fala de Inés Suárez, a descrição do ambiente onde se encontrava o colonizador, bem como o abandono e a solidão a que estavam submetidos. Pelo tom narrativo percebe-se a incerteza do por vir e a espera do auxílio que demorava a chegar, entretanto, um olhar mais atento também nos leva a inferir que há um juízo de valor quando Inés informa que as missas sofreriam uma baixa, pois o vinho estava quase no fim e seria um desrespeito ao sagrado usar a bebida dos índios, a chicha. Assim, entrever-se a realidade despida de ilusões e, portanto, bem distante daquilo que se apregoeou como sendo escrita feminina, isso porque no dizer de Coelho (1991, p. 95-96), a mulher também passou por um processo de amadurecimento e

Desse amadurecimento crítico resulta, na literatura, a presença cada vez mais nítida de uma nova consciência feminina que tende, cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites de seu próprio “eu” (tradicionalmente voltado para si mesmo, em uma vivência quase autofágica), para mergulhar na esfera do “outro”, – a do ser humano partícipe deste mundo em crise. Daí que o eu-que-fala, na literatura feminina mais recente, se revele cada vez mais claramente como “nós”. Em suma, nestes últimos anos, os problemas limitadamente “femininos” têm-se alargado no sentido de se revelarem ilimitadamente “humanos”.

É inegável a evolução, seja de consciência ou tecnológica, que acontece e se configura não só no mundo, mas também com quem nele habita. Essa evolução, de certo modo, torna complexo os problemas que passam a exigir mudanças e entendimentos e assim emerge a consciência feminina que tenta abarcar, através da vida e da literatura, a pluralidade do que a enreda e desta forma procura romper com os limites do eu e tornar-se plural na busca por soluções.

Ainda para prosseguir com essa linha de pensamento veja-se uma passagem do livro em que Inés Suárez ao ver a cidade em que estavam

---

<sup>33</sup> Bebida fermentada à base de milho e outros cereais produzida pelos povos indígenas da Cordilheira dos Andes e da América Latina em geral desde a época do Império inca. Sem indicativo da origem do nome, estudos da Real Academia Espanhola afirmam que deriva da palavra chichab, que, na língua aborígine do Panamá, significa “milho”.

assentados ser consumida pelo fogo ateados pelos nativos, decide com autonomia o destino de sete caciques que eram reféns do governador cortando-lhes a cabeça.

E então, hasteei a pesada espada com as duas mãos e descarreguei-a com força e ódio sobre o cacique que estava mais perto de mim, cortando-lhe o pescoço de um só golpe. O impulso do golpe atirou-me para o chão, onde um jorro de sangue me acertou na cara, enquanto a cabeça do cacique rolava aos meus pés (ALLENDE, 2006, p. 186).

Note-se que Inés decide e executa uma ação típica do gênero masculino e assim atua em obediência apenas a si mesma, porque entende ser desta forma que se porá fim, pelo menos naquele momento, a euforia da guerra indígena que se alastrava pela cidade e cumpre essa tarefa plenamente, pois como é possível verificar no trecho abaixo, os índios retrocedem ao verem as cabeças dos seus caciques sendo arremessadas para fora do muro da prisão em que se encontravam.

Só sei que não me faltaram as forças para as lançar todas pelo ar. Antes de lançar a última, uma estranha quietude caiu sobre a praça, o tempo parou, o fumo desapareceu e reparamos que os índios, mudos, apavorados, começavam a retroceder, um, dois, três passos e, pouco depois, corriam em fila, aos empurrões, retirando-se das ruas que já tinham tomado (ALLENDE, 2006, p. 186).

Apesar da condição desfavorável em que se encontravam os colonizadores, pois os indígenas já tinham tomado a cidade, a atitude de Inés, inesperada pelos nativos, faz com que eles, estarecidos por sua atitude abandonassem o cerco.

O trecho também faz um apelo a voz da razão ao evidenciar que se deve parar de banalizar as práticas, tidas por muitos como naturais, da superioridade masculina em detrimento da feminina, principalmente no que diz respeito às suas competências, habilidades e capacidades, pois esta ação de Inés em nada fica a desejar quando o assunto é competência, habilidade e capacidade.

Veja-se que de uma literatura lírica e sentimental, passa-se a uma épica e existencial, mas isso só é possível com o rompimento de polaridades que

sitiavam, isolavam e engessavam a mulher em um comportamento e modelo único, porém o que não se pode duvidar é que o olhar e a voz pertencem sim a uma mulher, portanto, o dito e o narrado são próprios deste ser e não importa a época em que isso aconteça.

### 3.3 Inés Suárez e o Entre-Lugar

Dá-se o nome de América Latina a dimensão geográfica que está situada na parte sul do globo terrestre e que abrange os países que falam línguas derivadas do latim (espanhol, português e francês) e opõe-se, portanto, à América anglófona.

Quem utilizou pela primeira vez a expressão “América Latina” foi o filósofo chileno Francisco Bilbao em 1856, também foi utilizada no mesmo ano pelo escritor colombiano José María Torres Caicedo em seu poema *Las dos Américas* e, ainda, pelo imperador francês Napoleão III quando da sua invasão ao México.

A América Latina, tida por muitos como sendo formada por países que se enquadram na categoria de subdesenvolvidos, diferentemente da América Anglo-Saxônica que teve uma colonização através do povoamento, sendo, pois o interesse em povoar e desenvolver o local, a América Latina, diversamente, enfrentou uma colonização de exploração, que como o próprio nome informa o interesse recaia sobre seus recursos naturais. Esse tipo de exploração enriquecia a metrópole enquanto os países explorados eram vilipendiados e destituídos de absolutamente tudo o que os caracterizavam. Assim, não é de estranhar que nos dias atuais ditos países sejam rotulados de subdesenvolvidos, pois enfrentaram/enfrentam um imenso atraso socioeconômico devido a esta exploração.

Se em um primeiro momento a América Latina se nos afigura como o continente imenso em dimensões e riquezas que incentivou e motivou a aventura da travessia atlântica, por outro destoa completamente quando a questão recai sobre a constituição dos seres que povoam essas terras já que por essas paragens não existe o sujeito unificado, mas sim a construção dos mesmos.

Desta forma é impossível falar de América Latina sem considerar o processo colonial, que por sua vez nos remete ao pensamento descolonial, aqui entendido como sendo o processo que promove um interstício para uma nova percepção crítica latino-americana. Dita crítica ganha forma com o seguinte dizer de Santiago (2000, p. 16):

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz.

Essa forma de pensar se nos oferece uma nova e significativa maneira de encarar o papel e a importância da América Latina que, apesar de tida como subdesenvolvida e díspare, é quem propõe a quebra da unicidade e da pureza racial que se mantinha no mundo por tempos imemoriáveis.

Essa quebra, seja da unicidade, seja da pureza racial se dá principalmente com a literatura ao se considerar que

a literatura constitui um caminho privilegiado de abertura e descolonização do pensamento, pois menos normatizada que o discurso científico, ela vai mais longe na busca de realidades escondidas (DUARTE, 2017, p. 31).

Assim, é a partir da literatura produzida na América Latina na década de 1960 que se tornou possível vê-la como tendo sua própria teoria e, portanto, buscou-se categorias críticas para a leitura dessa realidade, ditas categorias passam, sem dúvida, pela transculturação, heterogeneidade e entre-lugar (COSTA, 2013, p. 1).

Não resta dúvida de que é a partir do período das independências que surge na literatura latino-americana o espaço do entre-lugar e isso se dá porque a América Latina, no que diz respeito as suas letras

não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode tampouco reencontrar sua condição de “paraíso”, de isolamento e de inocência, constata-se com cinismo que, sem



essa contribuição, seu produto seria mera cópia – silêncio (SANTIAGO, 1978, p. 18, apud BARATA, 2022, p. 1).

A configuração a que se vê submetido o Continente Americano depois do período de independências dá-se de tal forma que se torna impossível ao mesmo prosseguir, principalmente na sua literatura, enfatizando e ressaltando sua condição primeira, qual seja, de paraíso, de inocência e de isolamento e também não pode mais prescindir do estrangeirismo, pois é este quem dá o tom para equacionar e contrastar a diferença.

O posicionar e agir humanos, seja no espaço geográfico, seja no campo literário, no crítico ou no científico fundamenta-se em elementos que constantemente passam por processos de reelaboração de significados, a reelaboração, por sua vez, quebra parâmetros e promove um novo olhar que resulta em um ressignificar, assim se entende que

O conceito de “Entre-Lugar” é consequência da ascensão de determinados fenômenos e elementos que passaram, notadamente nas últimas décadas do século XX, a demarcar a necessidade de novos olhares e interpretações das relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo, principalmente quanto ao sentido de pertencimento das pessoas em relação a esses locais (FERRAZ, 2010, p. 1).

Note-se que a diferença, o múltiplo e o híbrido alojam-se no núcleo conceitual do entre-lugar, da performatividade da autoficção, da crítica descolonial e do perspectivismo ameríndio (DUARTE, 2017, p. 25). É a partir do entre-lugar em que se vê o latino-americano que surgem estudos que o ajudam a se situar e a esclarecer seu posicionamento no pós-colonial, bem como no descolonial.

A respeito do conceito do vocábulo “entre-lugar” este surgiu com Silviano Santiago na década de 1970 e deu-se a partir de sua reflexão a respeito do intelectual brasileiro perante a dominação dos referenciais estrangeiros (FERRAZ, 2010, p. 16).

O entre-lugar, portanto, é um conceito que aponta para um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima (FERRAZ, 2010, p. 16).

Diferentemente de outrora, atualmente as fronteiras perderam sua nitidez e rigidez, isso porque a cada momento o humano elabora e reelabora seus referenciais interpretativos e estes, por sua vez, acabam por orientar seu agir e reagir perante o mundo e do contraste dessa dança de ação e reação emerge o sujeito latino-americano que pensa, escreve e apregoa a respeito de sua condição latino-americana.

E assim, nesta América Latina plural onde se deu a desumanização indígena, onde se destaca a insensibilidade do civilizado para com o silvítico, onde se embotou a história dos nativos e se apregooou a dos europeus, surge, de forma tímida inicialmente, uma produção literária e, como não poderia ser diferente, canônica, pois vinda de fora e inserida em uma tradição cultural europeia, ou seja, tem-se uma literatura que nos seus primórdios precisou seguir o modelo do seu carrasco.

Não resta dúvida que a literatura latino-americana tem por base o estrangeiro, mas por outro lado tem-se, de acordo com Santiago (2000, p. 19) fazendo referência a Barthes, uma posição ativa na tomada de seu espaço que o conduz ao texto legível e ao escrevível. Enquanto o texto legível pode ser lido, mas não reescrito, pois fixo e induz o leitor a permanecer no fechamento do seu interior, o texto escrevível, diferentemente, apresenta um modelo produtor que incentiva o leitor a abandonar sua posição tranquila e o convida a produzir textos.

Santiago (2000, p. 20) é de opinião de que o escritor latino é, antes de tudo, um leitor de texto escrevível, isso porque “sob um caráter de insubordinação, inquietude e com total consciência”, apropria-se do modelo canônico para “organização de sua própria escritura”, assim das incertezas que circundam esse sujeito

revela-se num entre-lugar histórico, entre o passado de sua origem e o futuro da modernidade europeia, num entre-lugar geográfico, entre a colônia europeia e a nação americana, mas acima de tudo num entre-lugar ativo de interpretação de sua realidade, o próprio lócus de enunciação (COSTA, 2013, p. 4).

Porém, considere que todo escritor remete a um leitor, aquele que tem poder de percepção e de interpretação de sua realidade. Esse leitor, por sua vez,

vem bem de encontro ao exemplo do lugar incerto, ou melhor dito, do entre-lugar que ocupa o sujeito latino. Assim pensando, nota-se que esse

“entre-lugar”, o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá, nem lá, é um determinado “entre” que tem que ser inventado pelo leitor. É capital, em tudo que penso, o leitor como manipulador de objetos. E esse leitor é que fica “entre”, entre o canônico e a cópia. Esse leitor, portanto, é capaz de ler e interpretar o que é a transgressão. Sem essa leitura da transgressão, ou bem nós fazemos alguma coisa que achamos original, mas no fundo não o é, ou a gente faz cópia-cópia, e acredita estar dando uma grande contribuição. (SANTIAGO, 2004 – em entrevista).

Portanto, é na efetivação de sua existência que o sujeito latino lança seu olhar e vê sua realidade não pertencente totalmente ao europeu, mas também não integralmente desvinculado dele, fazendo surgir assim a categoria da heterogeneidade que, segundo Cornejo Pollar (1994, p. 370), proporciona a “construção de uma arte reflexiva, debruçada sobre o caráter de multiplicidade, conflito e contradição da formação da sociedade e da literatura latinoamericana”.

Aqui nos prende a atenção além do escritor, o leitor, esse ser que atuando como coadjuvante da criação literária auxilia na construção de sentido, pois participa ativamente na interpretação dos fatos narrados.

A participação daquele que lê não se dá apenas pela ampliação das expectativas, antes possibilita e agrega novo valor ao lido, que por sua vez é acrescida à obra, além de questionar a narrativa para daí emergir novos significados, assim entende-se que

o ato de ler é tanto uma experiência individual quanto interpessoal: trata-se de um processo particular e pessoal, no momento em que cada leitor processa os sentidos do texto, e também interpessoal, visto que os sentidos não se encontram exclusivamente no texto ou no leitor, mas surgem a partir da interação entre ambos.

Com isso em mente, cabe destacar um fragmento da obra de Allende (2006, p. 90). Trata-se do posicionamento e ponto de vista bem particular que tem Inés Suárez a respeito do comportamento de algumas mães indígenas: “Por vezes, as mães deixam os recém-nascidos morrer à fome para não se afeiçoarem

a eles, pois sabem que lhos tirarão para os escravizar. Não achas que estavam melhor antes de chegarmos?”.

Esse questionamento Inés faz ao seu companheiro Valdivia e aí se nota um certo concordar com as mães indígenas e não se pode dizer que essa forma de ver tal particular realidade seja própria da espanhola que por lá chegou nem tampouco da mulher em que se tornou, mas tem-se um entre-lugar fundamentado efetivamente em uma existência singular, a existência do sujeito latino.

Tem-se também nesse fragmento um ato próprio e individual de ler a realidade, mas cabe, outro sim, o interpessoal, pois quando Inés indaga a respeito de os nativos estarem melhor antes de eles chegarem, deixa antever que daí se extraem novos sentidos que não se limitam obrigatoriamente ao texto, antes o extrapolam.

O protagonismo feminino na conquista da América pouco figura nos registros históricos, dele pouco se sabe, pois muito pouco se guardou a esse respeito, mas as imagens construídas em torno dessas mulheres perduram, assim é que a composição narrativa de Allende é feita de tal forma que é impossível negar o expresso olhar feminino frente aos mais diversos contextos sociais que Inés vivenciou.

Destaca-se também o entre-lugar quanto o assunto é idade, para plasmar o dito veja-se o trecho a seguir:

Já não consigo montar a minha égua, não uso cota de malha nem espada, não por falta de vontade, que vontade sempre tive de sobra, mas porque o corpo me trai. Faltam-me as forças, doem-me as articulações, tenho os ossos gelados e a vista nublada (ALLENDE, 2006, p. 6).

Dá-se ao nome de idade o “caminho” que o ser humano percorre do nascimento até finda sua existência terrena, porém independentemente da idade muitos situam-se à margem do caminho ou em um lugar à parte. Pelo trecho descrito por Allende é possível notar o desejo de Inés Suárez em executar determinadas ações, mas depara-se com a impossibilidade de exercê-las. Percebe-se por um lado a deterioridade biológica da carne e dos ossos e, por outro, o não desapego ao que se fazia antes e desse contraste surgem aí as

tensões e os conflitos, ou melhor dito, o entre-lugar que a idade impõe quando limita a ação humana contrapondo-se com o desejo de ultrapassar tais limitações.

O entre-lugar, na narrativa em análise, é vivenciado não só por Inés, mas também por sua ajudante e melhor amiga, Catalina, mas é Inés quem assim informa:

Aceitara ser baptizada para não ter problemas, mas nunca abandonou as suas crenças; da mesma forma como rezava o terço e acendia velas a Nossa Senhora do Socorro, recitava evocações ao Sol. Esta sábia e leal companheira ensinou-me tudo sobre o uso das plantas medicinais e os métodos curativos do Peru, tão diferentes dos espanhóis. A boa mulher afirmava que as doenças provêm de espíritos travessos e demónios que se introduzem pelos orifícios do corpo e se alojam no ventre (ALLENDE, 2006, p. 77).

Aqui se tem uma nítida situação de entre-lugar, verdade que vivida por Catalina, mas perceptível para Inés, e se perceptível para esta é porque com tal se identifica. Fica claro que a indígena aceitou a imposição do conquistador quando recebeu o batismo e até outro nome, mas por nenhum momento abandonou suas práticas mágicas e incompreensíveis para o europeu. E embora Inés soubesse que a ajudante assim agia, não a repreendeu nem a denunciou, portanto, aceitou e concordou com sua prática.

Pode-se dizer que o entre-lugar, portanto, é lugar do não pertencimento, um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima.

Assim é que figura na história essa Inés incontestável que em um momento salva e contribui para promover e restituir a vida enquanto enfermeira e, em um outro, é capaz destruí-la completamente quando mata de forma violenta e contundente os caciques em seu poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho pretendeu-se trazer para o centro da reflexão a obra literária latino-americana *Inés da minha alma* (2006), de Isabel Allende, escritora chilena de renome internacional e criadora de personagens femininas marcantes e destemidas como Inés Suárez. Dito romance está ambientado no século XVI e faz uma revisitação histórica ao período colonial chileno. Nele destaca-se Inés Suárez como narradora e personagem, portanto, quem tem a responsabilidade de revelar ao mundo esse momento histórico do Chile, mas o faz a partir do seu ponto de vista de mulher. Inés Suárez, personagem histórica, destoa do comum das mulheres de sua época, é ousada, destemida e sabe, como ninguém, lutar por aquilo que lhe prende o interesse.

Assim, com esse trabalho realizou-se uma análise da escrita de Isabel Allende em *Inés da minha alma*. E, de forma mais específica, buscou-se estabelecer as características e concepções da construção da escrita feminina no romance citado; tencionou-se também relacionar os fatores imprescindíveis para a conquista do Chile na visão de Inés Suárez; além de verificar, no processo de imbricamento, a memória e a construção identitária que situam Inés no entre-lugar.

Para atender a esses objetivos ativemo-nos a análise da obra em questão para daí depreender a possibilidade de uma escrita feminina no romance histórico em questão, mas antes partiu-se da concepção de que vive-se em uma sociedade que prima por um sentido lógico racional e esse discurso, de influência masculina, é apregoado visando dar sustentação às oposições dicotômicas que convenientemente costumam dar sentido a dita sociedade.

Há de se considerar que o que se tem de escrito, inclusive aquilo que diz respeito à mulher, foi escrito por homens, assim entende-se que apesar das reivindicações femininas, das mudanças e da evolução social, muito se perdeu, considerando-se a versão feminina, do contexto histórico, pois a história da humanidade tem uma única versão, a masculina, portanto, uma visão unilateral.

E essa é a razão pela qual se sustenta e justifica a pouca visibilidade da mulher não só na literatura, mas também em diversas funções e cargos sociais. E sem os embates do feminismo ao longo da história dita realidade permaneceria

inalterada, razão pela qual se ressalta aqui a importância e a significância da mulher no contexto histórico, bem como o reconhecimento de que se deve romper com a perpetuação dos obstáculos culturais que dificultam a visibilidade e atuação dessa mulher enquanto agente de transformação social.

Esse modo de agir e pensar o latino são resquícios do longo processo de colonização que viveu e nessa intersecção pouco se considerou o colonizado e sua cultura. Assim, pode-se hoje atualizar a fala de Cortázar quando o autor postula que é possível dizer que o maior ganho do movimento literário latino-americano foi, sem dúvida, a possibilidade dos próprios latinos tornarem-se conscientes de si através da escrita de seus literatos e desta forma reverem, repensarem e reescreverem suas realidades, pois de posse dessa identidade surge a possibilidade de se distanciarem da influência europeia, seja no mundo literário ou pessoal.

As letras foram as responsáveis direta pela revolução no continente latino, porém muitos são os embates e as discussões, algumas até acaloradas, quando o assunto recai sobre temas e produção literária femininas. É abundante o número daqueles que apregoam que há um modo único e próprio do fazer literário feminino, porém oportuno frisar e esclarecer que se uma obra é escrita por mulher, natural que a mesma traga as impressões, os pareceres, bem como o ponto de vista de quem a escreveu, independentemente de qual gênero pertence o autor.

Assim, aquilo que em um primeiro momento costumou-se chamar de escrita feminina, a rotina romantizada, os diários íntimos ou ainda a abundância descritiva de detalhes, quando se traz ou se faz uma atualização para nossos dias é perceptível que nessa escrita cabe a reivindicação e essa se dá, principalmente, pela linguagem, isto é, pela invenção de novas relações com a palavra, que necessariamente não se limita a descrição de uma rotina, antes, a ultrapassa, principalmente quando se considera a escrita feminina e, particularmente de Isabel Allende, que ambienta seus romances aportados em realidades que muito trazem das ditaduras e revoluções latino-americanas, divergindo assim, do idílico romântico do continente incógnito, exótico, mágico e paradisíaco que motivou as primeiras letras.

E se por um lado a literatura latino-americana tenha iniciado com a chegada do europeu nas terras de “além mar” e tenha se abastecido na fonte de movimentos como Romantismo e Modernismo, também é verdade que tinha um toque autêntico e originário ao descrever as próprias experiências, cultura e necessidades, além de trazer novas lentes com a ampliação do olhar feminino.

Responsabiliza-se Portugal pela primeira expansão marítima de toda a Europa e embora essa tenha sido uma descoberta inovadora desse povo pioneiro na arte de navegar e de estreitar laços comerciais com as mais diversas partes do mundo, também é de sua responsabilidade a colonização e a colonialidade que o continente “descoberto” passa a viver.

Ao falar em colonização vale destacar que é a própria Europa que se coloca como sendo o centro do Mundo, porém se assim o faz é a partir do momento em que se compara e/ou “descobre” a América, pois antes disso não havia correlato.

A herança deixada pela colonização europeia nas Américas são muitas e díspares, assim a percepção de Quijano é pertinente e atual quando esclarece que o fim do colonialismo no Continente Americano não implica necessariamente dizer que findou a colonialidade, isso porque o colonialismo se mantém e se sustenta através da continuidade da propagação do pensamento colonial, seja pela reprodução do discurso europeu nas américas, seja através do domínio econômico.

Dessa forma, a superação do colonialismo ainda é um processo em construção na América Latina tendo em vista que muitos se utilizam, reproduzem e dão continuidade ao discurso colonial para validarem ações cotidianas na sociedade e desta forma expressam e reportam as relações dominantes de poder, de saber e de ser.

A colonização se deu como forma de expropriação do país colonizado e ainda se mantém na contemporaneidade, pois é aí onde se assentam as formas de domínio e também de controle seja de recursos, de trabalho, de capital e, inclusive, de conhecimento, isto é, tem-se uma relação de poder manobrado pelo mercado capitalista a quem se dá o nome de modernidade, porém sem as Américas, impossível pensar em uma economia capitalista mundial.



Desta forma, tanto o capitalismo quanto a modernidade necessitam de um ressignificar, carecem de que sejam vistos como um fenômeno europeu que são e não planetário. E embora o mundo seja partícipe dessa ideia, nota-se que há distintas posições, além de imposições de poder, eixo que sustenta e organiza a colonialidade. E se nos primórdios do colonialismo americano a dilapidação de suas riquezas encontrava ressonância e legitimação mediante o uso da forma e supremacia político-militar daquele que colonizava, atualmente para garantir a continuação dessa expropriação outros recursos e mecanismos são utilizados, tais como, formações políticas, econômica e social, para citar algumas.

Como a dominação europeia deu-se nos mais diversos segmentos da sociedade latino-americana, natural que se consolidasse enquanto poder global e hegemônico, razão pela qual os paradigmas constituídos nas suas colônias tivessem por base essa mesma racionalidade e se negligenciasse, sobremaneira, o saber constitutivo dos povos originários, relegando-os assim a invisibilidade e tidos com pouca ou nenhuma deferência.

Na obra tem-se algo parecido, pois enquanto Inés se sobressai em atitudes ousadas para uma mulher de sua época, o mesmo não acontece com a princesa inca batizada com o nome de Cecília, pois é mediante a rede de espionagem e os conhecimentos que detém Cecília que os colonizadores muitas vezes são salvos da morte certa em Santiago do Chile, porém Allende deixa Inés em primeiro plano enquanto a princesa inca atua apenas como coadjuvante.

É verdade que Inés foi responsável direta pelo sucesso da expedição de Valdívia e que sem ela o regimento talvez não tivesse sobrevivido à travessia do deserto de Atacama ou tivesse perecido de fome quando sitiado pelos indígenas, mas há de se considerar que falhar com o regimento era falhar consigo mesma o que implica dizer que ela lutava, antes de tudo, pela própria sobrevivência.

Em suma, fazendo uma correlação do exposto com a obra em questão, percebe-se que o modo como Isabel Allende situa Inés Suárez na história do Chile, embora inovador, muito tem do ressoar da colonialidade, pois sendo Inés de origem espanhola e estando a frente da narrativa histórica da conquista chilena, nada mais natural que esse contar se dê considerando-se a perspectiva colonizadora. E tanto é assim que quando se considera os estamentos sociais nos quais Inés estava inserida, percebe-se que ela vai crescendo não só em

superação, mas também em imposição ao ponto de tornar-se dominante tanto no ambiente familiar, seu *lócus* mais restrito, quanto naquele de longo alcance, confronto com os indígenas.

A verdade é que a escrita de Allende e sua histórica Inés Suárez promovem questionamentos e levantam véus que impedem que se dê por concluída a análise ora pretendida, antes possibilita continuidade, principalmente quando se detém sobre a índia Catalina, a ajudante de Inés, esta além de predizer o futuro também promove curas que vão muito além do que a ciência apregoa, assim, penso que um outro aspecto a ser abordado nesta obra poderia ser o lado místico e a cura vivenciados pelos indígenas.

## REFERÊNCIAS

ÁINSA, Fernando. La invención literaria y la reconstrucción histórica. In: América: Cahiers du CRICCAL, nº 12, 1993. Histoire et imaginaire dans le roman latino-américain contemporain, v1. pp. 11-26; Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ameri\\_0982-9237\\_1993\\_num\\_12\\_1\\_1114](https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1993_num_12_1_1114). Acesso em 18 de junho de 2023.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ancia eterna**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Eles e elas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

ALLENDE, Isabel. **Inés da Minha Alma**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.

ALLENDE, Isabel. **Página pessoal da autora**. Biografia / História. 2023. Disponível em: <http://www.isabelallende.com/>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaquecline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ALONSO, G.; DÍAZ, R. **Reflexiones acerca de los aportes de las epistemologías feministas y descoloniales para pensar la investigación social**. Debates Urgentes: Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 75-98, 2012.

ANDRADE, Adriana Schmiedel de. **As relações entre literatura e história no romance república das carretas, de Barbosa Lessa**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul. 2016.

ARAÚJO, Lílian Falcão de. História, literatura e biografia: a construção social do êxito editorial de Isabel Allende no Brasil dos anos 1980. 2021. **ANPUH – Brasil** 31º Simpósio Nacional de História do Rio de Janeiro / RJ, 2021.

ARFUCH, Leonar. **O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdURJ, 2010.

AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade e Decolonialidade**: você conhece esses conceitos? 19/03/2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BERMEJO, Ernesto González. **Conversas com Cortázar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BEZERRA, Juliana. **Périplo Africano**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/periplo-africano/>. Acesso em: 01 de novembro de 2023.

BONACORCI, Ricardo. **Análise Literária**: Isabel Allende. 2020. Disponível em: <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2020/10/29/analise-literaria-isabel-allende>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

BORBA, Maria Antonieta de Andrade. **A função do leitor**. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12343/12343\\_5.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12343/12343_5.PDF). Acesso em: 20 de jan. de 2024.

BRANCO, Lúcia Castelo. **A escrita feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

BRITO, Mariana Gonçalves Campos de. **Literatura de autoria feminina**. Na América Latina. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, págs. 64 à 95.

CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. La biocolonialidad del poder: Amazonía, biodiversidad y ecocapitalismo. In: Grosfoguel, R; Castro-Gómez, S. (Eds). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, p. 169-194, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura y subdesarrollo**. In: MORENO, C. F. (org.) América Latina en su literatura. México, D. F.: Siglo XXI, 1972.

CANELLO, Marilene. Isabel Allende entre a arte e o mercado: Inés del alma mía e El zorro – comienza la leyenda. Dissertação de mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94110/canello\\_m\\_me\\_assis.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94110/canello_m_me_assis.pdf?sequence=1). Acesso em: 06 de set. de 2021.

CARDOSO, João Batista. Um diálogo entre memória, história e ficção na América Latina. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 86-104, ago./dez. 2012 (ISSN 2179-3948 – online).

CAVIEDES, Héctor B.; CÁRCAMO, Ulises S.; VALPUESTO, Raúl A. Don pedro de Valdivia y su hueste: el proyecto Chile y su ambito territorial. **Cuadernos de historia 18** – Departamento de ciencias históricas – Universidad de Chile diciembre 1998.

CEIA, Carlos. **Dicionário de termos literário**. 30 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/escrita-feminina/>. Acesso em 02 de ago. de 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1991.

CORBATA, J. **Feminismo y escritura femenina en Latinoamérica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

CORNEJO POLAR. **Mestizaje, transculturación, heterogeneidad** en Documentos de trabajo: jornadas andinas de literatura latinoamericana (Jalla)-Tucuman, 1995 - Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, n. 40, 1994, pp.363-374.

COSTA, Adriane Vidal. Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a Revolução Cubana. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2001.

COSTA, Nina Jacomini. **Leitura como desvelamento do entre-sujeito: entre o exílio e a imigração**. 2013. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/sures/issue/view/17>. Acesso em:16/01/2024.

DIANA, Daniela. **Romance histórico**. Toda matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/romance-historico/>. Acesso em 02/07/2022.

DUARTE, Cláudia Renata. **Do entre-lugar ao pensamento de fronteiras: caminhos da narrativa contemporânea**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2017.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de protagonismo**. <https://www.significados.com.br/protagonismo/>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

FERRAZ, Cláudio Benito O. 2010. Entre-lugar: apresentação. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows10/Downloads/eduufgd,+1+-+APRESENTA%C3%87%C3%83O%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Windows10/Downloads/eduufgd,+1+-+APRESENTA%C3%87%C3%83O%20(1).pdf). Acesso em: 17 de jan. de 2024. Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, 1º semestre de 2010.

FIGUEIREDO, Euridice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FLECK, G. Francisco. A literatura na américalatina: Da “angústia da influência” às estratégias de mediação – em busca da identidade. **Revista de Literatura**,

**História e Memória:** Inter-relações entre a literatura e a sociedade. Vol. 5 nº 6 2009 p. 75-91

FRAZÃO, Dilma. Isabel Allende: Escritora chilena. In: **EBIOGRAFIA**. 05 de out. de 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/isabel\\_allende/](https://www.ebiografia.com/isabel_allende/). Acesso em: 16 de mar. de 2023.

FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GGN. **Carta de Colombo Anunciando o Descobrimento da América**. 28 de março de 2013. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/carta-de-colombo-anunciando-o-descobrimento-da-america/>. Acesso em: 01 agosto de 2023.

GOUVÊA, Beatriz. Boom latino-americano: saiba como a literatura da América Latina ganhou o mundo. In: **Exclamación**. 10 de outubro de 2020. Disponível em: <https://exclamacion.com.br/2020/10/10/boom-latino-americano-saiba-como-a-literatura-da-america-latina-ganhou-o-mundo/>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

GREEN, L. Fracking, oikos and omics in the Karo: reimagining South Africa's reparative energy policy. In: **Anais do Colóquio Internacional Os mil nomes de Gaia**. Rio de Janeiro, de 15 à 19 set., 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com>. 2014. Acesso em: 18 de dez. de 2023.

GUAL, Carlos. **Apología de la novela histórica – y otros ensayos**. Barcelona: Península, 2002.

GUIARRARA, Paloma. Chile; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/chile-1.htm>. Acesso em 28 de junho de 2023.

HOOKS, Bell. **Não Serei Eu Mulher? As mulheres negras e o feminismo**. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

JOSEF, Bella. **História da literatura hispano-americana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves, 2005.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, p.8-23, 2005.

LOBO, Eulália Maria L. **Imigração e colonização no Chile colonial (1540-1565)**. Revista de História, [S. l.], v. 35, n. 71, p. 39-59, 1967. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126543. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126543>. Acesso em: 28 jun. 2023.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. Disponível em: <https://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental**. Vol. 58, p. 319-333, jul./dez. 2021.

LOPES, Adriana Goreti de Oliveira. Precursora da crítica feminista? Quem foi Juana Inés de la Cruz? Travessias, Cascavel, v. 12, n. 4, ed. esp., p. 149 – 162, dez. 2018. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAGALHÃES, Isabel Allegro. **O sexo dos textos**. Alfragide: Editorial Caminho, 1995.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **As históricas entrevistas da Paris Review II**. Seleção Marcos Maffei. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTINS, R. C.; ESPINOZA, R. F. Colonialidade e efeitos de verdade sob a perspectiva ambiental. **Contemporânea**. 2018. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/657>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

MEMÓRIA CHIELENA – BIBLIOTECA NACIONAL DO CHILE. **La primera española en Chile** – Inés de Suárez (1507-1580). Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100653.html>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

MIGNOLO, Walte, D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 32 (94), 1-18, 2017. doi: 10.17666/329402/2017.

MIGNOLO, Walter D.; GÓMEZ, Pedro Pablo. Trayectorias de re-existencia: ensayos en torno a la colonialidad/decolonialidad del saber, el sentir y el creer. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015.

MIGNOLO, Walter D. **El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura**. Un manifiesto. In: CASTRO-GOMES, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central,

Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MUNDO EDUCAÇÃO. Grandes Navegações: o que foram e consequências. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/grandes-navegacoes.htm>. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

MUSSILI, Bárbara. **Inés da minha alma**. 2018. Disponível em: <https://barbaramussili.com/2021/02/20/ines-del-alma-mia/>. Acesso em 23 de junho de 2023.

OLMOS, Ana Cecilia. El lugar del autor en la literatura latino-americana contemporánea. In: **Anais das IX jornadas andinas de literatura latino-americana**. Rio de Janeiro: Instituto de Letras Universidade Federal Fluminense, 2010.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PIAIA, Miquela. Sor Juana Inés de la Cruz e Kate Chopin: literatura de resistência em sociedades moralistas e repressoras. Raído, Dourados: UFGD, v. 14, n. 35, p. 30-49, 2020.

PISSARA, José Virgílio A. **Caravela**. junho de 2003. Disponível em: <https://fondation-lamap.org>. Acesso em: 7 de setembro de 2023.

PLÁCIDO, Edna Mércia Bezerra. **O realismo maravilhoso como aporte para a representação do autoritarismo em a casa dos espíritos, de Isabel Ilende e incidente em antares de Érico Veríssimo**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

RAMA, Ángel. El boom en perspectiva. In: **Signos Literários**, n. 01, janeiro-junho de 2005, p. 186.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIVERO, Carmen. **Inés Suárez, conquistadora do Chile: Isabel**



**Allende e a reescrita feminina da História.** 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5175/517567144052/html/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

ROBLEDO, Ángela Inés. Mulheres na filosofia – Francisca Josefa de la Concepción de Castillo y Guevara. Universidade Nacional da Colômbia – Orcid. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/francisca-josefa-de-la-concepcion-de-castillo-y-guevara/>. Acesso em: 24/01/2024.

SANT'ANNA, Mônica. A escrita feminina e as suas implicações: a recorrência ao corpo como signo de identidade. REEL – **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, a. 2, n. 2, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano** (1971) em Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 9-26.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, Marcio Renato dos. A invenção de um continente. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Boom-Latino-americano-Reportagem>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Discurso feminino, corpo, arte gestual, as margens recentes. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 104, p. 49-64, 1991.

SIGNIFICADOS. **Grandes Navegações**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/grandes-navegacoes/>. Acesso em: 23 de agosto de 2023.

SIGNIFICADOS DE EXPRESSÕES LATINAS. **Significado de alter ego**. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/alter-ego/>. Acesso em: 18 de junho de 2023.

SOARES, Angélica. Gêneros literários. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em <http://www.portifolium.com.br/sites/camudos/conterido.asp?IDPublicações=94>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Susane Petinelli. Mulheres na literatura latino-americana: o invisível também tem cor. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 246-262, jul/dez. 2022. DOI: 10.22456/2238-8915.125549. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.125549>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. Raído – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**. v. 10, n. 21, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/issue/view/208>. Acesso em: 03 de setembro de 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (Org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

TERRY, Eagleton. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TONG, Rosemarie. **Feminism Thought: A Comprehensive Introduction**. London: Routledge, 1989.

VICENTE, Ana. **Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens**. Recife: Círculo de Leitores, 1998.

VIGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Círculo do livro: 1994.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: Un féminisme décolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIANA, Larissa [et al.]. **História da América I**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

ZUCCO, Maise Caroline. Mulheres, feminismos em Florianópolis e suas relações com outros espaços de poder no território brasileiro. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.